

INDICE

Prefácio		Pagina	Data
61	A Verdade está... no coração	2	12.04.2001
62	No Sossego do Lar	10	20.04.2001
63	Gratidão e Reconhecimento	16	27.04.2001
64	Uma Promessa	20	04.05.2001
65	À Espera do Filho	24	11.05.2001
66	Calúnia	27	18.05.2001
67	Pureza de Consciência	32	25.05.2001
68	Uma Acusação	35	01.06.2001
69	Ingratas Recordações	39	08.06.2001
70	Zêlo e Carinho	43	15.06.2001
71	Sentimentos em Reflexão	47	22.06.2001
72	Momentos de Emoção	51	10.07.2001
73	Evitando a Paixão	55	10.07.2001
74	Somente Por Cortesia	58	27.07.2001
75	Maliciosos Sorrisos	62	03.08.2001
76	Quase em Lágrimas	65	10.08.2001
77	O Prazer de uma Vinda	69	17.08.2001
78	O Milagre Vem da Crença	77	24.08.2001
79	Leve Discussão	82	31.08.2001
80	Apenas Amigos...	86	07.09.2001
81	Em Torno de Uma Criança	91	14.09.2001
82	Paz e Amores	93	21.09.2001
83	Negócios	97	28.09.2001
84	Família	101	05.10.2001
85	Mas Não é Doce Recordar	104	12.10.2001
86	Palavras Que Machucam	107	19.10.2001
87	Sentimento de Culpa	111	26.10.2001
88	O Poder da Imaginação	114	02.11.2001
89	Atitude Inocente	118	09.11.2001
90	Da Cor da Paz	124	16.11.2001
Extra 2	O Pensamento de Cada Um de Nós	127	19.03.2001
Extra 3	Dor de Cabeça	132	12.04.2001
Extra 4	Enlevo Musical	135	18.05.2001
Extra 5	Homenagens	140	01.06.2001
Extra 6	Olhares...	143	03.08.2001
Extra 7	Só Fica a Saudade	145	31.08.2001
Extra 9	M & S – Divagações na Noite	147	21.09.2001
Poema	Poeminha Shipper	149	15.06.2001
Epílogo		150	26.09.2001

PREFÁCIO

Esta é uma homenagem a dois personagens que não são criação minha, mas que no decorrer dos oito anos de atuação nas histórias fictícias de Chris Carter no Seriado Arquivo-X, exibido pela TV no Brasil e no mundo, fizeram nascer no coração de seus apreciadores a melhor das emoções: o amor por eles.

Sendo assim, é que criei por minha imaginação, pequenos capítulos chamados DEVANEIOS, a fim de mostrar aos amigos e com eles poder compartilhar através da Internet, as emoções que nos causam esse par famoso, que aquece os nossos corações com o romantismo que é somente insinuado sutilmente no Seriado, mas que nós, denominados "shippers" fazemos questão de criar e curtir maravilhosas cenas de amor entre eles.

Devo acrescentar que as histórias aqui narradas, representam, na sua maioria, os momentos em que os Agentes dão por concluído o seu expediente de trabalho diário para o FBI, ou nos momentos de folga e finais de semana, já que, na realidade, não sei criar os casos fantásticos que possam ser investigados em suas missões e parto, assim, somente para as ocasiões românticas entre os dois.

Por essa razão peço-lhes que me perdoem se não for exatamente do seu agrado estas minhas histórias, mas é que, na verdade, eu gosto somente de escrever sobre a parte principal da vida... a sentimental.

A vida real, o trabalho, o ganha-pão, nos sustenta, realmente; é a sobrevivência do corpo, dos bens materiais.

Mas a vida sentimental é a sobrevivência da alma!

Pode ser que, em algum tempo, daqui pra frente, haja algum personagem na TV que nos dê tanta inspiração quanto esses dois. Pode ser...!

Só sei dizer-lhes que eu penso desta maneira: vai levar ainda algum tempo para aparecer ou jamais irão surgir tais inspirações para nós, escritores de fan fictions shippers.* Esta geração de agora está privilegiada em poder participar e pôr em prática suas idéias literárias baseadas nos dois "lindinhos".

Mas... e o que virá à frente?

O mundo está cada vez mais frio, mais céptico, mais insensível, mais conturbado e assim todos os bons sentimentos vão-se tornando obsoletos.

O amor, aos poucos, vai dando lugar ao interesse, à necessidade, à desonestidade, à deslealdade, à infidelidade, à hipocrisia e vai por aí...

E o amor é, com toda a certeza, a base de tudo; o alicerce que sustenta a nossa vida; nada pode desmoronar para nós se temos a nossa existência amparada por esse sentimento.

E é, sem dúvida, como o Senhor Deus nos ensina.

Sem querer, o criador dessa dupla de personagens fez transparecer por dentro dos gelidos equipamentos para transmissão de um seriado de assuntos assombrosos, místicos ou paranormais, o calor gostoso da paixão saindo de dentro do coração dos seus próprios personagens para aquecer e dar mais sabor à vida de seus fãs.

E é por isso que ser shipper nos dá uma gostosa sensação de felicidade.

Significa, antes de tudo, que nos integramos tanto à personalidade de cada personagem, que ele passa a ser um pedaço de nós e torna-se fácil, portanto, criar à nossa maneira tudo o que desejamos para eles e que é sempre o melhor, claro!

À Fox William Mulder e Dana Katherine Scully, os dois Agentes Especiais do FBI do Governo dos Estados Unidos, a minha homenagem sincera e emocionada dentro dos capítulos que fazem o conteúdo deste livro e que faço perpetuar nas letras suas aventuras, assim como guardo com todo carinho os 187 episódios que estão gravados em fitas de vídeo, no meu acervo de Arquivo-X.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson, os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que, mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos nos episódios por eles vividos em todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

Espero que estas histórias elaboradas de todo coração e colocando toda a minha emoção, possam agradar àqueles que as lerem.

Entre elas encontra-se o poema Recado Para Mulder e Scully, o qual me trouxe infinda alegria, pois com ele fui vencedora num concurso e cujo prêmio me emocionou e hoje vive na parede de minha casa, exibido como um maravilhoso troféu.

E para os que não conhecem Fox Mulder e Dana Scully, aqui vão alguns dados sobre eles:

Agente Especial Fox Mulder, 1,89 de altura, olhos verdes transparentes que às vezes tornam-se acinzentados, cabelos castanhos, feições marcantes, de voz suave e encantadora, olhar misterioso e de forte apelo emocional, o que o faz tornar-se um conjunto de beleza e sensualidade. Ele é conhecido por seus colegas no FBI como "O Estranho" (Spooky Mulder) devido a sua constante preocupação em correr atrás de seres alienígenas e fatos paranormais.

Agente Especial Dana Scully, 1,60 de altura, cabelos curtos e ruivos, belos e grandes olhos de um azul intenso, de uma beleza singela porém quase perfeita, não possui um corpo escultural, mas é dona de muita personalidade e emotividade em suas expressões.

Sempre céptica, usa muito sua racionalidade para enfrentar as idéias um tanto fantásticas do seu parceiro.

Quando os dois se conheceram nos escritórios do Quartel General do FBI em 1993, logo criaram entre eles uma "química metafísica" (conforme expressão usada pela atriz Gillian Anderson) que os faz sempre unidos, seja em que circunstância fôr. Eles, apesar de serem somente parceiros em seu trabalho, têm uma incrível afinidade.

Tratam-se apenas pelo sobrenome, até nos momentos de intimidade, por uma questão de preferência imposta por eles próprios, somente.

Aí estão, para seu deleite e para deixar correr a sua imaginação, os dois personagens principais deste livro, que fará a você leitor(a) feliz por estar usufruindo destas historinhas, escritas somente para incentivar as emoções dos seus pensamentos, os seus devaneios...

Wanilda Vale

Rio de Janeiro
26 Setembro/2001

A VERDADE ESTÁ... NO CORAÇÃO

*"Não é difícil encontrar a verdade;
o difícil é, uma vez encontrada,
não fugir dela."
Etienne Gilson*

Capítulo 61

FBI
Dana Katherine Scully
Agente Especial

Ela lê, examinando o crachá em sua mão.

Sente no coração um peso, o que a faz tornar-se ansiosa, talvez até um pouco pesarosa.

"- Não! Nada disso! - pensa - Tenho que sentir-me inteira e completamente feliz!"

Sim, é isso. Sabe e percebe exatamente que não tem razão de ser a sua tristeza por encontrar-se afastada de seu trabalho no Bureau., pois agora Dana vai realizar o seu maior sonho: ser mãe. Ter em seus braços o fruto do seu quase impossível amor com Mulder.

Num relance sua mente retorna ao desespero daquela noite de horror.

Lá no alto do escuro céu, a nave alienígena carregando a esperança de vida de Mulder, o retorno dele à este mundo... mas os gritos de Dana ecoaram na amplidão da escuridão.

Ela nem sentia o ardor da aspereza da terra sob seus joelhos dobrados no chão.

Só sentia o terror, o horror, o desespero da dor por perder daquele modo a oportunidade de salvar o seu amado.

E o seu clamor continuava ressoando na pretidão da noite.

E Dana Scully, de joelhos, deixou o corpo alquebrado vergar-se ao peso de sua dor. E de seu pranto.

Como num filme as cenas continuam a passar por sua mente.

Depois o corpo, a morte, o fim.

O corpo de Mulder sendo levado ao túmulo.

Seu alento, seu último suspiro fôra ali junto àquele esquife.

E suas lágrimas silenciosas eram a demonstração do sofrimento sem par que lhe dilacerava a alma.

Depois, meses de agonia maior que os anteriores, porque a desesperança, a certeza da morte agora era o sentimento que tomara conta do seu coração tão despedaçado!

Dana Katharine Scully, a forte e destemida agente do FBI então era apenas um ser frágil, quebradiço. Só queria viver por um só motivo que lhe dava forças: seu filho.

Mas agora... agora ambos estão felizes e em paz.

Ela e Fox Mulder.

Mulder. O seu amado, a sua vida, a sua alma gêmea, que lhe inspira um amor que transcende até a mais profunda das verdades.

Dana coloca o distintivo sobre um móvel e dirige-se para o quarto.

Mulder ainda muito enfraquecido, não tem encontrado motivação nem mesmo para jogar nos ouvidos de Dana as frases irônicas que lhe saem habitualmente da boca.

Ele está na cama, deitado de lado, olhos fechados, tez empalidecida.

Dana aproxima-se. Senta-se à beira da cama. Alisa suavemente os cabelos dele.

O seu Mulder querido está de volta.

À vida. Ao mundo. Ao seu coração. Aos seus braços ansiosos.

E com ele veio a verdade. A verdade que nunca deveria ter sido encoberta, por mais complicada e inverossímil que fosse.

A verdade que esteve sempre dentro de seus corações. A verdade do real sentimento que ambos tentaram esconder ou desprezar por longo tempo, na sua jornada juntos pela vida agitada e perigosa da qual sempre compartilhavam.

E essa verdade veio à tona. No momento certo, com seu filho; o fruto do seu verdadeiro sentimento.

E embora pudesse essa verdade causar certos embaraços em suas vidas, levando-se em conta que são solteiros, e mais a vida extravagantemente fora dos conceitos de um lar que ambos têm.

Mas essa é a verdade de suas vidas... a verdade de seus corações.

Mulder, sentindo o afago em seus cabelos, abre os olhos.

Num jeito triste. Cansado. Sofrido.

- Oi, Scully!

Dana chega-se a ele, abraçando-o ternamente.

Mulder abre os braços para receber os dela com carinho e especial atenção.

Enlaça o corpo amado, agora disforme pelo volume do ventre grávido.

Não há palavras.

Nas últimas horas somente há a alegria que se manifesta interiormente dentro de seus corações, por se terem reencontrado e sentido renascer a

felicidade de estarem juntos, embora o sofrimento ainda persista em compartilhar de seus momentos.

Dana deitada sobre Mulder, fazendo o possível para não jogar o peso de seu corpo sobre o peito enfraquecido dele, deixa-se levar pelo enlevo de tê-lo ali ao seu alcance.

- Scully, será que, naquela hora em que perguntei quem era você, quando estava voltando aos meus sentidos... você realmente acreditou que eu não a estava reconhecendo? O que se passou em sua mente naquele momento? - ele a aperta mais contra si.

Sente que o corpo dela está altamente sensível, enquanto seu coração está completamente carente de compreensão e carinho.

E o carinho que os aconchega é imenso.

Dana demora para responder à pergunta de Mulder. Enquanto mantém-se jogada sobre o tórax dele, permite que os soluços baixinhos saiam de seu peito abalado pelo sofrimento.

Mulder, ternamente, a envolve com mais calor e preocupação.

- Scully... não chore... eu não estou querendo fazer você sofrer! Eu pensei que essa lembrança iria diverti-la. Desculpe!
- Ah, Mulder...! - é só o que ela consegue dizer, porque os lábios mudos para palavras, somente servem agora para acariciar com beijos o pescoço e o queixo do homem que tanto ama.

Novamente ficam por vários minutos imóveis, agarrados um ao outro, sentindo o pulsar de seus corações em uníssono, sedentos de proximidade e carinho.

- Scully, alguém está muito incomodado com essa sua posição. Já percebeu?

Ela esboça um vago sorriso.

O bebê parece estar desejando virar cambalhotas onde se encontra.

- Ele está mexendo com os braços e pernas, é, Scully? - indaga, sentindo os movimentos dentro do ventre dela.

Dana assente, sorrindo entre as lágrimas.

Senta-se, endireitando o corpo, a fim de não mais incomodar a criança.

Em alguns segundos o bebê tranquiliza-se.

Dana segura a mão de Mulder em direção de sua barriga.

Mulder acaricia-a, levemente.

No mesmo instante forma-se como um pequeno volume móvel sob a pele de Dana.

- Sentiu o seu contato. - ela diz.
- O calor da minha mão?
- Isso também.

Mulder senta-se.

Une seu corpo ao de Dana.

Permanecem assim, parados, apenas sentindo os protestos de seu filhinho, que lhes declara, com seus incessantes movimentos, estar visivelmente incomodado por sentir-se apertado entre os dois.

Ambos riem, agora, percebendo as reações do bebê.

- Não gosta que o incomodem? - pergunta Mulder.
- Ou será que deseja poder tocar-nos?
- Duvido. Afinal sente-se importunado no seu espaço.

Silêncio. Permanecem somente sentindo em sua pele os movimentos lentos de seu filho.

Vez em quando uma espécie de pulinho vem do interior da pele bem distendida do ventre de Dana.

- Opa!! - sorri Mulder.
- Você sentiu?
- O que é, Scully? Um...
- ... chute mesmo! Ele bate com o pezinho...
- ... talvez uma forma de protesto!

A risada cristalina de Dana ressoa pelo ambiente.

Mulder afasta-se para segura-la pelos ombros:

- Dá pra ver sua felicidade.

Ela balança a cabeça, concordando. Faz menção de recostar-se.

Mulder ajuda-a, cheio de ternura, a buscar amparo para ela na cabeceira da cama. Reune travesseiros sob as suas costas.

- Tenho notado, lindinha, que há olheiras em você.
- Falta de dormir bem.
- Confortavelmente?
- Sim.
- Consegue somente recostar-se e dá pra passar a noite toda assim?
- Que jeito? É assim mesmo!

Mulder afaga-lhe os ruivos cabelos:

- Tadinha da minha lindinha!
- Não diga isso! - cobre-lhe a boca com as pontas dos dedos.
- Ele pode escutar! - sussurra ele sorrindo.

No mesmo instante um rápido e bem definido gesto faz Dana desenhar em sua face uma expressão entre dor e felicidade.

- O que foi? Desta vez doeu?
- Han, han! - ela confirma.

Dana coloca os dois braços sobraçando o pescoço de Mulder.

- Quanto sofrimento eu passei! Foram meses terríveis, Mulder!

Ele meneia a cabeça, entendendo.

- Sozinha, sofrida, ansiosa, angustiada... e desnorteada.
- Dogget a ajudou bastante, não foi?
- E como!! É um bom amigo.

Ele aperta-a contra si.

Pensa consigo mesmo. E os seus próprios dias de angústia, desespero, dor e saudade? Por quanta desgraça havia passado! Até chegar à própria morte! - recorda ele.

Mas havia recebido o dom do retorno à vida. Para os braços de sua amada Scully, Para o seu filho.

Sente-se agora completamente livre de pensamentos negativos, de antigas idéias atormentadoras.

Até pode pensar num futuro com sua Scully e o bebê... seu filho.

Mulder recosta-se à cabeceira da cama, junto a Dana.

Envolve-a com os braços, apoia a cabeça em sua avolumada barriga.

Com o ouvido encostado na pele dela, tenta ouvir qualquer som que possa vir de dentro do ventre de Scully, como as batidas do coração da criança.

- Filho... posso te chamar assim... meu filho... te quero muito assim como à tua mamãe que eu adoro. Olha... ela me faz feliz, sabe? É o meu mais doce alento de viver...

Dana afaga-lhe os cabelos revoltos, beija-o suavemente na face. E deixa-o entregue à sua conversa com o filho.

- ... filho, acho que você não deve nunca pensar em ser um agente federal, sabe? Dá muito trabalho... a não ser que sua vida dura seja amenizada por uma parceira...
- ... devotada!! - interrompe Dana.
- Scully?? - levanta o rosto rápido.
- Ahn?
- Olha aqui a minha cara! - ergue para ela o rosto impassível.
- O que foi, Mulder?
- Não está vendo?
- Vendo o que?
- Minha cara de pânico, Scully?!

Dana ri, prazerosa:

- O que houve, afinal?
- Eu ouvi um choro.
- **O que?!**

Mulder ergue o corpo, um tanto assustado.

- Scully, **eu ouvi!!!**
- Ah, Mulder, não inventa, por favor!

Mulder sentado, tem seriedade no semblante, enquanto mantém o olhar fixo no ventre de Dana.

- Estou certo de que ouvi, Scully!
- Bem, bem... Mulder... o que você pode ter ouvido... ahn... não é nada do outro mundo. Isso é um fato que pode acontecer.
- Pode?! - pergunta atônito, fitando-a nos olhos.

- Claro que pode, Mulder! Em raros casos é perfeitamente concebível e dizem até que quando acontece isso...
- ... o que tem?
- ... a criança terá muita sorte na vida!
- Ah, lindinha...! - beija-lhe a pele quente e distendida da sua barriga.
- Mas... Scully... - olha-a.. cheio de dúvida.
- Sim, Mulder?
- A criança já está toda formada?
- Completamente!
- Oh, oh! Vejamos... já tem olhinhos... boca... narizinho... orelhinhas...

Enquanto Mulder vai falando, Scully acompanha o discorrer das idéias dele, meneando a cabeça, sorridente.

- Ahn, ahn!!
- ... tem até o ... a... - fita-a, malicioso.
- Seja o que fôr, está tudo pronto!
- Lindinha, mas isso é formidável! - pára por instantes para prosseguir - Cabelos ruivos ou castanhos...?
- Bebês podem nascer até carequinhas.

Mulder levanta rápido a cabeça, olhando-a, franzindo as sobrancelhas, apertando os lábios.

- Não pode ser!
- Não pode o que, Mulder? Que espanto é esse?
- Skinner!! - pronuncia o nome e fica de boca aberta, fingindo horror.
- Ah, vá, Mulder!! Não tem graça nenhuma!

Mulder toma entre as mãos o rosto de Dana, com ternura e beija-a nos lábios, com um leve sorriso.

Rapidamente ajeita-se em seu lugar e retorna à posição anterior: cabeça apoiada sobre a barriga de Dana, acariciando-lhe a pele clara e morna, sob a fina camisola.

- Scully... - suspira profundamente - ... parecemos duas crianças, agora que passamos a nos tornar mais adultos... essa coisa maravilhosa que aconteceu será o prêmio para o resto da nossa vida... uma vida cansada que tivemos... de muita luta... perdas... desenganos... frustrações, mas...
- ... muito amor, carinho e compreensão, Mulder...! - beija-lhe os cabelos, enquanto os afaga - Mulder, o meu amor por você, o meu desejo por tê-lo de volta pra mim foi tão intenso... tão intenso... que Deus não resistiu em me dar esse presente, essa maravilha de trazer você de volta, pra ver que você fez gerar junto comigo essa criancinha, querido... eu te amo muito, Mulder! Não é um amor

- sentimento que ultrapassa todas as barreiras intransponíveis, até o sobrenatural...! Mulder... eu esperava noites sem fim poder sentir novamente esse calor do seu corpo contra o meu, seus braços que me enlaçam e protegem com essa ternura... - e ela, enquanto fala, enchem-se-lhe os olhos d' água - ... quantas vezes, Mulder, eu sentia exatamente isso que estou sentindo agora...essa emoção quase incontida... - as lágrimas descem silenciosas pelo seu rosto - ... e era tudo tão real... - suspira fundo e engole o choro - ... que eu sentia você, sua respiração, Mulder... seu hálito... como se estivesse aqui... do meu lado!
- Não chore mais, Scully! - ele murmura, segurando-lhe o rosto entre as mãos e retirando as lágrimas que caem, com os lábios - Scully, eu também sofri muito! No íntimo eu gritava pelo seu nome e me sentia aterrorizado, porque não podia te tocar, Scully... e a saudade me consumia, dia a dia... o resto... o resto você já sabe...

Um soluço cheio de dor escapa do peito de Scully, enquanto o sente junto ao corpo de Mulder., que também tem em sua face lágrimas de emoção a correr.

E Dana sabe que o seu corpo pede a proximidade do dele.

- Já não é mais um sonho, Mulder! - soluça, enquanto fala - É muito real! - É você... é você mesmo! - fala em voz entrecortada, enquanto sente a quentura abrasadora do corpo dele a queimar-lhe as carnes.

E ele a aperta com carinho, ternura e muito amor.

- Lindinha... - fala com a boca em meio aos cabelos dela - ...nunca mais, Scully, vamos permitir que nos separem... - beija-a nos olhos - ...eu... - beija-a novamente - ... te amo! - sussurra.

Neste momento Mulder encosta novamente a cabeça no ventre de Scully e em seguida, afasta-a; um grande volume está se formando, demonstrando que o bebê está desejando movimentar braços e pernas.

Dana emite um gemido de dor.

- Que foi, Scully? - assusta-se.
- Vou me recostar mais um pouco... - diz, cansada.

Ela está arfante, ansiosa e seu semblante denota um certo desconforto.

Mulder levanta-se rápido, preocupado.

- O que você está sentindo? Quer um pouco d'água?
- Ahn, ahn. - aceita.

Ele, solícito e apressado, dirige-se à cozinha.

Em poucos segundos está de volta.

- Aaaah!! - geme Dana, ofegante.

Mulder segura com mão trêmula o copo com água.

- O que está acontecendo?
- Sente-se aqui.

Ele obedece.

Ela segura-lhe a mão para coloca-la sobre sua barriga.

- O que está sentindo, Scully? Já... chegou a hora?
- Não... - responde cansada - ... não... que dia é hoje? Você pode me dar o calendário?

Ele ágil, corre a buscar o que ela lhe pede.

Traz em seguida até ela a folhinha.

- Aqui. Veja Mulder. Já há nove luas completas. É por isso.
- O que?
- O bebê já está tomando posição pra nascer.
- Scuuulyyyyy!!! Mas isso é fantástico! - ele sorri, estupefato e alegre - Eu nunca havia presenciado...
- Mas agora sim... e é inteiramente seu, Mulder!
- **Nosso**, lindinha! Nós dois lhe demos o dom da vida!
- **Mulder !!** - num grito repentino, Dana volta-se para ele, empalidecendo.

***"A vida é um constante processo,
uma contínua transformação, um
nascer, morrer e renascer."
Keyserling***

NO SOSSEGO DO LAR

***"O lar é onde o coração
do homem cria raízes."***

Ibsen

Capítulo 62

- O que foi, Scully?

Os olhos arregalados dela o estão deixando assustado neste instante.

- Meu Deus! - ela levanta-se rápido da cama, com Mulder acompanhando-lhe os gestos.

- Pode me falar o que houve? - pergunta, seguindo os passos apressados de Dana.

Mas ela já dirige-se agitadamente à cozinha.

- O leite!

- O que tem o leite?

Já chegados à cozinha consegue observar a bandeja do fogão inteiramente branca pelo leite que havia derramado durante a fervura.

- Ah, lindinha...! - e solícito corre a ajudá-la na limpeza.

* * *

Dana vasculha com mãos agitadas os utensílios na gaveta do armário.

Pega os talheres que está precisando.

Coloca-os na bandeja ao lado do prato já ali arrumado.

No seu íntimo sente imensa satisfação em preparar a refeição para o seu amado.

Toma a bandeja, encaminhando-se para o quarto.

Mulder está recostado sobre os travesseiros. Olhos fechados.

- Ooooi! - ela sussurra com voz doce, pousando a bandeja sobre a mesinha.

Ele abre os olhos.

- Scully, por que trouxe até aqui? Não precisava! - fita-a com olhar maroto - Ah...já sei... isso é para que eu não veja a bagunça da cozinha.

Dana cruza os braços, contrafeita:

- Já vi que você já está se recuperando bem rápido. Já falando gracinhas...!

- E você agora, lindinha... - faz sinal com os dedos para ela aproximar-se - ...não tem mais trabalho porque tem um apoio legal para os seus braços...

Dana olha para seus próprios braços cruzados, que encontram apoio no seu ventre volumoso. Começa a rir e aproxima-se de Mulder. Entrega-se ao abraço quente dele.

- Ah, meu Deus! Quanta falta eu senti disso! - ela exclama.
- Scully... a saudade quase me mata mais do que meu próprio sofrimento. Saudade dessa coisa boa que é ter você nos meus braços, assim... sentir a sua boca, o perfume dos seus cabelos... Scully...

Ela afasta-se, usando de imensa ternura:

- Vamos, Mulder, tome logo sua refeição.
- E você, lindinha? - fala, enquanto pega um garfo.
- Já belisquei tanta coisa que não sinto mais vontade de comer.
- Ah, não! Isso não pode ser! Você tem uma grande responsabilidade! - agarra-a com amor.
- Eu sei, Mulder, eu sei!
- Pois então?

Mulder toma em mãos a bandeja de sobre a mesinha, levanta-se da cama com rapidez e, enquanto Dana o olha estupefata vendo-o sair do seu repouso, ele, com uma das mãos segura a bandeja e com a outra enlaça-a pela cintura.

- Scully, acho que tenho que ter um braço biônico.

Ela ri, divertida.

- Que quer dizer com isso, Mulder?
- Que só com um daqueles, consigo abarcar sua cintura... porque estica... como o do herói de uma série de TV.
- Ah, tá. - ela diz - Só não esqueça é que você foi quem me fez ficar assim.
- Porque você queria um filhinho...!
- E você não?

Ele toma entre as duas mãos o rosto dela:

- E você, com isso, completou a minha felicidade, Scully. Esteja certa disso.
- Eu acredito em você... como sempre.
- Assim como as mulheres, todo homem sente desejo de ter um filho... sei lá... saber que passa a ter uma descendência... saber que pode gerar um novo ser... é isso! - puxa-a para a mesa - Venha, Scully, vamos sentar aqui.

Encaminha-a para a mesa e puxa uma cadeira, enquanto ajuda-a a sentar-se.

- Está tão cavalheiro comigo, Mulder! - fala, com um sorriso maroto.
- É... você precisa, Scully, de minhas gentilezas, pois vocês aí são dois...

Ele adianta-se para pegar uma colher no momento preciso em que ela vai também pegá-la.

- O que é isso? - ela espanta-se.

Mulder não responde. Com a colher pega um pouco da sopa que está no prato, diante de Dana.

- Mas Mul... - tem que cessar o protesto.

Mulder já leva até sua boca a colher da cremosa e fumegante refeição.

- Assim... Scully... hum...? Você é a minha garotinha, tão pequena, mas que vai me dar uma outra garotinha... ou um garotinho? Sei lá... eu amo vocês dois... - vai falando, enquanto coloca a colher na boca de Scully, pouco a pouco.

Durante alguns minutos permanece esta cena carinhosa dos dois.

- Chega, Mulder! Não quero mais...!

- Tem que se alimentar bem, lindinha!

Ela afasta com a mão a dele, que lhe chega à boca segurando a colher com sopa.

- Não quero mais... por favor... sim?

- Ok, ok. Tudo bem. Como quiser.

Ela fita-o, espantada:

- Está zangado?

- Claro que não; por que?

- Lembrei de uma frase de tempos atrás. - ela ri, tapando a boca, lembrando-se do passado - Às vezes, Mulder... depois que você... quando ... ahn...

- Quando eu morri...

- É isso... faltou-me coragem para falar nisso... então eu me punha a pensar como poderia suportar os dias sem ver você... depois de assistir a tudo aquilo... - seus olhos marejam de lágrimas - ...Mulder... eu não estava aguentando... eu tinha que levar minha vida na rotina do dia, no trabalho... mas via você em toda parte... eu via você sentado à mesa, via-o junto aos arquivos... via-o aqui em casa... em toda parte... - e sua voz entrecortada pelo pranto deixa Mulder consternado.

- Scully... - afaga-a na face com os lábios - ... não relembre isso, porque agora estamos aqui... juntos....

- Sim, Mulder. - ela fala com o queixo apoiado no ombro dele, que havia abaixado-se para assim permiti-la fazer-se alcançar entre seus braços.

- Vem, Mulder.

- Espera lá no quarto. Vou fazer uma coisa.

Ela o aguarda ainda por segundos. Sai, então, dali.

Mulder vai , rapidamente, para a máquina de lavar pratos e coloca os pratos e demais vasilhames nela.

Precisa ajudar Dana. Em tudo.

* * *

- O que foi isso, Mulder?
- Esse barulho estranho?
- É...
- Será porque a máquina está meio balançante lá?
- Que quer dizer com **balançante**?
- Está fora de nível.

Dana dirige-se para o lugar de onde vem o barulho. Chega até a cozinha.

- Jesus, Mulder! O que você fez?!

Ele já encontra-se perto dela.

- Lavei a louça, claro!
- Mas, meu Deus, Mulder, não me diga que essa caixa de sabão aí foi pra alguma coisa?
- Lógico que foi pra lavar a louça!
- Ah, não!! - não contém o riso - com sabão de lavar roupas! Não acredito!
- E não é a mesma coisa?
- Você está brincando! O sabão da lava-louças está aqui, Mulder! - retira uma caixa do armário.

Ele chega-se mais para ela, falando em tom baixo:

- Não me diga que não é a mesma coisa...

Dana encara-o. Mãos à cintura, desafiadoramente sorridente:

- Não é a mesma coisa, homem! Já se viu isso? O sabão para roupas tem perfume!
- Ora, ora, Scully! Não faça tempestade num copo d'água!

Dana dobra-se de rir com a atitude impensada de seu amado.

Mulder encaminha-se para a sala.

Senta-se desanimado no sofá, semblante aborrecido.

Dana o segue em seus passos.

- E eu só queria te ajudar...! - lamenta-se.

Dana achega-se para ele, tomando-lhe as mãos, as quais leva junto à sua face, carinhosa.

- Oh, Mulder, queridinho... meu doce... eu não estou dizendo que você não ajudou, tá?

Ele não responde, ainda emburrado.

- Hum...? Não vai falar comigo?

Ele apenas a olha.

- Eu quero dar uma mordidinha nessa bolotinha ...

Já agora Mulder tem quebrada a sua expressão séria e fita-a, brincalhão:

- Qual das duas você quer? A do lado direito ou...
- Pára, Mulder...! - sussurra - Eu me refiro somente à bolotinha do seu queixo com esse... dá mordicadas - ...com esse burquinho dentro...

- Eu também aprecio buraquinhos...

Em dado momento agarra-a e senta-a em seu colo.

- Mulder! Você já está com todas as suas energias!! - comenta excitada.

- Ou você pensa que minha fraqueza iria durar pra sempre, Scully?

- Não... nem tanto... mas também não imaginava é que...

Ele não a deixa falar.

Coloca seus lábios molhados suavemente sobre os dela.

Alisa-lhe os cabelos, retirando-lhe do rosto algumas mechas caídas sobre a face.

- Scully... eu não morri totalmente... eu ainda estou bem vivo... com todos os meus sentidos em forma...

- Eu sei.. - ela murmura-lhe aos ouvidos - ... eu sei... nunca duvidei disso...

Mulder pouisa a mão espalmada sobre o ventre dela.

Um grande volume aparece em movimentos ondulantes.

Ambos riem-se, divertindo-se com a cena.

O ruído da campainha os faz parar seu divertimento.

- Quem será? - pergunta Scully, curiosa.

- Pela hora, talvez algum dos nossos colegas de trabalho.

Scully vai abrir a porta, enquanto Mulder saboreia um biscoito, tranquilamente, enquanto dirige-se ao interior do apartamento para vestir uma camisa.

- Senhor Skinner!

Mulder ouve a exclamação de Scully, vindo da sala.

Dirige-se para lá, abotoando a camisa.

- Agente Mulder, como está?

- Como vê... ainda vivendo.

Enquanto a porta está aberta, outro visitante mostra seu rosto.

- Doggett!

- Como vai, Mulder? E você, Scully?

- Entrem, entrem! - convida-os ela a entrar.

- Dêem-me licença; é só um minuto! - pede Mulder, afastando-se.

Skinner e Doggett acomodam-se em poltronas. Ambos abrem um amplo sorriso para Dana, ao vê-la com a felicidade estampada no rosto.

- Eu peguei carona com o Doggett e ao passar perto, resolvemos subir até aqui.

- É muito bom revê-lo. - diz Dana.

Alguns minutos passam-se, enquanto conversam animadamente.

Num dado momento, Dana sente que deve chamar Mulder para a sala.

Afinal ele precisa conversar com os amigos.

- Esperem só um pouquinho, por favor! - diz aos visitantes.

Dirige-se ao quarto. Mulder não está lá.

Vai para a cozinha.

Lá está Mulder: camisa inteiramente molhada numa mancha escura. A cafeteira com o café esparramado integralmente sobre o aço da pia.

Somente o aroma da bebida pode ser aproveitado.

Dana leva as mãos à boca:

- O que que é isso?!

- Eu só tentei fazer um cafezinho, Scully! Só isso!!

Dana sorri num jeito brando.

- Eu só queria servir um cafezinho com biscoitos de ... sementes de girassol...! - ele explica.

Dana sabe que nem deveria rir demais pelo acontecido. O seu riso franco poderia até fazer os visitantes entenderem que Mulder estava **enrolado**, na cozinha, quando na verdade, estava somente um pouco ... **embaraçado**.

Chegou próximo a ele, fazendo-o abaixar a cabeça até sua altura e segurando-a, beijou-o no pescoço, na face, nos olhos, no queixo.

- O meu Mulder bonzinho... lindinho... que só quer ajudar... obrigada.

- acaricia-o

E, num gesto rápido, dá-lhe uma boa palmada na nádega, enquanto o beija. E logo fala:

- Vá já, agora mesmo, trocar essa camisa e atender as visitas.

E enquanto Mulder afasta-se, sem protestar, ela com ternura, acompanha-o com o olhar repleto de amor, meditando como se sente uma mulher tão feliz, nessa simples união, como se fosse verdadeiramente um casamento com Mulder.

*"Antes do casamento os
olhos devem estar bem
abertos; depois do casamento,
semi-cerrados."
Benjamin Franklin*

GRATIDÃO E RECONHECIMENTO

*"O reconhecimento é a
memória do coração."
Massieu*

Capítulo 63

As noites para Dana haviam sido longas, solitárias e frias.

A voz do seu coração não tinha como se expandir.

Os seus anseios mais ínfimos não conseguiam ser satisfeitos.

Ela, neste momento, nos braços aconchegantes e quentes de Mulder, medita sobre a situação pela qual havia passado meses atrás, e que agora, no entanto, só tem que agradecer a Deus tanta alegria e felicidade.

Rememora há duas horas atrás.

Ela escutara a chave girando na fechadura da porta. Seu coração batera forte. E sentira-se feliz porque já estava achando-se bastante cansada e solitária àquela hora da noite. Foram muito longos e sofridos os meses sem o seu amado.

- Lindinha!

Ouvira a voz querida de Mulder a chamá-la.

Escutara o tilintar das chaves dele ao serem jogadas sobre a mesa.

- Oi! Estou aqui!

- Olha o que eu trouxe pra você!

Dana o vira entrando no quarto.

- O que é, Mulder?

Ele colocara o pequeno embrulho nas mãos dela.

- Por que não abre? - ele retrucara, apressado.

- Deixa ver... - começara a desembulhar o presente.

Com dedos frenéticos ela desfizera o pacote em suas mãos.

- Oooooooh, Mulder! Que lindo! Que sonho!

- Eu acho que representa um verdadeiro símbolo pra nós.

- Um símbolo?! - olhara-o surpresa.

- Sim! Repare bem!

Dana observara o objeto delicado em suas mãos.

Dois corações entrelaçados, esculpidos em jade e pousados sobre uma base brilhante e escura também em pedra.

- É muito lindo, Mulder! Esses são os nossos corações unidos pelo nosso grande amor.

- É sim, Scully.

- Representará, na verdade, o nosso símbolo, de hoje em diante.
- Ahn, han! Venha cá, lindinha! - ele a puxara, mansamente, enquanto a abraçara, embalando-a com doçura - Como passou o dia hoje?
- Mulder, é minha obrigação me preservar para que nosso bebê nasça em sossego, mas eu sinto mesmo a falta do trabalho.
- Você está brincando, Scully! Tem a maior sorte de estar de folga! Esse caso lá na plataforma petrolífera me esquentou a cabeça.
- Quer falar sobre isso?
- De jeito nenhum. Junto com você só quero esquecer a lida do dia.

Dana o abraçara, carinhosa.

- Huuum... tadinho! Tá cansado... é merecido ter uma noite sossegada.
- Vem cá ... - ele puxara-a - ...senta aqui... - fizera-a sentar em seu colo - ...vocês dois estão cada vez mais pesados!!

Ela agarrara-se ao pescoço dele.

Colara a face à dele, as bocas muito próximas, os cílios se roçando...

- Mulder... eu sofri muito nesse quase um ano... mas agora... hoje, por exemplo, há tanta felicidade dentro de mim, que penso que vou explodir por dentro...

Ele beijara-a nos olhos, ternamente.

- Eu sinto o mesmo, Scully. Também estou feliz.
- Espere, Mulder... você nem tirou ainda a roupa pra ficar mais à vontade... vai... vai... anda! - incita-o a ir.

* * *

A TV exhibe imagens que não estão atraindo a atenção do casal.

Mulder com o laptop à mão, usa-o, enquanto faz anotações num papel, sentado à mesa.

Dana, no sofá, pés esticados sobre o assento, deixa-se relaxar, enquanto tenta olhar para a tela luminosa da TV, o que somente lhe causa muito sono e, aos cochilos, tenta manter-se acordada.

Em dado momento, Mulder manuseando os papéis, sente que sua vista embaralha-se-lhe à frente. Sente-se cansado e sonolento. Olha para onde está Dana, no sofá.

Ela adormecera e um leve ressonar a faz movimentar o peito.

Mulder sai de onde está.

Aproxima-se de Dana. Observa-a

Dobra os joelhos no chão, para ficar mais próximo e contemplá-la.

Ali está Dana Katherine Scully, a sua parceira, sua amiga, o sua paixão, a sua mulher.

E em seu ventre carrega o fruto de seu amor .

Aquele atormentado e quase impossível amor quase irrealizado.

O ventre de Dana, bem pronunciado, faz mostrar os movimentos do bebê.

Dana nem pode sentir, pois dorme tranquilamente. Está aproveitando os momentos em que pode fazê-lo, pois, na realidade, é rara a chance do bebê permitir-lhe esse prazer.

Mulder continua a contemplá-la, como se estivesse examinando algo muito precioso.

A sua Dana querida. Amada criatura que sempre fôra o seu alento para viver sua atormentada vida de sofrimento, dor e solidão.

Todas as vicissitudes pelas quais havia passado, não fizeram-no, porém, esquecer esse seu grande amor por Dana. A gratidão que sente por ela sempre tê-lo compreendido e aceito seu modo de ser e ter para com ele paciência e abnegação.

Mulder, ainda ajoelhado junto a ela, retira, cuidadosamente uns fios de cabelo que caem-lhe sobre a testa. Cobre-lhe a pele branca deixada à mostra pela camisa larga que havia levantado, expondo Dana à temperatura fria da noite.

Passeia o olhar sobre toda a extensão daquele corpo pequeno, lépido e frágil, que nesta temporada está pesado demais.

A sua Dana, que sempre o entendera em suas atitudes às vezes impensadas, imediatas, como é de seu temperamento, é digna de seu reconhecimento.

Fica imaginando o sofrimento quase absurdo dessa mulher que está ali diante de seu olhar, terno, amoroso. Quanta dor e solidão deve ter sofrido em sua ausência involuntária.

- Minha Scully... - murmura, com imensa ternura.

O bebê continua seus movimentos de protesto pela posição de sua mãe, que, vencida pelo sono e o cansaço, deixa-se levar para os braços de Morfeu, sob o olhar apaixonado, respeitoso e, além de tudo, grato de seu amado Mulder.

- Ahn?? - num gemido ela abre os olhos, suspirando - O que foi? - ela o vê ao seu lado.

- Eu é que pergunto... estava sonhando?

- Não... acho que não. - sorri e senta-se.

- Scully... o nosso filho estava na maior aula de ginástica aí dentro. Quase que eu providencie um negócio pra ele...

- ... um negócio?! - ri, sem entender.

- ... uma música para servir de fundo à aeróbica que ele estava fazendo.

Ele ajuda-a a levantar-se.

- E você estava olhando, Mulder?

- Por um bom tempo...!

Ela pousa a mão sobre a barriga abaulada.

- Ah, meu Deus! Eu queria tanto uma coisa!

- O que, Scully?

- Comer umas sementes de girassol! - fala rindo.

- O que?!! Pegou o meu vício?
 - Mulher grávida é assim mesmo, Mulder!
 - Tá bom... mas o que a impede de comer o girassol?
 - A falta das sementes...
 - Falta?! Por que?
 - Comi o restante que tinha, pela manhã.
 - S-cuu-lyy!! Tinha mais de duzentos gramas, ainda no pacote!!
 - Tem certeza? Eu as comi em cinco minutos!
 - Liiin-diii-nhaaa!! E não está sentindo nada?
 - E por que deveria sentir, Mulder? Por causa do óleo que elas contém?
- Não penso nisso!

Ele abraça-a sorrindo e tomando-a no colo.

- Você está desejando comer girassol, Scully?
- Eu não, Mulder! Estava brincando! De jeito nenhum!
- Está certa disso?
- Certíssima... só queria ver sua cara de pânico! Se não fosse por eu reprimir meus próprios desejos...
- O que tem?
- Se pudesse, eu faria tudo que tenho desejo neste momento.

Mulder, ainda com Dana em seu colo, roça-lhe o nariz com a ponta do seu.

- Pode me contar esse desejo?

Ela enlaça-o pelo pescoço, sussurrando.

- Não... só posso contar amanhã .
- Só amanhã? Por que?
- Porque já é noite. Não dá mais. - faz uma pausa - ...Mulder?
- O que é?
- Apanha meu presente ali. - geme, manhosamente, ao pedir.
- Como posso... segurando vocês...?
- Ora, me põe no chão, Mulder!
- Negativo, Scully... você vai pra caminha!
- Pra caminha... huumm... - geme, beijando-o - ... pra ficar sentada lá...!

Já no quarto, coloca-a cuidadosamente na cama e queda-se, olhando-a com adoração.

Ajoelha-se aos pés da cama; coloca a mão no ventre de Dana.

- Amo vocês... vocês são a minha adoração! A vocês eu devo tudo, Scully, até a minha própria vida!

***"A vida consiste na conquista
do pão e do amor."***

Anatole France

UMA PROMESSA

*"Examinai bem se tudo que prometeis
é justo e possível, pois uma promessa
é uma dívida a pagar."
Confúcio*

Capítulo 64

- Scully, tem certeza de que ainda está firme para enfrentar um passeio por aí?
- Mas não é **por aí**, Mulder! É somente ir a um shopping! - arregala os olhos, surpresa.

Ele observa-a, tranquilo, assim surpreendida:

- Scully, vai ter que andar, subir escadas...
- ... rolantes, Mulder! Além do mais, caminhar faz muito bem pra mulher que está esperando bebê!

Mulder, subitamente, segura-a em seus braços.

- Parece mentira...
- O que? - ela lhe lança um sorriso feliz e jovial.
- Você...
- ... esperando um bebê! - completa, apertando-se contra o peito dele.

Mulder acarinha-a, com toda ternura, afagando-lhe os cabelos e beijando-lhe suavemente os lábios rosados.

- A minha mulher... o meu filho! Scully... - ele coloca o rosto dela contra seu peito - ... Scully eu, na maior parte da minha vida, não tive grandes realizações... mas agora Scully... você é tudo o que eu mais precisava...!
- Aaah, ah! - exclama, afogueada.
- Que foi, Scully? - afasta-a de si para olhá-la.
- Nada, nada! Apenas o bebê deu um pontapé com mais força... e... - suspira fundo, apertando um dos lados corpo.

Mulder, solícito, quer saber:

- Está com dor aí?
- É... incomoda bastante... é o pezinho dele contra a minha costela... - responde, ainda afogueada, dando um suspiro.

Mulder a aperta contra si, sorrindo, prazeroso. Deseja compartilhar daquelas sensações com os movimentos da criança.

Scully, subitamente, mostra-se séria.

- Mulder... você...

- O que? - ele está distraído, examinando-lhe as linhas do ventre, contornando com a mão espalmada seu grande volume.
- ... você achou que eu...
- Fala! - ele incita-a a falar, ainda acariciando-lhe o abaulado ventre.
- ...ahn... achou que esse bebê...

Ele a fita, então e nota a seriedade do seu semblante e os olhos azuis úmidos em sua direção.

- Eu o que, Scully? Que foi?
- ... achou que esta criança não era seu filho. - termina a frase rapidamente.
- Ah, lindinha! - aperta-a contra si - O que é isso? Eu ainda devia estar com a mente enterrada lá naquele maldito túmulo e não notava!

Dana esquiva-se de suas mãos ansiosas por agarrá-la.

- Não vejo como nosso filho possa ser motivo para piadas!

Ele aperta-a agora contra si, preocupado.

- Esqueça essas palavras injustas, Scully. Me perdoa.

Ela mantém-se séria por uns segundos.

Ele não sabe o que fazer para demonstrar o seu desgosto por ter pronunciado palavras tão impensadas naquele dia. Ouve, dentro do próprio coração, as palavras ingratas que havia falado naquele instante: " Não sei onde posso me encaixar nisso, Scully!"

- Perdão, Scully! Eu não quero, jamais, voltar a te magoar!

Dana o afasta de si. Olha para o chão. Sente-se frustrada e triste.

Mulder deixa os braços caírem ao longo do corpo e observa-a à sua frente.

Ela o olha agora por instantes. Nota a ansiedade dele em receber seu perdão. Atira-se nos braços dele, com calor.

- Te perdão, Mulder!

Enlaçados ficam, por alguns momentos, num quente abraço.

Mulder resolve perguntar:

- Quer ir mesmo passear?
- Tenho necessidade disso, Mulder. Houve um longo período em que fiquei somente limitada ao trabalho e aos meus anseios na espera de seu retorno pra mim.
- Sei, lindinha, eu sei. - arrebatada do chão e a leva para o quarto - Pois trate logo de se arrumar. Já!!

* * *

Os passos um pouco cansados de Dana, acompanhados pelos pesados de Mulder, dirigem-se à uma grande e feéricamente iluminada vitrine de artigos para bebês.

Os olhos de Dana percorrem, cobiçosos, todo o esplendor da decoração ali preparada. Detém-se, vendo as inúmeras roupinhas suavemente coloridas ali expostas.

Os dedos de Dana apertam os de Mulder.

- É tudo muito lindo, não, Mulder?
- Hum, hum. - confirma, sem muito entender.

* * *

Os dedos ágeis e ansiosos de Dana manuseiam as peças de roupa, uma a uma.

- De qual cor vai levar, senhora? Azul ou...
- Não, não! - ela interrompe a jovem vendedora - Eu vou levar de qualquer cor. Não quero escolher.
- Ah, ainda não sabe se é menino ou menina...?
- Exatamente. Não sei.

* * *

Mulder caminha com três sacolas entulhadas de pacotes entre seus braços, enquanto Dana, com somente uma delas, segura a mão desocupada dele.

- Vamos até ali, Mulder!
- Outra loja?
- Claro! Por acaso viemos aqui pra fazer o que?
- Ah, Scully, eu posso dar agora a minha opção?
- Tá, Mulder, tá. - fale o que quer fazer.
- Quero ir lá, naquela sorveteria.
- Aquela lá? - aponta, direcionando o queixo para a loja de guloseimas.
- Justamente. Vem! - ele a arrasta pela mão.

Entram na sorveteria e sentam em uma das mesas ali expostas.

Mulder pede os sorvetes ao garçom.

Na porta um rapaz com lindos balões coloridos seguros em linhas, deixa-os subirem até quase o teto do local, inflados que estão com o gás em seu interior.

- Scully, eu acho que você está querendo um balão de gás.
- Ah, está brincando, Mulder! Imagine! Eu não sou criança!
- Sei que não é você... mas o que está dentro de você. E não vai demorar muito, não poderemos escapar de certos apelos.
- Nosso filho?
- É, Scully. Quando ele estiver aqui junto de nós, nada escapará de seus olhinhos curiosos de criança.

Dana toma as mãos de Mulder entre as suas.

Fitam-se numa ternura intensa, tanto o que se delineia na campina verde brilhante dos olhos dele, quanto no límpido mar azul transparente dos olhos dela.

Seus desejos, seus sonhos, suas esperanças no porvir, todos esses sentimentos estão transparecendo no olhar extasiado e feliz de ambos.

O garçom traz os sorvetes pedidos.

- Ainda falta algum tempo pra me restabelecer da surpresa...

- ... surpresa do que, Mulder?
- Desse milagre que aconteceu com você... de poder conceber uma criança.
- Verdadeiramente, até pra mim não deixa de ser uma maravilhosa surpresa. - ela dá uma risada, enquanto enfia a pazinha de madeira no sorvete - Eu vou morrer de rir, Mulder...
- De que?
- Quando você tiver amamentando o bebê!
- Eu?! Scully... - ele desliza as duas mãos sobre o peito - ... dá pra notar que isso é função só sua?
- Ah, Mulder, falo sério! Estou falando sobre mamadeiras... quando você estiver dando uma pro bebê!

Ele leva a mão em direção ao busto de Dana.

- Aliás, as suas estão aumentadas em dose dupla. - fala em voz quase inaudível.

Dana dá uma rápida batidinha nos dedos dele.

- Pára, Mulder! Não vê onde estamos?
- Tá bom, tá bom! - ele ri e continua a saborear seu sorvete; pára, repentinamente e segura a mão de Dana, impedindo-a de comer o doce gelado para fita-lo - Scully... neste momento eu quero te prometer que, de agora em diante, a minha vida será dedicada, inteira e completamente a vocês dois: minha mulher e meu filho. A vocês entrego toda a minha existência e vou procurar ser o melhor marido e o melhor pai que puder.

Dana o olha, amorosamente, e, aos poucos, seus olhos enchem-se d'água.

- Obrigada, Mulder. E quanto a mim, dedicarei o melhor de mim a vocês. Só o fato de vê-los felizes é que me trará satisfação e alegria dentro do coração. Serão sempre o meu amor.

***"O segredo da vida alegre
e contente é estar em paz
com Deus e com a natureza."
Pascal***

À ESPERA DO FILHO

*"Uma casa sem filhos é
uma colmeia sem abelhas."*

Victor Hugo

Capítulo 65

Os dois deixam a sorveteria, encaminhando-se aos extensos corredores movimentados do shopping.

- Você quer ainda ver alguma coisa, Scully?
- Ver, não quero não, Mulder. Preciso **comprar**.
- Mais??!! - ele está surpreso.

Dana estanca seus passos.

- Vocês homens são tão apressados e desinteressados!! - olha-o intensamente com decisão na voz - Mulder, quando chega uma criança na vida de um casal, muita coisa tem que ser feita!
- Mas você já não comprou todo o enxoval?
- Sim... mas roupas não são o suficiente! O bebê vai dormir onde? Entre nós dois, na nossa cama?!
- Ah, Scully!! - bate na testa - Sou um pai desnaturado mesmo! Como pude esquecer de uma coisa tão primordial como essa?

Dana beija-o na ponta do queixo.

- Vamos lá comprar o berço, Mulder! Seu desatento!

* * *

Observam, minuciosamente, através do vidro da vitrine de uma loja de móveis para quartos infantis diante de seus olhos.

- Gostei daquele ali. - Mulder dá idéia.
- Não, Mulder. É bom mesmo aquele lá... - aponta - ...do outro lado... com gavetas e lugar apropriado para arrumar o bebê depois do banho.
- Você é que sabe. Quer entrar aqui?

O casal entra e caminha entre os lindos móveis dispostos de modo a formar pequenos e decorados quartos para crianças.

- E armário de roupas, Scully?
- Não... por enquanto, não. E nem há tanto espaço para isso em nossa casa. No início, Mulder, as mães somente precisam de gavetas... ahn... um lugar certo e funcional onde guardar as roupinhas de seu bebê. Mais tarde é que deve vir o restante. - faz uma pausa - Fico pensando...
- No quê?
- Um berço tão lindo como esse e depois você terá que arrancar fora algumas varinhas da grade.
- Não entendi...!

- É, Mulder... as criancinhas começam a ficar de pé no berço, depois arrastam-se para sair dele... e...
- ...e...?
- ... e então tem que se retirar duas ou três varetas daquelas...
- Mas pra que, Scully?
- ...para que eles possam sair do berço e andar pela casa... com segurança, sem riscos de uma queda. - ela sorri, enquanto entra em devaneios, imaginando seu filho praticando as palavras que ela acaba de proferir.

Mulder a olha, surpreso:

- Como você sabe de tudo isso, Scully? Nunca foi mãe!
- Você esquece que vi meus sobrinhos e meu afilhado desde quando eram bebês?
- Aaaah...! - entende.

Dana faz um gesto de quem sente algo espremendo-lhe algum órgão dentro de sua barriga.

- O que foi agora? - Mulder quer saber.
- Nada, realmente, de importância. Apenas nosso bebê está muito levado aqui dentro.

Fitam-se com amor.

Os olhos perscrutadores de Mulder atiram-se em raios penetrantes nos olhos azuis de Dana, desejando estudá-la, esquadrinhá-la e ver lá, bem no fundo a alegria e felicidade que a acompanham neste momento.

Por fim, toma-lhe a mão.

- Vamos chamar o vendedor. Já decidi qual vai comprar, não?
- Com certeza o de gavetas, que lhe falei.
- Certo. Venha, Scully.

Enquanto caminham, aproximando-se do solícito vendedor, que, respeitosamente, achega-se ao casal, Dana vai comentando:

- Mulder, é muito lindo quando os bebês começam a ver o mundo à sua volta. Os olhinhos curiosos não param e os dedinhos espertos pegam tudo o que estiver ao seu alcance... e aí é que está o perigo.
- Perigo, Scully? Como assim?
- Porque eles querem conhecer o mundo com a língua através do gosto, Mulder, e daí...
- ... daí...?

O vendedor já está bem próximo.

- Pois não, senhores?

* * *

O apartamento de Scully, cheirando a limpeza desde as cortinas ao mobiliário, causa uma extrema sensação de conforto.

Mulder, refestelado no sofá, com olhar absorto vendo as imagens passando na tela da TV, está com os pensamentos completamente voltados para a nova e sensacional novidade que vai acontecer em sua vida.

Ao mesmo tempo sente um arrepio de terror ao imaginar seu filho, mais tarde, quando tiver conhecimento dos horrores deste mundo, souber que seu pai morrera e após cinco meses fôra desenterrado, para novamente voltar à vida, ao mundo, às coisas terrenas, à sua mãe.

O que poderá ele imaginar?

Qual será a sua reação?

O que isso poderá trazer de negatividade à sua vida futura?

Mulder recosta-se relaxadamente, apoia o cotovelo no braço do sofá, e, após isso, sustenta o queixo, meditando.

Deixa seus pensamentos correrem soltos.

"E seu eu não tivesse retornado à vida, o que seria de Scully, a minha Scully? Teria que criar a criança sozinha. A mãe dela parece não querer estar muito em contato com sua única filha... e isso não é bom... o irmão Bill, não gostando de mim, talvez nem tenha simpatia pelo sobrinho que vai nascer... e o outro irmão simplesmente desapareceu da vida de Scully. E ela estaria só... com o bebê... nosso filhinho... - coloca a cabeça entre as mãos, um tanto angustiado - ... a minha Scully é forte... mas será que continuaria essa sua fortaleza de mulher decidida até o fim?"

Os olhos lacrimejantes de Mulder umedecem-lhe as pestanas, ele percebe.

Sente, então, a mão de Dana pousada levemente em seus cabelos.

- Mulder...?

Ele limpa os olhos com as costas das mãos. Fá-la sentar-se sobre seus joelhos.

- O que foi, Mulder...? Alguma coisa o deixou triste!!

- Não... não, Scully! Às vezes a mente, ou a consciência nos obrigam a pensar em coisas desagradáveis que, por mais que desejemos evitar, vêm à tona. E estragam os nossos anseios, as nossas esperanças, os nossos sonhos bons...

Dana nada fala. Deixa-o livrar-se das palavras tristes que lhes saem da boca. Ela aperta sua face contra a dele, com carinho e ternura.

Imagina que dentro do seu próprio coração, conhece toda a intrigante reviravolta do destino do seu amado. E sabe que ele sofre muito com isso.

Calar, portanto, e somente escutar as palavras que lhe fluem do coração é a melhor coisa que tem a fazer neste momento.

Discrição é tudo.

***"É grande desgraça não possuir
bastante espírito para falar,
nem bastante juízo para estar calado."
La Bruyère***

CALÚNIA

*"A calúnia é como o carvão;
quando não queima, suja."
Camilo Castelo Branco*

Capítulo 66

Mulder, com Dana sentada sobre seus joelhos, examina-lhe as mãos, tomando-as entre as suas, toca-lhe os dedos e, segurando ambas, leva-as aos lábios, como se para sentir-lhe o calor da pele muito clara.

- Mulder...?

- Hum? - responde, ainda segurando as mãos dela, pressionando-as sobre seu peito.

Dana o faz soltar-lhe as mãos. Abre a camisa dele pela gola.

A enorme e grotesca cicatriz avermelhada aparece diante de seus olhos.

- Oh, Mulder! - murmura, penalizada.

Ela passa, suavemente, os dedos sobre a enorme marca da dor deixada pelos seres extra-terrestres que o haviam tanto maltratado, até mesmo tirando-lhe a vida.

Ele segura a mão dela para que continue aquele gesto de ternura e fecha os olhos.

Dana recosta a cabeça sobre o ombro forte dele, mansamente.

Com dedos suaves volta a fechar com uma das mãos a camisa de Mulder. Pousa os lábios sobre os dele, como que acarinhando-o e mostrando a sua capacidade de repartir com ele a dor que atormenta sua alma desde aquela época de infortúnio e morte.

Há, entre os dois neste instante, um verdadeiro entrelaçamento de sentimentos de compreensão e entendimento.

* * *

Mulder sente-se até incomodado por estar ali, entre aqueles papéis e documentos no odor de material envelhecido do papel amarelado pelo tempo. Mas necessita achar entre aquela montanha de pastas, o assunto que lhe interessa no momento.

Porem algo lhe falta ali. Algo que supre a sua necessidade, a sua carência por um afago, uma palavra amiga, uma concordância ou até mesmo uma discordância nos seus pensamentos e idéias: e esse algo lhe faz imensa falta! A presença de Dana.

Sem mais nada esperar, toma o telefone. Digita o número.

- Dana Scully! - atende ela.

- Scully, sou eu!
- Oh Mulder! Meu Deus, que bom!
- Que foi, Scully? - sorri - Por que essa veemente admiração?
- A falta de você.
- Falta de mim?

Mulder sorri. Permanece calado, enquanto mantém o telefone no ouvido. Deseja somente ouvi-la falar.

Scully, da mesma forma, mantém o fone junto ao ouvido, na expectativa de ouvir novas palavras dele.

- Mulder...?
- Scully... como está passando?
- Razoavelmente, Mulder. Somente na expectativa da hora certa pra vinda do bebê.
- Olha, não precisa me esperar pra jantar.
- Não?!
- É... vai haver uma reunião após o expediente.
- Ai que chato, Mulder! Eu não gosto mais de ficar sozinha à noite.
- Eu sei... eu sei... Scully... logo que acabar, eu corro pra junto de você.

A voz de Mulder havia soado sincera. Franca. Espontânea. Gentil e suave na sua mansidão. De sua garganta aquelas bolinhas de gude haviam corrido frouxamente, dando-lhe um toque de sensualidade.

E essa voz sempre fascinara Scully.

Ela fica perdida no tempo ouvindo-o falar. É o seu deleite. É o seu prazer imenso e ditoso. Permanece parada, com o telefone no ouvido.

- Scully...?
- Hum...?
- Fala alguma coisa!
- Prefiro que você fale mais.

Diz isso e aguarda. Sorri, amorosamente, com o coração a disparar.

Do outro lado da linha o silêncio.

Mulder também sorri.

Sabe que do lado de lá do telefone a sua amada o deseja escutar.

- Scully...?
- Hum?
- Um beijo.
- Já...?
- Por que?
- Não desliga... !
- Eu também ainda quero...
- **Quero te ouvir!!** - pronunciam os dois ao mesmo tempo.

E riem-se, divertidos com a coincidência.

- Scully...?

- O que?
- Sinto a sua falta...
- ... e eu a sua!
- Scully...
- Sim, Mulder...?
- ... eu te amo!
- Eu também te amo... muito!
- Scully... ?
- Hum?
- ... um beijo.
- Outro pra você... Mulder...?
- O que?
- Não demora.

Mulder desliga vagarosamente o aparelho, recolocando-o na base.

Fica pensativo, fixando o olhar no vazio do ambiente. A falta que sente da sua Scully é avassaladora. É quase uma dor. A dilacerar-lhe por dentro, fibra por fibra.

Com esforço, passa a deixar-se envolver pelo assunto que ora encontra-se pesquisando no meio do amontoado de papéis.

Levanta-se e dirige-se ao arquivo de aço. Puxa uma gaveta. Manuseia as pastas, atirando algumas displicentemente sobre a mesa, à distância. Olha para o relógio. Quase cinco horas da tarde.

* * *

A reunião transcorrera rápida e eficientemente produtiva.

Skinner está acompanhando Mulder para a saída da sala de reuniões.

- Agente Mulder... é meu dever pô-lo a par de algo que poderá prejudicá-lo junto ao Bureau.

Mulder, no seu modo característico de caminhar, aguarda as palavras de Skinner, diminuindo os passos.

- Agente Mulder... - recomeça Skinner.
- Do que quer me falar, senhor?
- Bem... é... - pára de caminhar e segura o braço de Mulder - As coisas não estão muito a seu favor, Agente Mulder.
- Desde quando, senhor, as coisas estiveram **muito a meu favor?** - replica, com sarcasmo.
- Por favor, Agente Mulder...

Mulder leva ambas as mãos à cintura, empurrando para trás o paletó.

- Estou aguardando, senhor.
- Vem comigo.

Ao falar isso, Skinner afasta-se e volta-se rapidamente para trás.

- Até o meu gabinete. - completa.

Mulder, contrafeito, o vê afastando-se e consulta o relógio de pulso. Sente que o desejo de estar junto a Scully é maior que todas as sensações que possam advir à sua alma.

Mas segue o Diretor Assistente.

* * *

O som estrepitoso da porta batendo soa aos ouvidos de Dana como uma explosão.

"Estou vulnerável a qualquer coisa que me cause algum susto ou mesmo um barulho mais alto." - pensa.

- Mulder? - pergunta ansiosa.

Mulder já havia entrado. Atirara-se numa poltrona, esticando as pernas, cabeça jogada no encosto. Olhos fechados. Imóvel. Calado.

- Mulder?

Dana insiste, dirigindo-se à sala.

Vê Mulder no seu modo negligente de ser, como sempre, porém muito calado.

- Mulder... está sentindo alguma coisa?

Ele não abre os olhos e nem responde.

Dana aproxima-se, intrigada.

Pousa, suavemente a mão nos cabelos dele, afagando-os. Senta-se no braço da poltrona.

- Mulder... algum problema?

- Scully... por favor... não quero conversar agora...!

Ela entende. Sente amargura na voz dele. Retira a mão de sobre seus cabelos e fita-o, enristecida. Permanece sentada. Calada. Apreensiva.

Mulder, num ímpeto, levanta-se e, retirando raivosamente o paletó, como se o mesmo estivesse queimando sua pele, aperta os lábios, demonstrando ira.

Da mesma forma desfaz o nó da gravata, desabotoa os punhos da camisa, retirando-a pela cabeça. Com as peças de roupa na mão, num gesto de raiva e impaciência, olha para Dana que o assiste, impassível, embora com amor no olhar.

Ela aguarda que ele solte o que tanto o está sufocando na garganta.

Mulder passa a mão pelo rosto, olhando para o chão. Seu ar denota desespero. Raiva.

- Calúnia... calúnia! - murmura entre dentes.

Essas palavras seriam quase imperceptíveis aos ouvidos de Dana, que, no entanto, pode captar muito bem que ele tem dentro de si uma grande revolta.

- Sabe qual o sentimento que está comandando aqui... - coloca a mão no peito - ... bem dentro de mim, Scully?

Dana sacode a cabeça negativamente, ainda fitando-o, sem entender.

- Estou me sentindo um ridículo, Scully, além de desacreditado.

***"Em última análise, só é ridículo
o medo de ser ridículo."***

Henri Fauconnier

PUREZA DE CONSCIÊNCIA

***"Uma consciência pura é uma fofa almofada
sobre a qual pode repousar o homem de bem."***

Mabire

Capítulo 67

Dana continua aguardando que Mulder dirija a ela palavras que possam fazê-lo desabafar o que sente.

Mulder volta a sentar-se na poltrona.

Coloca a cabeça entre as mãos.

Dana não pode mais resistir àquela cena de dor, na qual o seu amado se encontra.

- Mulder... eu só quero compartilhar com você esse desgosto que está passando agora... - fala, aproximando-se.

Coloca sobre as mãos de Mulder sua face, tendo os olhos rasos d'água.

Ele, ao senti-la, retira de entre as mãos o rosto e fita-a

Os seus olhos já completamente cheios de lágrimas deixam-nas correrem livres por sobre a face abatida.

Dana abraça-se a ele, encurvando seu corpo pesado pela gravidez para afagá-lo.

Mulder deixa que os soluços lhe rasguem o peito dorido. Chora como um menino nos braços meigos e aconchegantes de Dana.

- Você é o meu apoio, Scully... a minha segurança. Só com você posso contar sempre. Só em você... posso depor a minha confiança... com você eu sinto a paz... - fala, entrecortadamente pelo pranto.

- Pode chorar, Mulder. Faz bem. Desabafa. Depois você pode abrir-se comigo e contar o que houve. E eu vou te escutar...

- ... como sempre! - exclama em voz chorosa.

Dana procura manter-se durante alguns minutos abraçando Mulder, como se fosse ele um pequeno ser carente.

Porem logo tem que deixar a posição na qual se encontra, pois o bebê sente-se incomodado.

Dana endireita o corpo, erguendo-se.

Mulder segura fortemente a mão dela, como que necessitado de tê-la junto de si.

- Vem, Mulder... precisa trocar de roupa, ficar mais à vontade... vem! - encaminha-o para o quarto.

Ajuda-o a desabotoar o cinto e a tratar de desvencilhar-se da calça.

Abre o armário, retira dele o pijama e o entrega para que Mulder o vista.

Dana, enquanto Mulder encontra-se no banheiro, recosta-se à cabeceira da cama.

O sono é imenso. O cansaço é intolerável. Mas necessita estar alerta, acordada, atenta, para poder acompanhar os males que estão deixando Mulder atordoado nesta noite.

Coloca a mão na barriga, sentindo sua criança.

Hoje a felicidade encontra-se empanada com o desagradável acontecimento que ela ainda não havia conseguido desvendar.

Mulder deixa o banheiro. Vai à copa e toma um copo d'água. Retorna com o copo à mão.

Senta-se na beira da cama. Coloca o copo na mesinha ao lado.

Dana permanece em silêncio. Aguarda somente.

- Scully...
- Sim, Mulder?
- Lançaram contra mim uma história estúpida.
- Sim...? - olha-o, compreensivamente.
- Acusaram-me de ter forjado uma fuga do FBI...
- Como...?! Não estou entendendo!
- É... - ele deita-se com os braços cruzados sob a cabeça - ... e como iria eu forjar minha própria morte?

Dana ajeita-se, nervosa e incomodada pelo peso do seu bebê.

- Por favor, Mulder, o que aconteceu?
- Isso que lhe estou dizendo. Disseram que eu forjei meu próprio seqüestro.
- Oh, meu Deus! - Por que isso, Mulder?
- Eu bem gostaria de saber, Scully.
- Só não entendo é a sua preocupação!
- Por que diz isso pra mim? - olha-a, sem entender.
- Porque o conheço, Mulder. Além do mais, como está sua consciência?
- Tranquila.
- E então? Por que se preocupar?
- Mas... segundo Skinner, houve uma grande e maléfica repercussão no Bureau por causa dessa calúnia. Todos estão achando que inventei minha abdução... que... sei lá! - conclui, nervoso, agitado.
- Quem pode ter criado essa história, Mulder?
- Eu não sei... eu não sei...! - ele geme e suspira profundamente.

Retira os braços cruzados de sob a cabeça e, com uma das mãos, puxa Dana para junto de seu peito, enquanto desliza suavemente as mãos sobre suas costas de pele morna sob a camisola macia.

Ela deixa-se acarinhar. Precisa disso. E sabe que o seu Mulder também está carente de afagos e compreensão.

Beija levemente o peito dele, repetidas vezes. Muda o carinhoso gesto para o queixo de covinha que a atrai. Toca com os seus os lábios bem desenhados dele em curvas sensuais.

Mulder sente os seios dela, quentes, apertados contra seu peito. Procura-os com os dedos. Toca-lhes os botões de carne túmidos e macios, sentindo-os logo após segundos, endurecidos pelas carícias no toque dos lábios dele como se esse gesto fosse a sua sobrevivência, como se fosse ele, na verdade, um pequeno ser alimentando-se naquela que lhe gerou.

Para Mulder ali estava a sua razão de viver e a sua sustância. É com os sentidos prazerosos no contato com Dana que ele pode sentir-se refeito dos dissabores da vida.

E Dana geme de prazer, enquanto Mulder respira afogeadamente, deliciando-se com as carnes frementes da sua Scully.

E nos seus rostos a expressão mágica do amor realizado.

No céu escuro estrelinhas brilham, procurando uma pequena brecha entre os edifícios da cidade, enquanto a lua curiosa, projeta seu olho prateado em direção àquele ambiente, onde só pode encontrar no momento uma coisa: o amor.

***"O rosto é um intérprete
tácito do coração."
Santo Agostinho***

UMA ACUSAÇÃO

"Não te esqueças de que cada vez que apontas o indicador acusando alguém, três outros dedos estão voltados contra ti mesmo."

Capítulo 68

Grande azáfama está fazendo todos os funcionários agitarem-se, caminhando pelos corredores, entrando e saindo nas salas.

Os aparelhos telefônicos tilintam incessantemente. Vozes alteradas misturam-se ao ruído intermitente dos aparelhos de ar condicionado e das máquinas dos elevadores.

Mulder caminha a passos largos através do longo corredor, de cabeça erguida, embora seus pensamentos estejam distantes do que sua visão pode vislumbrar.

Só consegue recordar as torturas horríveis pelas quais passara por tantos meses, num lugar totalmente estranho não só para ele, mas para qualquer ser humano.

E sua vida nada significara para aqueles seus algozes que o prejudicaram e o fizeram perder a vida.

Antes de entrar na sala para onde fôra chamado, ele coloca a mão no bolso onde está o celular. Toma o aparelho em suas mãos. Digita o número de sua casa.

Antes que Dana diga algo, logo ele fala:

- Scully, sou eu! Está tudo bem?
- Sim, Mulder. Tudo bem. Você... está indo agora?
- É... estou... Scully...
- Eu vou pedir a Deus por você, Mulder! E sei que Ele me ouvirá.
- Obrigado. - faz uma pequena pausa - Scully...?
- O que é, Mulder?
- Sinto muita falta de você.
- Eu também de você. - a voz dela treme de emoção.
- Tchau.
- Tchau, Mulder.

Scully, em sua casa, dá um prolongado suspiro, apreensiva. Sente temor pelo que possa suceder a Mulder, com sua reputação irrepreensível dentro do Bureau, após tantos anos de dedicação ao seu árduo trabalho.

Mulder, por sua vez, sente também uma certa apreensão pelo que possa advir após o interrogatório programado pelos seus superiores. Está convicto,

porém, que nunca, jamais se deixará dobrar por qualquer que sejam seus resultados.

Aproxima-se agora da porta do gabinete do Diretor Kersh. Entra. Cumprimenta a secretária e penetra na sala de reuniões.

Toda a Diretoria sentada à volta da mesa, aguarda a sua chegada.

Os pensamentos de Mulder fluem, enquanto encara os seus superiores.

"Deste momento em diante serei alvo para os dardos peçonhentos das perguntas capciosas que serão lançadas contra mim."

Mulder os cumprimenta.

- Sente-se, Agente Mulder. - ordena Kersh.

A seguir, Mulder, ereto em sua cadeira, em atitude atenciosa, permanece por muitos minutos calado, aceitando a explanação que está sendo dada pelo seu superior.

* * *

Dana, colocando um alimento no forno de micro-ondas, repentinamente fica pensativa.

- O que estão querendo fazer com Mulder? Prejudica-lo por que, afinal? E quem estaria interessado nisso?"

Embora tente permanecer tranqüila, percebe que em seu interior nada demonstra ter sossego; desde a mais frágil artéria até os mais importantes nervos e músculos de seu corpo estão tensos e sensíveis.

Ela não consegue desvencilhar-se dos pensamentos a respeito do que estão fazendo neste exato instante com Mulder, no Bureau.

"Estou ciente de que é o desejo dele deixar o seu trabalho no FBI algum dia, mas jamais pensará em sair sem pôr a limpo as idéias absurdas de alguém que o deseja condenar como um ousado e espertalhão agente criador de fantasias sobre homenzinhos verdes; e... ah, meu Deus, quanto eu o poderia defender neste momento! Mas é pouco viável essa hipótese, sendo ele agora o pai de meu filho. Jamais o FBI aceitaria a minha participação para defendê-lo."

Os pensamentos continuam martelando dentro do cérebro de Scully.

* * *

- Agente Mulder, todos os exames realizados em você denotam que, realmente, sofreu uma grande agressão física. Poderia nos explicar em maiores detalhes como aconteceram tais agressões?

- Já declarei em outra ocasião, senhor, após a minha... o meu r... após a minha volta, que fui levado para algum lugar, onde fizeram testes no meu corpo.. - faz uma pausa - ...e como poderia eu planejar algo... um seqüestro tão violento que me prejudicasse tanto? Como os senhores puderam comprovar nos exames, o meu tórax foi inteiramente aberto, conforme está mostrado nos exames feitos e as cicatrizes no meu corpo. Ainda consciente introduziram instrumentos em minha boca e em meu

cérebro, o que me causou dores atrozes. Após muito sofrimento veio a inconsciência e, tempos depois... fui encontrado... morto, numa floresta... o resto os senhores já estão a par. Conforme podem testemunhar o Agente Dogget e o Diretor Skinner.

- Agente Mulder, o senhor foi sepultado com vida e assim passou cinco meses sob a terra. Tem alguma explicação de como sobreviveu a isso?
- Peço licença para explicar-lhe que não fui enterrado com vida, senhor.
- Então, Agente Mulder, repito, como pode nos dar explicações sobre isso?
- Não sei, senhor; apenas posso dizer-lhes que a matéria do meu corpo não se auto-destruiu e eu permaneci no túmulo... inconsciente... eu nada posso dizer-lhes do que aconteceu ali dentro, porque eu... também não sei, senhor.

Mulder abaixa a cabeça, passa as mãos pelos cabelos.

Um rumor baixo das vozes dos homens ali reunidos, em comentários, pode-se ouvir.

O Diretor Kersh, com sua fisionomia austera, indaga mais uma vez:

- Haveria a hipótese de que os seus seqüestradores... os supostos alienígenas pudessem ter colocado em seu corpo algo que lhe preservasse a matéria?
- Não sei dizer, senhor.

* * *

Dana sente palpitações. Seu coração apaixonado não se cansa de ficar ansioso à espera de notícias.

O seu bebê, em consequência disso, também agita-se e a deixa perturbada.

Vai até a janela por diversas vezes, esperando ver o carro de Mulder chegando.

Recorda-se que, durante sua estada no FBI, procurava manter a conduta de sempre: séria, ponderada e discreta; jamais havia se deixado levar pelas emoções diante de seus superiores.

A não ser na presença de Skinner, que sempre demonstrou ser seu amigo. E isso a enche de grande emoção ao pensar o quanto sente por ele amizade.

* * *

Muitas perguntas ainda vão sendo feitas, enquanto Mulder, as vai respondendo, na medida do que poderia ter conhecimento.

- Agente Mulder, saberia explicar-nos que, se estava às portas da morte por uma doença incurável adquirida em 1998, como conseguiu a cura da mesma?
- Eu suponho que por ocasião dessa abdução, senhor.

O Diretor Kersh o observa com olhos críticos.

- O senhor continua referindo-se ao seu seqüestro como uma... abdução...?

- Sim, senhor. Eu afirmo isso. Não somente eu fui levado, como várias outras pessoas da cidade de Oregon.
- Bem... bem, Agente Mulder, eu gostaria de levar o rumo deste interrogatório de maneira **clara e precisa!** - joga as palavras como que repreendendo o Agente.

Mulder movimenta-se na cadeira. Passa os dedos acima da boca, como lhe é peculiar. Sente o sangue afluir-lhe à cabeça. Está cansado de tanto ouvir perguntas sem nexos.

- Só posso garantir-lhe, senhor, que desejam atirar-me num mar de lama, no qual estou começando a me afogar.

*"Não atires lama; talvez não
alcances o teu alvo, mas ficarás
com as próprias mãos sujas."*

INGRATAS RECORDAÇÕES

*"A recordação é um veneno
que se forma em nossa alma e
vai aniquilando a sensibilidade
do coração."
Leclerc*

CAPÍTULO 69

Enquanto Mulder continua à frente dos seus superiores no FBI, Dana, em casa, recorda os dias terríveis de sua própria abdução em 1994, quando havia sofrido várias agressões químicas em seu organismo; e seu corpo servira para testes daqueles seres alienígenas, que a haviam levada da Terra por algum tempo.

* * *

E como se houvesse um entrelaçamento da mente de ambos, também Mulder passa a ter em cenas rápidas na sua mente as lembranças ao rememorar o seu desespero naquela época passada, em atormentada busca por Scully desaparecida, tentando, por todos os meios tê-la de volta.

E o sofrimento por sentir-se o responsável por terem os alienígenas abduzido Dana, a sua companheira de trabalho, prejudicada pelas suas incessantes teorias de que os alienígenas pretendem invadir nosso Planeta, e que ela fôra mais uma das mulheres abduzidas para testes e tivera seu corpo violado, tendo sido extirpados dela seus óvulos, tornando-a estéril. E tudo numa conspiração acatada pelo Governo, cujos membros prejudiciais para a Terra, pertencentes ao Sindicato das Sombras, liderados por um forte grupo maligno, principalmente o C.G.B. Spender, o Canceroso e com o apoio de militares, haviam sido e eram ainda os causadores de tantos males a centenas de milhares de seres humanos.

E Mulder também recorda que, tempos depois, encontrara o esconderijo secreto usado pelo Sindicato, e que naquela ocasião ele conseguira obter os tubos de laboratório que continham os óvulos que haviam sido retirados de Scully.

E Dana, ciente desse acontecimento tempos depois, quase o odiara por ele ter escondido dela o fato de haver encontrado seus óvulos e nada lhe ter falado. Porém, embora ela o tivesse recriminado, Mulder só havia tentado ajudá-la, fazendo-a não sofrer mais com aquela apavorante descoberta.

Ela perguntara-lhe Scully na época:

"- Por que não me contou?

" - Porque eu achei que estava protegendo você." - ele lhe respondera, então.

* * *

E Dana, em casa, por seu lado, está rememorando a aparição de Emily em sua vida. Emily. A sua filha geneticamente criada fora de seu útero e que obtivera durante cinco anos os carinhos de outra mulher que havia sido a gestante dos seus próprios óvulos, os quais haviam sido retirados de seu corpo.

Esse fato a chocara tanto, que quase a desnor-teara em seu trabalho no FBI, como em sua vida particular.

Dana havia, involuntariamente, se tornado uma mulher estéril e no entanto havia encontrado a sua própria filha, reproduzida artificialmente com seus óvulos retirados pelos alienígenas.

Mas Emily falecera. E junto com ela levava os sonhos de Dana tornar-se mãe. Mãe de uma filha que não havia nascido de si mesma.

Coloca as mãos sobre o ventre que mostra os movimentos do seu bebê irrequieto.

Com um meigo sorriso acaricia-o, através de sua pele.

"Mas agora...agora depois de toda aquela desesperança em ter um filho... eu estou grávida...! Vou ser mãe! Meu Deus, estou feliz! Mulder está vivo! E está comigo! E vamos ter um filho!"

Dana sorri, erguendo e jogando para trás a cabeça, prazerosa.

De súbito, cai na triste realidade. Toma um pequeno susto. Leva a mão à boca.

"Mulder está lá... entre aquelas feras que o querem devorar!" - pensa, apreensiva.

Levanta-se e toma o celular sobre a mesa. Segura-o, hesitante, entre as mãos.

Deseja digitar o número de Mulder. Mas não o faz. Receia não ser a hora propícia para falar com ele. Porém sente que tem que telefonar. Precisa ouvi-lo. Tem extrema necessidade de ouvir a voz suave de Mulder. Sensual e cheia de convicção.

Coloca, no entanto, o aparelho sobre um móvel.

Dirige-se ao banheiro.

* * *

Mulder havia se retirado da sala de Kersh.

Haviam-no dispensado, mas permanecera quase toda a Diretoria ainda reunida no local.

O Agente caminha com passadas decididas e pesadas nos corredores do FBI.

Dispensaram-no da reunião, sem, na verdade, explicarem-lhe o resultado de tal entrevista. E a sua real finalidade.

Uma idéia, porém, faz-se nítida na mente dele: deixar o FBI, deixar para trás o trabalho que havia sido por longos anos o seu ideal, todo o seu sonho de homem à procura da justiça. Sempre.

Mas no momento, tudo o mais pode esperar.

Seus pensamentos e carências dirigem-se para Dana.

* * *

Mulder gira a chave na fechadura. Seu coração sente-se aliviado por estar de volta. De volta à sua casa. À sua Scully. À razão de sua existência.

Imediatamente seus olhos espertos de agente observam que Dana não se encontra.

Ele resolve jogar sobre a cadeira o paletó e atirar-se sobre o sofá.

Braços cruzados sob a nuca. Fecha os olhos e pensa.

"Deixar o meu trabalho de tantos anos? Será que terei como agüentar manter-me na lerdade de constantes dias sem agitação, buscas, perigos e, por vezes, desagradáveis surpresas? Será que poderei levar minha vida longe da rigidez autoritária dos superiores do FBI? A procura por Samantha, minha irmã desaparecida aos oito anos de idade, obrigou-me a ter durante a minha juventude os anos mais intensos de minha vida. E só agora... somente agora... quase oito anos depois, pude constatar que ela já estava morta... - seus olhos enchem-se de lágrimas - ... morta há muito tempo... abandonada numa cova... ela e muitas outras crianças... naquele campo frio... - seus pensamentos vagueiam ininterruptos - ... meu pai... errado e desumano, maltratando minha mãe... minha mãe que também errou, tendo um caso com aquele homem... aquele homem... e ele ... ele... era o meu pai? O meu pai...?! Eu fui o fruto de um pecado? E o meu pai que me criou? - aperta a cabeça entre as mãos - Tudo me vem à lembrança neste momento. O sofrimento de minha mãe maltratada e... doente... muito doente, sem cura... morta por suas próprias mãos... - ele engole em seco, descobre o rosto angustiado - ...minha mãe foi uma suicida... quanta dor, quanta tristeza... eu me sentia cada vez mais só... - abre os olhos, vendo o teto - ... mas Scully era o meu amparo, a minha doce companhia na morte de minha mãe. A minha Scully, minha companheira... e eu quero dar-lhe tudo de mim... o meu amparo, segurança... para sempre... eu quero... desejo que seja minha mulher... para sempre! Eu quero dar-lhe um nome e poder assumir o meu filho. Formaremos a nossa família..."

Um ruído de chaves na porta o desperta de seus pensamentos.

Dana penetra na sala onde se encontra Mulder, colocando alguns pacotes na mesa.

- Oi! Você já está aí?

Ele não responde. Estende a mão para recebe-la com uma carícia.

- Vem cá.

Dana aproxima-se.

Mulder levanta-se e ajuda-a a chegar-se até ele.

- Como foi lá? - ela quis saber.
- Tudo bem. .. na medida do possível.
- Disseram de onde ou de quem partira a suspeita, Mulder?
- E você acha mesmo que me diriam?

Os dois sentam-se no sofá.

- Numa história sem fundamentos como essa, mais vale a minha moral íntegra, Scully.

***"A moral ensina a moderar as
paixões, a cultivar as virtudes
e a reprimir os vícios."
Lamennais***

ZELO E CARINHO

"O zelo dá origem à felicidade."

A Pope

Capítulo 70

Mulder e Dana levantam-se do sofá.

Ele a abraça fortemente, aspirando o perfume dos cabelos dela.

- Scully...?
- Hum?
- Estou sentindo algo que nunca imaginei sentir com tanta intensidade... até fico preocupado.

Rapidamente ela afasta o rosto do peito dele, para olha-lo. Seus olhos indagadores observam profundamente os de Mulder, que, neste momento perdem um pouco do verde, para tornarem-se acinzentados pela emoção.

E Dana continua indagando com o olhar, enquanto segura o rosto de Mulder entre as mãos.

- Scully...
- Fala, Mulder!
- Eu... estou cada vez mais...
- ... mais o que?
- ... apaixonado...!
- Oh, Mulder!! - ela ri, zombeteira - Por mim?
- Não... pelo entregador de pizza!
- Aaaah! - ela joga-se entre os braços quentes dele.

E oferece a boca rubra para que dela Mulder se aposse, se apodere de todos os seus sentidos.

E unidos ficam a deleitar-se num apaixonado beijo, deixando permanecer o corpo num desejo veemente, porem tranquilo.

Abraçam-se, demoradamente, enquanto o bebê, irrequieto, mexe-se a todo momento, causando em Dana um leve mal-estar.

Afogueada, queixa-se:

- Estou cansada, Mulder. Vamos sentar.

Ele, sem nada concordar, toma-a nos braços e carrega-a para a cama.

- Você tem é que ficar quietinha aí, Scully! Nem sei o que foi fazer indo à rua!
- Fui apenas no supermercado, Mulder! - protesta.
- Não poderia ter usado o telefone?
- O que tem isso? Só fui comprar duas coisas que estamos precisando!

- Mas você não pode sair, Scully!
 - Não seja exagerado, Mulder! Estou grávida! Não estou doente!
- Mulder ajuda-a a deitar-se.

Em seguida atira-se com todo o seu peso na cama.

- Jesus, Mulder! Balançou tudo aqui dentro!
- Ah, não exagere, Scully! Você está grávida, não doente!

Ela lança sobre ele o olhar feroz, mais azul ainda.

O riso de Scully ressoa no quarto.

Estão felizes nos raros momentos em que têm essa chance.

Porque a incerteza dos sentimentos sempre os acompanha; a cada dia em seu trabalho, na luta insana do dia-a-dia.

Scully faz menção de levantar-se.

Mulder, por sua vez, levanta-se e ergue-a

- Mulder, preciso ir ao banheiro.

Ele ri, fazendo galhofa:

- Nossa, Scully!! É melhor implantar em você uma mangueirinha!
- Mangueirinha?! O que é isso?
- Claro! Daí não é necessário você ir ao banheiro de instante a instante.
- Engraçadinho!

Dana deixa o banheiro logo e, logo após, apanha do armário um robe para vestir.

Mulder acompanha com o olhar os gestos dela. Aproxima-se. Deseja auxiliá-la.

- Deixa que eu ajudo você, Scully.

Ele desabotoa-lhe o casaco pesado e largo. Sob este a blusa deixa à mostra o ventre pronunciado de Dana.

Mulder afaga-o com ternura.

Enquanto Dana levanta os braços para retirar a blusa, Mulder observa a pele retesada e brilhante diante de si.

- Ai, Mulder!! - faz voz queixosa.
- O que é?
- Não olha...!
- Por que não?!
- Eu fico... com vergonha! Estou muito feia!
- Ah, lindinha! Tá feia nada! Está linda! Parece uma... um botijão!
- Ah, pára Mulder! - replica.

Ele acaricia-lhe a pele branca e macia do corpo todo.

- Mulder?
- Que é?
- Eu estou fatigada... - sussurra.
- Huuum... eu também.
- Estou querendo dizer... - sussurra, ainda.

As mãos grandes de Mulder, com seus longos dedos finos, deslizam suavemente por sobre a superfície da pele macia e fremente de Dana.

- Querendo dizer...? - ele repete indagadoramente, sem fitá-la, somente perscrutando-lhe em minúcias o corpo pequeno e frágil, agora disforme pelo adiantado estado de gravidez.
- Que hoje eu só quero estar sentindo o calor do seu corpo...
- ... mas sem nada de brincadeirinhas! - ele conclui.
- É...!

Mulder abraça-a com calor.

- Eu entendo, lindinha! Hoje somente nos abraçaremos, sentindo um o outro, unindo nossas quenturas, pensando nas nossas esperanças, planejando nosso futuro e projetando mil coisas pro nosso bebê.
- Nossa! Que inspirado você está hoje, Mulder! Acho-o até menos tenso, agora!

Mulder fita-a profundamente, com o olhar esquadrinhador. Toma-a nos braços.

- Scully...
- O que?
- Qualquer dia você vai me ver andando de bengala.

Ela dá uma de suas risadas cristalinas, agarrada ao pescoço dele.

- O que quer dizer com isso, Mulder?
- É sim! De tanto carregar vocês dois!

Coloca-a na cama, cuidadoso.

- Ah, bem! Pensei que ia me jogar em cima da cama - brinca - Anda, vem! Deita logo!

Mulder atende-a

A luz difusa do abajur na mesinha de cabeceira deixa um leve toque de aconchego no local, que torna o quarto frio num tépido e gostoso ambiente. Somente as sombras dos objetos sobre a cômoda projetados na parede criam nela uma idéia de desenho inanimado.

No canto do quarto o berço, parece ter vida e, como que carinhosamente, aguarda a chegada do filhinho do casal, para cuidadosamente abrigá-lo.

Dana cobre Mulder com zelo e carinho, agasalhando-o bem.

Aperta-se contra ele, com um profundo suspiro.

- Eu desligo o abajur. - diz Mulder.
- Hum, hum. - ela concorda, aconchegando-se mais ao corpo dele.

Mulder estende o braço e desliga o abajur de cabeceira. Ajeita-se na cama e faz Scully apoiar a cabeça em seu peito.

- Está bem fria a noite, hein? - ela fala.
- Só para os desabrigados, Scully. - responde com um sorriso, apertando-a contra si.
- Você promete uma coisa?

- O que?
- Não preocupar-se mais com os problemas maçantes do FBI?
- Prometo e farei ainda melhor.
- O que?
- Logo, logo eles ficarão livres do **estranho** Mulder.
- Ah, Mulder, pára com isso! Até parece que...
- ... que vou sair de lá mesmo, Scully! Eu garanto... um dia... você vai ver!

Dana acaricia-o no queixo, sentindo sob os dedos a espinhenta sensação da barba dele por fazer. Suspira profundamente.

Mulder também suspira.

Ambos permanecem calados por algum tempo.

- Mulder...?
- Han?
- Se for uma menininha, qual será o nome?
- O nome? Ahn... deixo pra você escolher.
- E se for menino?
- Ahn... bem... é... vou ainda pensar... mas também sei que você é quem deve escolher.

Mais silêncio.

Dana começa a perceber que a respiração de Mulder está mais pesada. Ela ouve o coração dele a pulsar forte.

Bendiz as graças de Deus que permitiu-lhe ter ao seu lado novamente, o homem que ama.

Continua a ouvir, atentamente, o coração de Mulder pulsando... pulsando... o que a faz refletir em pensamentos.

"O coração ... afinal é uma ... poderosa bomba muscular que impele sangue através de dois circuitos diferentes: o sistema de vasos sanguíneos que leva sangue a toda a periferia do corpo e depois o conduz de volta ao coração. O sistema menor que leva o sangue aos pulmões para ser oxigenado e voltar ao coração e ser repostado no circuito maior. Suas quatro câmaras musculares: duas aurículas e dois ventrículos... as aurículas direita e esquerda são câmaras de recepção para o sangue que retorna; o sangue proveniente dos tecidos flui para a aurícula direita, enquanto o sangue dos pulmões penetra..."

Dana tenta esvaziar a cabeça de pensamentos tão científicos. Sente a mente cansada. Mas sente que não pode nunca livrar-se do destino ao qual está subjugada sua vida: a ciência.

*"Aquele que ama a ciência,
jamais dela se farta."
Bacon*

SENTIMENTOS EM REFLEXÃO

***"Os raciocínios todos dos homens não
valem um sentimento de mulher."
Voltaire***

CAPÍTULO 71

Scully desperta neste exato momento. Olha o relógio digital sobre a mesinha ao lado.

"Ora, graças a Deus!" - pensa.

Conseguira dormir quase duas horas numa posição proibida pelo seu filhinho: deitada.

E acordara precisamente porque neste exato momento o bebê está verdadeiramente irrequieto dentro da bolsa com líquido amniótico, onde se encontra abrigado.

Dana sorri pela inquietude da criança e, com uma pequena careta de dor e incômodo, mansamente ajeita-se para deixar o confortável e gostoso recosto no peito de Mulder.

Procurando mover-se suave e vagarosamente, ela senta-se na cama. Acomoda-se com o auxílio dos travesseiros, a fim de prosseguir o resto da noite recostada somente na cabeceira. É assim que tem que passar o restante das horas até o amanhecer.

Esboça um sorriso e pensa, colocando levemente a mão sobre o ventre:

"Ainda me deu uma colher de chá, me deixando dormir um pouquinho com seu pai, não é, filhinho?"

* * *

Mulder abre os olhos na escuridão do quarto.

O ambiente escuro e em paz, mais o conforto dos cobertores, o deixa entregue à languidez do sono novamente.

Mas olha a seu lado.

Dana está recostada no monte de travesseiros. A cabeça pendida para o lado. Dormindo um sono tranquilo. Mas incomodamente desconfortável.

"Poderia estar dormindo normalmente! - imagina repentinamente - Mas o bebê não deixa!"

Vêm-lhe ao pensamento uma frase:

"Ser mãe é padecer no Paraíso.."

Lembra que ouviu-a em algum lugar. Só consegue recordar que é de algum autor estrangeiro.

De olhos abertos permanece fitando o escuro do ambiente. As idéias voam na sua mente, levando-o a meditar ainda mais sobre os acontecimentos atuais.

"- Por que tive aqueles pensamentos outro dia? Há verdadeiramente uma dúvida dentro de mim; Scully é estéril. Jamais poderia gerar uma criança; no entanto ela engravidou! E como é isso possível? - passa a mão pela testa e vira-se para o lado oposto de onde está Dana - Naquele dia eu comecei a ter meus pensamentos voltados para o caso do bebê. Como é possível ter sido gerado, se naquela experiência de fertilidade com os próprios óvulos dela não deu certo? E como é possível isso agora? É ele, o bebê, realmente o produto de nossa união? Ou a mão de Deus? - fecha fortemente os olhos, lembrando as frases de outro dia, tentando tirar da mente os pensamentos - Como naquele dia, minha mente só consegue pensar: sobre o que eu posso contar a essa criança sobre o seu nascimento? O que eu posso dizer à Scully? O que posso dizer a mim mesmo? Mas enfim, por que a dúvida? Pois se nós dois nos unimos, e embora Scully totalmente estéril, os milagres de Deus não acontecem **sempre** a qualquer momento? E Deus acha que merecemos. Merecemos receber esse presente. O presente pelo nosso amor. E nós dois queremos e precisamos ser como todos os casais comuns do mundo... amar, ter uma descendência...!"

Neste momento Dana geme levemente, remexendo-se no seu lugar.

Mulder senta-se.

- Scully?
- Hum? - ela estremunhada responde.
- Deixa eu te ajustar... - quer ajuda-la a recostar-se melhor.
- Ai, minha coluna! Está cansada, Mulder!
- Também pudera! Você está toda torta, recostada aí!

Ela esboça um fraco sorriso.

- O que eu posso fazer? É o jeito!

Ele acena positivamente com a cabeça, compreendendo.

- Bem... vou fazer companhia pra você!
- Não, Mulder! - recusa.
- Por que não?

E logo ele prepara uma trinca de almofadas que o ajudará a ficar recostado também à cabeceira da cama, fazendo companhia à Dana.

- Não, Mulder! - suplica, insistindo.

Como resposta ele apenas enlaça-a, acomodando-se os dois sobre as grades de madeira clara.

- Aaah Mulder, eu não quero vê-lo dormir assim tão mal acomodado! Precisa descansar!

Ele apenas volta a enlaça-la com doçura, sobraçando-lhe o ventre volumoso.

- Vamos, mãezinha... nós precisamos que você tome conta de nós. - diz, agarrado ao corpo de Dana, todo encolhido, fingindo-se pequeno e frágil.

Dana sorri. Geme baixinho e coloca-se mais comodamente na posição que a favorece ter uma dormida melhor.

- Scully?
- Huuum?
- Está bem assim?
- Sim, Mulder.

Segundos em silêncio.

- Mulder?
- O que?
- Está muito frio!
- Eu te aqueço mais.

Ele fala isso e puxa para ela os cobertores, abraçando-a com veemência, para fazê-la sentir mais o seu calor.

Outros segundos passam-se.

- Scully?
- Hum?
- O bebê está mexendo muito.
- Hum, hum.
- Como faz pra ele dormir?
- Acalentando-o, Mulder.
- Como...?
- Acaricie-o, só isso! Me dá sua mão.

E pegando a mão de Mulder, dirige-a para que ele possa afagar a pele de sua barriga.

Assim ficam por vários minutos.

- Mulder?
- O que?
- Ele dormiu.
- Ou então está pensando na próxima travessura.

Dana ensaia uma pequena e discreta risadinha, que lhe sacode um pouco o corpo pesado.

- Pára, Scully!! Vai acordá-lo!! - pede aflito, sussurrando.
- Tá bom.

Silêncio.

Alguns minutos mais desenrolam-se no tempo.

- Scully...?
- ...
- Já dormiu?
- ...

As pálpebras de Mulder desobedecem-lhe e ele não pode mais mantê-las abertas.

O ressonar leve de Dana é o único ruído mais audível no recinto.

O trabalho incessante e arrastado do relógio digital também tem seu ruído discreto no quarto.

As cortinas cerradas da janela não deixam passar a claridade da lua lá fora e dão o devido conforto ao aconchegante ambiente.

Tudo é calmo, agora.

O casal já dorme na solidariedade do desconforto, e na melhor posição para um bom sono.

Mas o amor no coração os sustenta e os faz sentirem-se como se estivessem na mais completa comodidade, entre os aconchegantes e macios lençóis.

"O sono é a sombra em que a alma repousa.

É um mergulho na eternidade."

Coelho Neto

MOMENTOS DE EMOÇÃO

*"Vemos o universo através
de nossas emoções"*

Maurice Barrés

CAPÍTULO 72

Ela acordara bem cedo. Há bastante tempo não tem grandes chances de permanecer no leito sossegadamente.

Havia se levantado com todo cuidado possível e, após haver feito sua higiene matinal, volta até o quarto para olhar Mulder.

Ele, no meio da noite, já havia deixado-se escorregar para o colchão, deitado numa posição confortável.

Dana o observa amorosamente.

"Como o amo! - pensa - Ele é tudo pra mim! Quando penso nesses oito anos de convivência diária a emoção é tão infinitamente grande, que meu coração bate descompassado! - coloca a mão sobre o peito - Ele é pra mim como se fosse um pedaço do meu próprio ser... a minha própria matéria... o meu próprio espírito...! Deus! Quanto eu quero bem a esse homem... quanto eu venero esse seu jeito de ser... a displicência ... o seu modo desajeitado... jogado... despojado de vaidade... sua forma de me tratar... amável, respeitador, sincero, autêntico, singelo, puro como uma criança, embora por vezes mordaz, porém simples, honesto... **Mulder!!**"

- Mulder!!

Dana vê-se, inadvertidamente tocada pela emoção e entusiasmo e o nome do amado sai-lhe pela garganta em voz audível.

Coloca a mão na boca, preocupada se o gesto poderia acordá-lo.

No entanto Mulder continua no seu sono tranquilo, comodamente jogado entre os fofos cobertores.

Dana dirige-se à cozinha. Prepara a cafeteira.

Permanece ali, estática, por alguns momentos, enquanto ouve o som rouquenho da cafeteira borbulhando e deixando no ar o aroma da saborosa bebida.

Enquanto deixa o fumegante café preparar-se na cafeteira, retorna ao quarto. Cuidadosamente abre o armário. Retira dele uma pilha de muitas roupinhas do bebê.

Começa a separa-las, conforme o tipo de peça, espalhando-as sobre a parte da cama que Mulder não está ocupando.

Casaquinhos, babadouros, sapatinhos, meias, toucas, camisas, toalhas de banho, um sem número de peças infantis, limpas, bem passadas e perfumadas.

Dana toma nas mãos um par de sapatinhos de lã e encosta-o à face, num gesto meigo.

"Sapatinhos para o meu bebê! - pensa, com doçura - **O meu bebê!** Até hoje quase nem posso acreditar! É um milagre muito grande que aconteceu na minha vida! Oh, meu Deus, como o Senhor é bom pra mim! Me dar esta alegria, essa felicidade...! No trabalho, embora eu não pudesse expandir minha felicidade com essa criança, para que todo mundo pudesse ver, nas horas vagas meus pensamentos eram voltados só para... meu filho! Ah, meu Deus, que bom poder dizer: **meu filho, meu filho**, gerado por mim sem necessitar outra mãe para... - ela pára um pouco de manusear as peças de roupa em suas mãos - ... Emily era minha filha... que eu não pude gerar... - seus olhos brilham com as lágrimas.

Ela dirige o olhar para Mulder.

Ele continua a dormir, tranquilo, com semblante calmo, feliz.

- Fox... - pronuncia baixinho.

Até estranha tratá-lo dessa forma.

Dana tem em mãos agora uma saboneteira. Tenta destampa-la. Está difícil de abrir. O esforço que faz para abrir a peça, faz com que a mesma deslize de suas mãos, caindo ao chão.

- Oooh!! - exclama, assustada.

Mulder abre os olhos.

- O... oi! - Dana diz, sem graça.

- O que foi, Scully?

- Ah, Mulder, desculpe. Foi sem querer te acordei!

Ele apoia-se em um dos cotovelos:

- Brincando de boneca, hein?

Dana sorri.

Mulder a observa, com um vago sorriso.

- Você já tinha tudo isso guardado, Scully? Eu nem sabia!

- É, Mulder. Com o tempo fui comprando as peças até conseguir essa quantidade.

- E pra que tantas?

- Ora, pra que?! É necessário!

Mulder avista à um canto do quarto uma grande caixa.

- Aquilo lá é o que, Scully?

- Fraldas, Mulder.

- Mas ali tem fraldas para **dez bebês!**

- Engana-se. É a quantidade certa para um mês.

- O que?! - ele deita-se na cama - Você vai conviver com troca-troca de fraldas a toda hora?

- Com toda certeza, Mulder! Que dúvida!

Ele senta-se com as pernas cruzadas sobre a cama. Continua observando Dana.

Ela, neste momento, tem às mãos uma maleta. Coloca-a sobre a cama. Abre-a

- O que vai fazer, Scully?

- Não está vendo? Arrumando a maleta.

- Pra que isso?

- Ah, mas você está muito por fora disso mesmo, Mulder! Quando uma mulher vai dar à luz um bebê, tem que ser prevenida e então carregar uma valise com roupas da criança...

- Aaah...! - ele exclama, boquiaberto.

Dana senta-se à beira da cama.

- Estou cansada, Mulder!

- Claro! Fica só se abaixando e levantando, Scully... vem cá! - chama.

- O que é? - ela aconchega-se a ele, feliz.

- Vem cá, minha garotinha que gosta de brincar de bonecas...!

Mulder levanta-se, puxando-a para si. Deita-a sobre suas pernas.

- Lembra-se de que uma vez eu falei que nunca tinha pensado em você como uma mãe?

- Hum, hum.

- Fico pensando às vezes nesse milagre que foi você gerar uma criança!

- Deus achou que merecíamos, Mulder.

- Eu sei disso. - diz, meditativo e faz uma pausa

- Por que você está arrumando agora essa valise?

- É um palpite.

- Está sentindo chegar a hora?

- Mais ou menos isso, Mulder.

- Verdade? - ele assusta-se.

- Não precisa ficar apreensivo. É tudo muito natural... - faz uma pausa - ...Mulder?

- Que é?

- Como será o nascimento do nosso bebê?

- Não entendi a pergunta.

- Será numa hora de paz ou...

- Ou o que?

- ... de terror...?

- O que é isso, Scully? Por que esse pessimismo?

- Por causa de tantas coisas que nos perseguem... eu tenho um mau pressentimento...!

- Eu sei, eu sei lindinha... mas esqueça as preocupações. Você tem que estar feliz na hora de nascer essa criança!
- É verdade, Mulder! Eu **tenho** que estar!
- E então? - ele afaga os cabelos ruivos emoldurando o belo rosto de Dana. Beija-a com carinho na testa e na face.
- Mulder, sabe o que eu queria fazer hoje?
- O que?
- Visitar a minha mãe.
- Podemos ir ver a Maggie. Tentarei voltar mais cedo hoje do Bureau.
- Que bom, Mulder!

Ela puxa-o para si pelo pescoço, forçando-o a aproximar o rosto do seu. Encosta demoradamente o rosto sobre o peito dele, sentindo o pulsar do seu coração.

- Scully...?
- Ahn?
- Posso me arrumar pra sair?
- Não.
- Não...?!
- Não.
- Scully, eu tenho que trabalhar...!
- E eu tenho que ter alguém comigo, Mulder!
- Prometo vir cedo.
- Você não pode prometer nada nesse trabalho que tem!

Mulder ri.

- Ainda bem que você sabe.
- Mulder...? - pede, agasalhada entre seus braços.
- O que?
- Eu estou precisando mesmo de companhia a cada dia, cada hora, cada minuto...
- ... cada segundo... eu sei Scully.
- Eu passei meses muito só...quando retornava à minha casa só tinha a solidão a me maltratar, espezinhar o meu espírito...!
- Tenho certeza do seu sofrimento, Scully! E eu não poderia tê-la ajudado na situação em que me encontrava. - abraça-a mais forte - Vamos esperar com muita fé, amor e esperança a nossa criança, que está chegando pra unir-nos cada vez mais.

*"Toda criança vem com a mensagem
de que Deus ainda não está
desanimado com o homem."
Tagore*

EVITANDO A PAIXÃO

*"Diante da paixão não
há lei nem conselhos."*

Alfred de Musset

CAPÍTULO 73

Mulder começara a trocar-se para sair.

Scully já havia preparado o desjejum e aguarda, de braços cruzados à frente dele, a sua resolução para o momento de tomar o café da manhã.

Sentado, Mulder calça as meias; num dado momento olha para Dana:

- Scully, você costuma recordar o passado?
- Eu...?
- Sim... você... não gosta de fazer isso?
- Bem, confesso que...
- Tenho certeza de que ele vem sempre à sua memória, Scully. - já havia calçado as meias - É muito importante pra nós.

Dana descruza os braços. Sorri.

- É verdade, Mulder. Eu costumo sempre recordar a minha angústia no tempo em que você havia sumido... e... quando aquele velho indígena ... o Albert Hosteen ... o curou...

Mulder dá uma risada, levantando a cabeça:

- ... e Deus permitiu que eu voltasse! Já morri duas vezes, Scully. Acho até que sou um imortal!
- Não brinca, Mulder! Isso é sério!
- Por que sério? É mais que engraçado!

Dana aproxima-se rápida, tapando-lhe a boca:

- Pára com isso, Mulder! Pode ser engraçado pra você; não pra mim, que fiquei aqui pensando...!

Mulder abraça-a, falando sério:

- É a minha forma de fugir da tristeza disso tudo, Scully! Preciso usar esses fatos sempre como uma piada. Bem... mas deixa a morte pra lá. Eu gosto mesmo é de recordar as minhas investidas sem sucesso.

- Que investidas sem sucesso são essas?
- Você sabe, Scully, mais do que ninguém! Eu jogava meu charme pra você e você nem aparava, nem nada! Me deixava sempre a ver navios!

Mulder desprende Dana de seus braços.

- Era uma espécie de defesa, Mulder... eu tentava desviar minha atenção de você!

- Mas por que? Medo do que?
 - Não era bem medo, Mulder! Eu guardava o meu coração para não sofrer paixões. Eu evitava a paixão que dentro de mim já se insinuava por você!
 - Entendo... - abotoa o último botão da camisa - ... mas eu sempre quis você, Scully.
 - Ah, Mulder... eu não estou aqui agora com você? Por que ficar relembando os momentos negativos?
 - Pra que você sinta como, realmente, eu te quero, Scully. E eu nunca fiz nada para evitar essa paixão doida que sinto por você! Desde a primeira vez que a vi!
 - Desde quando entrei naquela sala e você voltou-se para olhar quem estava chegando e nem teve o cavalheirismo de levantar-se para me cumprimentar? - tem um ar zombeteiro.
 - É... acho que desde aquela ocasião mesmo! - ele levanta-se, enfiando a camisa dentro da calça - Esses seus olhos, Scully !
 - Persuasivos? - fita-o, amorosa.
 - Mais do que isso! Tremendamente carregados de paixão, de indagação, de...
 - Chega, Mulder! - implora, sussurrando em voz espremida.
- Ele a agarra fortemente, cheio de terna ansiedade.
- Scully... Scully... como me segurei durante tanto tempo pra não agarrar você assim, como faço agora!

Ela somente ri, prazerosa.

Mulder afasta-se dela e rapidamente veste o restante da camisa, abotoa a calça. Dá um tapinha na nádega de Dana.

- Vamos, Scully tomar logo esse café! Você precisa alimentar esse bebezinho aí e eu tenho que ir. Há até um visitante hoje no FBI.
- Quem?
- Eu não soube de quem se trata. Mas vamos logo! - arrasta-a para a copa.

* * *

A mulher observa os três homens com olhos indagadores, provocantemente sentada, com as bem torneadas pernas cruzadas diante deles.

- Mas senhor Skinner, o senhor está com um quadro de Agentes muito...
- ... muito...? - indaga o Diretor.
- ... **tentador!** - ela conclui, com ênfase.

Os três homens deixam que suas risadas inundam o ambiente austero do gabinete.

- É verdade!! E sei que a competência está de braços dados com a imponência dos seus Agentes.
- Imponência?! - quer saber Doggett.

- Não sei se a palavra certa é essa, Agente Doggett. Eu sou uma mulher que observa os mínimos detalhes de tudo, inclusive dos homens.

Mulder sorri e olha-a, somente.

Recorda-se de que tempos atrás havia sofrido um certo constrangimento por causa das atitudes impensadas da mulher que está à sua frente agora. E o ciúme que ela havia causado à Scully naquela época.

- Você deve permanecer durante quanto tempo aqui no FBI? - pergunta o Diretor.

- O tempo que o Bureau necessitar dos meus préstimos, senhor Skinner.

A mulher levanta-se, tendo seu gesto acompanhado pelos três homens.

O Diretor Assistente adianta-se:

- Posso ajuda-la a ir até o hotel?
- Não... não é necessário... bem... ah, Agente Mulder, eu gostaria de conversar mais um pouco com você. Pode ser?
- Claro! Esteja à vontade! Estou às ordens!

Ela levanta a mão espalmada de bem tratadas unhas pintadas com esmalte resplandecente.

- Mas não aqui, se não se importa. - pede, com gestos de coqueteria.

- Não me importo. - é só o que diz Mulder.

E, acompanhado pela mulher, Mulder retira-se da sala do Diretor.

***"A coquete é uma mulher frívola e fria que
fala do coração como os cegos das cores."***

Mme. Deluzy

SOMENTE POR CORTESIA

*“A cortesia é o artifício das
pessoas inteligentes para manter
à distância os importunos.”*

Emerson

Capítulo 74

Dana consulta o relógio que está na parede.

Quase seis horas da tarde.

“E o Mulder disse que viria cedo para irmos em casa de minha mãe...!” – pensa, perturbada.

O telefone celular sobre a mesa a tenta fazer uma chamada para Mulder, porem condena-se a si mesma por tal pensamento. Não deve perturba-lo em seu trabalho.

* * *

O barulho dos motores dos automóveis nas ruas está impedindo Mulder de ouvir com clareza as palavras da insinuante mulher à sua frente.

- Como disse? – pergunta a ela.
- Eu falei, Agente Mulder, que se você fosse um cavalheiro, me convidaria agora para jantar.

Mulder sorri.

- Agente Mulder!!

Voltam-se os dois ao ouvirem o chamado.

Aproxima-se o colega do Bureau.

- Agente Mulder, preciso lhe falar! - avisa o recém-chegado, aproximando-se.

Mulder faz uma aceno com a cabeça, compreendendo o desejo do outro.

Apresenta ao rapaz a sua acompanhante.

- Agente Davis, esta é a Detetive Angela White.
- Como está? – diz o outro, cumprimentando-a
- Agente Davis, – Mulder volta a falar - se é um cavalheiro, convide a Detetive White para jantar.
- Ora, como não?! Será um prazer! – diz o outro, sorridente, e logo dá um recado - Agente Mulder, o Diretor Skinner pediu que você ligue para ele antes de ir embora.
- Ok, obrigado Davis. – fala Mulder.

A boquiaberta e atarantada Angela White queda-se a observar sua quase presa afastar-se no seu caminhar peculiar.

E enquanto caminha, Mulder toma o celular para fazer a ligação para o Diretor Assistente, que, segundo seu colega, está aguardando sua chamada.

Desnorteada, Angela lança um sorriso para o simpático Agente Davis ao seu lado.

- Agente Davis, vai deixá-lo ir assim?
- Como? - ele não entende.
- Eu perguntei se vai permitir o Agente Mulder ir embora assim!
- Bem... você sabe... é final de expediente...
- ... final de expediente?! **Como** um agente especial do FBI pensa ter esses privilégios? O Agente Mulder tem casos a resolver comigo!
- Ah, é? E por que não o chama?
- Porque você, Agente Davis, sendo um cavalheiro, não vai deixar que uma senhora fique se esgoelando na rua, para chamar uma pessoa!

O agente arregala os olhos, admoestando-se a si mesmo por ser tão mal-educado com uma dama.

- Tem razão, Detetive White, tem razão. - brada a seguir - **Agente Mulder!!**

Mulder pára e olha para trás.

- Agente Mulder! – chama ainda o outro.

O casal aproxima-se de Mulder em passos apressados.

- O que houve? – Mulder quer saber, desligando o telefone em sua mão.
- É somente um lembrete, Agente Mulder... – inicia Angela - ... sobre a investigação de amanhã.
- Lembrete?
- Sim; nós devemos ainda hoje iniciar os relatórios concernentes ao início da investigação...
- Mas temos que aguardar o resultado da autópsia da vítima!

Angela segura-o firme pelo braço:

- Aah, Agente Mulder, você está brincando! – volta-se para o outro – Ele não é engraçado, Agente Davis?
- Ahn? Bem... é...
- E então? – continua segurando o braço do agente – Não vai concordar com a sua colega aqui?
- Não, Detetive White; sinto muito.
- Mas afinal, - irrita-se - O que está havendo?
- É que prometi à Scully...
- Prometeu o que... a quem...?
- Scully... Dana Scully.
- Aaah... – dá uma divertida risada - ... Dana Scully!! Eu me lembro! Como está ela?
- Bem, bem! - apressa-se a dizer.
- Eu me recordo dela, Agente Mulder. Você ainda a vê?
- É... eu... ela... nós... – titubeia.

- Bem, Detetive White... Agente Mulder... peço-lhes licença; eu estou indo.

E Davis logo afasta-se do local, apressadamente.

Angela dá alguns passos.

- Bem Agente Mulder, acredito que não vá agora deixar-me a falar sozinha aqui no meio da rua.
- Claro que não! Coloco-a num taxi.
- E por que não me dá uma carona? – ela pergunta, insinuante.

Mulder nada responde. Recomeça a caminhar.

- Bem... assim é melhor. - diz Angela seguindo os passos dele.

Chegam até próximo ao carro.

Mulder abre a porta para entrar; senta-se ao volante. Joga sobre o painel do carro o telefone celular.

Angela aguarda do lado de fora, que ele destranque a porta do lado do carona, segurando a maçaneta. Mulder destrava o trinco da porta.

Angela abre-a e entra.

- Oh, obrigada, Agente Mulder! Você é um distinto cavalheiro!

Mulder permanece calado. Liga a chave de ignição do motor.

- Por acaso você recorda que ficou me devendo algo na última vez que nos vimos?
- Tem boa memória, Detetive White.
- Esteja certo disso, Agente Mulder! E... então?
- Vou deixa-la em seu hotel.

Angela o observa por alguns instantes.

- Alguma coisa mudou nesses últimos anos, agente Mulder!?
- É uma afirmação ou uma pergunta?
- Deixo a seu critério.

Mulder cala-se. Em seus pensamentos maldiz-se por estar dando atenção à mulher, mas sente que é somente por uma questão de cortesia que está atendendo a seus apelos. Começa a dar a marcha a ré no carro, para deixar o estacionamento.

Com a atenção voltada para a parte traseira do veículo, não percebe os olhares mais que cobiçosos de Angela White sobre si.

- Mulder...?

Ele a olha de revés.

- Estou no Brighton Hotel. Sabe onde é? Não muito longe daqui.
- Ótimo.
- Aaah...! - geme alto - Tenho certeza de que vai subir comigo e iniciaremos nossos trabalhos hoje mesmo.
- Não aposte nisso. – retruca Mulder.
- Nossa!! O nosso antigo e conquistador Agente está tão diferente agora!
- Conquistador...?! - sorri.

- Ah, Mulder! Claro que conquistador! Quem naquele dia abraçou-me daquele jeito? Por acaso existe outro Fox Mulder? - faz uma pausa para olhá-lo - Tenho certeza que não! Você é absolutamente único!

Mulder sorri, lisonjeado.

- Muito bem, Detetive White, o que deseja, afinal? Que a leve até o hotel?
- Tem alguma outra sugestão?

O sinal luminoso vermelho faz com que todos os veículos tenham que parar. Angela coloca o braço sobre os ombros de Mulder.

- Ah, Mulder... Fox... - faz um tom de voz suave ... sabe que desde aquele dia você jamais saiu do meu pensamento?
- E daí você consultou um psicanalista. - diz sarcástico.

Ela continua envolvendo-o com o braço às suas costas.

- Ah, Mulder, não é possível que você...

Um tranco pelo reinício da partida do veículo faz Angela dar um pinote para a frente.

- Francamente, Mulder! Se não fosse estar presa no cinto...! - reclama.
- Desculpe, Detetive White.
- Tão formal...! Pode tratar-me por...
- ...Angela. - ele completa.
- Han, han! - ela sorri - Olha Mulder... eu gostaria de completar o que aquela sua colega interrompeu.
- Sabe que agora não há nenhum alinhamento astral neste período, não é?
- Para esse caso não precisa a interferência dos astros. - sussurra.

Mulder não responde. Essa mulher bonita, insinuante e coquete o tenta de todos os modos. Mas o seu coração está voltado para casa. Para a sua Scully. A dona de seus pensamentos. No entanto deve proferir uma palavra, a qual se torne uma atitude decisiva para essa mulher que está ao seu lado agora.

***“Uma palavra dita a tempo vale mais
do que um longo discurso tardio.”***
Denis

MALICIOSOS SORRISOS

“Há sorrisos que ferem como punhais.”

E. Blasco

Capítulo 75

Mulder resolve falar. Tenta usar um tom brando na voz.

- Detetive White...

Imediatamente ela cobre-lhe com a mão os lábios:

- Proibo-o de tratar-me tão formalmente, Fox! - murmura - Chame-me por...

- ...Angela... – ele conclui, fitando-a com um vago sorriso.

A mulher atira-se, jogando as costas, contra o banco do carro.

- Até que enfim, espero ter quebrado de vez essa sua atitude tão... tão... É interrompida pelo telefone que está tocando sobre o painel do carro.

Mulder pega o aparelho.

- Mulder. – atende, circunspecto.

- Mulder, sou eu! – ouve a voz de Dana.

- Oi, Scully... está tudo bem?

- Sim, está tudo bem. Você ainda está ocupado? Não dá pra vir embora?

- Ah, sim, claro! Já estou indo, Scully. Não me demoro, ok?

Angela observa atenta as palavras de Mulder.

“Por que não interromper esse diálogo?” - imagina em sua mente corrupta.

- Fox!! - chama em alta voz

- Imediatamente o som do chamado dela chega aos ouvidos de Dana:

- Mulder... quem é?

- Quem é... o que?

Repentinamente Angela segura fortemente a mão de Mulder para tomar-lhe o telefone.

Este, por sua vez, tomado de surpresa, diminui a pressão dos dedos e larga seu celular nas mãos de Angela.

Ela dirige-lhe um cativante sorriso e levando o telefone ao ouvido, agradece:

- Obrigada, Fox. – fala ao fone - Agente Dana Scully? Aqui é a Inspectora Angela White. Como vai?

Dana perde a noção, por alguns momentos do que deveria responder.

- Angela White? – pensa um pouco – Angela White!!

- Sim, eu mesma! Lembra-se de mim?

Dana não responde em seguida. Mil pensamentos sobrevoam sua mente atordoada.

“Angela White! Como poderia esquecer essa mulher? Há alguns anos atrás teve um caso com Mulder. Foi rápido, mas ele deixou-se envolver pelos encantos dela. Ah... como tenho desprezo por essa mulher!”

- Agente Scully? - a outra insiste.
- Passa o telefone para o Agente Mulder, por favor! - pede Dana.
- Não se lembra mais de mim, Dana?
- Eu jamais poderia esquece-la, Detetive White!

Dana pronunciar a frase com sarcasmo, antipatia e, ao mesmo tempo, seu coração teme o que poderá acontecer por saber de Mulder junto àquela detestável criatura.

- Scully! - a voz de Mulder soa em seus ouvidos, já de volta ao aparelho telefônico.
- Espero que tenha uma noite proveitosa, Mulder!

Dana desliga o telefone após essa frase.

Angela White sorri, maliciosamente prazerosa, fitando o semblante chateado de Mulder.

Enquanto mantém em seu ouvido o telefone desligado por Dana e vendo o semblante de um prazer maligno no rosto de Angela, Mulder dá uma guinada rápida, a fim de livrar-se de uma batida num automóvel que ia passando junto ao seu.

Um xingamento furioso do motorista do outro veículo é o que o faz despertar e perceber que está deixando-se levar pelas emoções do momento.

* * *

Dana fecha os olhos, tonta e enraivecida.

"Mas que deslante essa mulher falar comigo ao telefone! Talvez seja essa sua forma de vingança por eu ser-lhe antipática. Ela tem raiva de mim desde aquele tempo em que encontrei ela e Mulder na cama. Aquele cena deixou-me louca de ciúmes! Mas... meu Deus! Agora ela está lá... com ele! Mulder! E como reagirá ele a essa investida? Ele resistirá? E será que o amor que me tem é suficiente para enfrentar o assédio de uma mulher como aquela?" Dana sente seu bebê inquieto.

Coloca a mão na barriga, como para protege-lo dos seus problemas emocionais.

Repentinamente uma grande náusea toma conta do seu estômago. Leva a mão à boca e anda rápido até o banheiro.

Mas, como por encanto, o enjôo logo passa. Fôra uma simples insinuação de um súbito mal-estar, proveniente do momento de tensão pelo qual passa no momento.

Dana sente-se triste, acabrunhada. Parece-lhe ter voltado àqueles dias trágicos de meses atrás, quando sofrera infinita solidão. Tristeza, angústia e abandono.

Estas são as sensações que se manifestam em seu ser nesta hora.

* * *

Mulder, sem mais conversar, dirige atento às sinuosidades da pista sob a pouca iluminação.

- Olhe... o meu hotel é logo ali. - anuncia Angela.

Ele diminui a velocidade. Estaciona o carro diante da fachada do hotel.

- Boa noite, Angela. - despede-se, sem sorrir, com um aceno de cabeça.

- O que?! Você está brincando! - olha-o, atônita - Não acredito que esteja falando sério! - ri, exageradamente.

- Está me vendo contar alguma piada? O que está acontecendo?

- Eu é que pergunto! - segura-o por um braço - Vamos lá, Mulder! Você tem que me acompanhar!

- Por que?

- Porque precisamos entrar em entendimentos sobre nosso trabalho! É isso!

Mulder fita-a, com um enigmático sorriso.

Abre a porta do carro e sai. Dá a volta ao veículo, abre a porta do carona e, com um gesto de mão, convida-a a sair.

Diante da atitude decidida dele, Angela hesita em deixar o veículo. Logo sai, então.

- Obrigado. Vejo -a amanhã. - diz Mulder e bate com força a porta do carro para fechá-la e nele entra novamente.

Sai em disparada do local, cantando pneus, deixando Angela na calçada, olhos fixos nos reflexos das luzes que batem no veículo se distanciando.

Enquanto está com as mãos tensas presas ao volante, os pensamentos de Mulder vagueiam, procurando entender o motivo pelo qual a insinuante Inspetora Angela White o havia escolhido para uma de suas conquistas.

Essa situação o faz sentir pesar pelo que pode acontecer com Dana Scully, caso ela imagine que ele estava fazendo companhia à Angela por sua própria escolha.

***"O amor consola de tudo,
mesmo do pesar que causa."***

P. Rochépedre

QUASE EM LÁGRIMAS

*"Uma lágrima diz mais
que qualquer palavra."
Alfred de Musset*

Capítulo 76

Mulder encosta as pontas dos dedos levemente na pele do rosto de Dana. Recostada em uma pilha de travesseiros, está adormecida. Abre os olhos e logo vê Mulder à sua frente, sentado na beira da cama a contemplá-la com amor.

Ele toma-lhe as mãos.

Ela as retira de entre as dele.

- Por favor, Mulder! Estou exausta! - queixa-se.
- Claro, Scully! Desculpe eu acordar você.
- Tudo bem, tudo bem. Não foi nada. - o olhar de Dana não procura o de Mulder.

Ele aproxima-se mais dela:

- Tudo bem? Mesmo?
- É... acho que sim. - usa um tom de indiferença.

Mulder faz um gesto de abraça-la.

Dana, com gesto rápido, apesar do corpo pesado, volve-se na cama e levanta-se.

Mulder levanta-se da cama, também.

- E então? Vamos até a casa da Maggie?
- Não. - responde, ainda sem fitá-lo.
- Por que não?
- Eu já falei, Mulder. Estou exausta!

Dana fecha os olhos e mantém-se em pé, junto à janela do quarto. Respira fundo.

Mulder sente, neste instante, que algo há no ar, impedindo-os de se entenderem.

Prefere afastar-se e não insistir conversar com Dana.

Ela deve estar furiosa, percebe.

Mulder vai até a copa.

Toma um copo de água gelada. Que lhe congela, quase, os gorgomilos. Sente-se tenso. Aperta, com gesto nervoso, o copo entre suas mãos.

"Angela White! - pensa - É por causa dela que Scully está cismada. Mas eu não tenho culpa e necessito comprovar isso a ela."

Volta ao quarto, então.

Scully continua de pé, ao lado da janela.

Mulder nota que ela está ofegante.

Ele a vê colocar a mão sobre o ventre e apertar os lábios.

- Está sentindo alguma coisa, Scully?

Ela somente com um meneio, responde negativamente.

- Estou vendo você um tanto nervosa! - explica.

Dana o olha, agora. Seu olhar azul está brilhante de dúvida que transparece vindo lá do fundo de sua alma.

Mulder aproxima-se para colocar u'a mão sobre seu ombro.

- Você está aborrecida comigo?

Ela continua a fixar nele os olhos grandes e expressivos, sem, no entanto, responder ao que ele pergunta.

- Scully... sei que é por causa daquele telefonema...

- Ah.. sabe? Pois é! Preciso explicar mais? - desabafa, por fim.

- Não, não precisa. Apenas eu é que devo esclarecer que aquela mulher estava lá no Bureau e eu dei uma carona para deixa-la no hotel onde está hospedada...

- ... daí subi para levá-la até o quarto... - cruza os braços.

- Negativo, Scully! Não quero agir como um canalha com você!

Dana espalma as mãos, a fim de fazê-lo entender que está encerrado o desagradável assunto.

Caminha pelo quarto. Traz no semblante um ar cansado e aturdido.

Mulder cessa de falar. Não deseja incomodar Dana. Certamente ela não se sentirá bem se houver uma discussão entre os dois.

Entra no banheiro, carregando as roupas que vai trocar.

Dana veste sua camisola, calmamente. Está com os nervos em frangalhos. Sente com isso que seu bebê encontra-se bem irrequieto. Parece compartilhar de seu mal-estar. Ela ajeita os lençóis da cama. Recosta-se na cabeceira. Entre os inúmeros travesseiros.

Permanece com os olhos fechados. Tem medo. Um medo perverso de perder o homem que ama e que já quase perdera para sempre. Suspira profundamente. A garganta aperta-se-lhe, sufocando-a. Sente desejo de chorar.

Está quase em lágrimas, quando...

Mulder aproxima-se.

Somente a luz difusa do abajur ilumina o ambiente.

O berço, num dos cantos do quarto, ali vazio, continua parecer estar pedindo para logo abrigar o pequeno ser que se encontra guardado dentro daquela mulher lutadora, forte, que jamais deixara-se levar pelos amargores de sua vida atribulada.

Ela, ainda de olhos fechados, pode sentir os dedos leves de Mulder sobre seus cabelos.

- Scully... eu sei que não está dormindo ainda... eu preciso dizer a você que hoje... sabe? Hoje eu, apesar do dia completamente cheio de ação que tive, muitos minutos fiquei refletindo sobre nós dois, sobre tudo, Scully. Olha... antes de mais nada quero te contar uma coisa significativa pra mim... pra nós dois.

Dana discretamente movimentava os olhos fechados ainda, tentando concentrar-se nas palavras pronunciadas por Mulder.

- ... Scully, tomei uma resolução que já estava dentro de mim há dias e hoje a concretizei... eu entreguei todos os assuntos para o Doggett. Não faço mais parte dos Agentes Especiais do FBI. Saí fora.

Dana abre os olhos, mostrando um semblante estupefato. Porém nada diz. Aguarda as palavras restantes.

Mulder continua:

- O Doggett fez a expressão que você está fazendo agora: ficou estupefato... mas foi uma decisão definitiva... Scully... olha, e além disso eu pensei... pensei e pensei e sei que a minha vida sem você não tem razão de ser. Eu quero você pra mim daqui pra frente... desejo tê-la como a minha amiga que sempre foi... a minha mulher... a mãe do meu filho... a minha esposa, Scully... porque a partir de agora quero dar sentido mais forte em nossa existência. Nós fizemos uma criança, geramos um novo ser para viver neste mundo difícil e agora, naturalmente que precisamos amparar essa criaturinha que vem aí...

Dana continua fitando-o muda, para ouvi-lo falar mais.

Está atenta às palavras dele e seu olhar brilhante está quase inundado de lágrimas pela emoção. Ela faz menção de abrir a boca, para falar algo.

Mulder cobre-lhe os lábios, rapidamente com os dedos:

- ... não, Scully! Deixa eu terminar o que quero dizer... eu te amo... muito... nós nos amamos e eu quero viver junto com você, casados... quero dar nome ao meu filho... Scully... garanto que teremos momentos difíceis... pode até ser que mais cedo ou mais tarde um dos dois ou os dois vai sair fora, mas também garanto que se não pedir que seja minha, vou me arrepender pelo resto da minha vida. .. porque sei, lá no fundo do meu coração que você é a única pessoa pra mim... isso é o que eu queria te falar, mas quero dizer também que não te trairia jamais, muito menos agora em tais circunstâncias... peço que acredite em mim, Scully.

Quase em lágrimas Dana permite que Mulder lhe afague as mãos trêmulas e ansiosas.

Quase em lágrimas percebe a sinceridade e o respeito com o qual Mulder lhe está falando. E quase em lágrimas sabe, está ciente de que sua própria vida sem ele não tem razão de ser, pois sempre fôra esse o motivo que a havia levado a existir até o presente momento. Esse amor grande, imenso,

que a arrebatara e sempre a fizera sonhar com esse dia em que ambos haveriam de compartilhar, entendendo que não podem, enfim, viver um sem o outro.

***"Quem só vive para si,
não é digno de viver."
Boissy***

Nota: Agradeço à minha amiga Sanmya pelas palavras inspiradas para a elaboração deste capítulo.

O PRAZER DE UMA VINDA

***“Devemos procurar o prazer na felicidade
e não a felicidade no prazer.”***

R. Guillon

Capítulo 77

Neste momento, dentro da casa estranha, embora agora mais ou menos limpa e arrumada pela sua dedicada colega Agente Reyes, que mesmo sem ter acesso a água encanada no interior da habitação, fôra até o poço apanhar o precioso líquido para a limpeza, Dana, com o seu corpo pesado, mente cansada, abatida, reflete sobre os acontecimentos das últimas horas.

E enquanto encontra-se nesse desconfortável lugar, longe de sua casa ou de um hospital, sua mente divaga pelas lembranças do acontecido.

Quanta louca correria passara com Mulder fugindo, fugindo... sempre fugindo ou então sempre perseguindo o perigo para suas vidas.

A cada minuto percebe o quanto é preciosa a vida; muitas vezes até já havia deixado de aperceber-se disso.

E Mulder... o seu Mulder, quanto esforço para livrá-la das garras de seus perseguidores!

E até quando poderá lutar contra isso? Sempre o fazia em situações normais, por achar que aquilo era parte de seu trabalho, mas agora, com essa nova vida dentro de si, sua alma clama por paz, segurança e principalmente sossego.

Até fôra bem agradável a reunião das amigas no seu “chá de bebê”; estivera feliz por algumas horas, excetuando o fato de a maldita mulher desconhecida haver mexido em seus medicamentos no armário do banheiro. Qual a maligna finalidade desse gesto?

Esse fato a tornara apreensiva, como havia confessado à Maggie, sua mãe.

Está refletindo neste instante no que poderia ter-lhe causado se qualquer coisa negativa ocorresse para prejudicar o nascimento de seu bebê.

“O meu bebê amado...!” - pensa.

Sente que uma leve dor manifesta-se em seu útero tenso e enrijecido.

Sente que, aos poucos, conforme passam-se os minutos, a dor vai aumentando de intensidade.

Uma dor cansada, que lhe enfraquece as pernas e lhe faz pesar o baixo ventre.

E sente receio. Um receio imenso.

- Mulder! – chama em voz baixa, só para si.

Ela está certa de que o momento esperado durante nove meses é, enfim, chegado.

- Mulder! - repete.

Sente escorrer pelas pernas o líquido morno da bolsa em que se encontra seu bebê e que acabara de se romper neste instante.

Imediatamente passa por sua mente a idéia de que há a necessidade premente de ser levada para um hospital.

“O cordão umbilical... o bebê corre o risco de que o cordão o envolva e ele... meu Deus! Preciso ter o máximo cuidado... não posso movimentar-me bruscamente... meu Deus, preciso de ajuda! Estou sentindo que a hora é chegada. Meu bebê já está vindo! E se ele for... e se ele...” - sacode a cabeça, tentando arrancar os maus pensamentos - ... ele já está pra nascer... assim como eu, Mulder também está apreensivo, ambos sabemos... meu Deus, me socorre! Preciso ter o meu bebê sem riscos, longe da maldade, que nos persegue a mim e ao pai dele...”

Cambaleante, ela apoia-se para ir até ao banheiro. Sabe que a hora é chegada.

Já sente em seus pés a quentura do líquido que continua escorrendo por suas pernas. Só não sabe daqui para frente quanto tempo poderá levar até a exata hora do nascimento da criança.

Seu instinto percebe a necessidade de algo mais seguro.

Estar neste lugar... sem nada que a socorra... sente extrema necessidade de ser levada a um hospital. Precisa. Necessita.

Mas como? Não pode! É uma fugitiva! Está lutando pelas vidas sua e de seu precioso filho! Os alienígenas... os malditos alienígenas querem pegá-lo!

E Dana aflige-se.

Seu corpo pena. Sua alma sofre. Seu coração estraçalha-se na dor.

* * * * *

Dana, arfante, aflita, não quer deixar a Agente Reyes em pânico, mas estando há já algum tempo nessa situação, tem que avisá-la de que está prestes a dar a luz.

- Mulder! – exclama baixinho, olhos fechados, esgotada em suas forças, arfante – Por que não pôde estar agora comigo aqui, neste lugar estranho, longe de tudo e de todos, desconhecido... ? Mulder!! - grita agora, como se o estivesse vendo ali próximo.

Dana vê o vulto da Agente Reyes aproximando-se rápida, no ambiente lúgubre, escuro, iluminado apenas pelas chamas serenas das velas acesas.

- O que houve, Dana?

- N... não... nada! Eu pensei ter...

A Agente Reyes chega para falar bem próximo.

- Nós vamos conseguir sair daqui bem com seu bebê, tenha certeza.

- Eu preciso ter... mas essa louca correria, essa tensão pela qual eu e Mulder passamos nas últimas horas fugindo da maldade contra nós, está me deixando sem forças, Monica. Não aguento mais! Estou me sentindo fraca!
- Não... Dana, nada disso! Você sempre foi forte, nunca deixou-se levar pelas dificuldades da vida, como já me contou, então não há porque temer!
- Eu e o Mulder estamos sendo muito castigados, Monica! - exclama chorando, com as mãos sobre o rosto.
- Eu sei... eu sei.
- E agora estou aqui nessa situação, neste lugar, sabendo que ele também está em perigo!

A Agente Reyes baixa os olhos, pensativa.

Como poderia negar à colega esse fato, se a sua própria vida também estava correndo risco? Sente-se até um pouco infeliz por nada poder fazer, a não ser contar com a sorte.

- Monica! - chama arfante.
- Sim, Dana.
- Estou sentindo que já está na hora.... estou sentindo... as contrações.

* * *

Frohike, Langly e Byers, os fiéis amigos, contemplam embevecidos a obra primorosa da natureza nos braços de Dana.

A criancinha emite como um pequeno gemido um leve choro.

- Scully... ele está... - começa Frohike.
- ... querendo ir... - interrompe Langly.
- ... pro berço? - conclui Byers.

Dana sorri meigamente, afagando o rostinho do seu bebê.

- É claro que não, rapazes! Um bebezinho só deseja mesmo é estar nos braços quentes da mãe.

Byers adianta-se:

- É verdade, Scully... eu já até quase me havia esquecido do tempo em que... - pára, repentinamente, ao relembrar seu passado e a família que já possuía tempos atrás.

Dana fita-o, percebendo o drama que envolve os pensamentos do fiel amigo neste instante.

- Bem... bem, Scully, precisamos ir agora... e Scully, nós... - recomeça Frohike.
- ... nós estamos... - interrompe Langly, agitando sua vasta cabeleira loura.
- ... muito felizes por você. - conclui Byers, circunspecto.

Ela agradece com um meneio e um leve e amável sorriso.

Os três homens deixam o quarto, levando em seus rostos a felicidade pela vinda do bebê que havia chegado para encher de prazer o coração de todos. O filho que Dana Scully tanto havia desejado.

Dana olha o filhinho em seus braços. Pega-lhe as diminutas mãozinhas perfeitas, os pezinhos aquecidos dentro dos sapatinhos de lã. Afaga-lhe a cabecinha quase desprovida de fios de cabelo. Tão pequenino ser! Tão frágil!

O seu filhinho amado. Carne de sua carne. Sangue do seu sangue.

Aguarda ansiosa a chegada de Mulder para vê-lo.

O pai de seu bebê! O seu amado!

O prazer que a vinda desse filho lhe trouxera é tão forte, que, embora Dana esteja lutando contra o cansaço, o desânimo, o mal-estar provocado pelo parto atribulado e cheio de riscos que sofrera, seu desejo é de propagar aos quatro ventos sua felicidade. A felicidade pelo prazer de uma vinda aguardada com ansiedade e muito amor.

Sente-se ditosa, feliz, neste momento, apesar da tribulação pela qual tivera que passar nos momentos do nascimento de seu filho e que havia forçado Mulder a separar-se dela e da criança prestes a nascer.

“Por que temos que sempre sofrer perseguições? Seríamos mais felizes se pudéssemos ser pessoas comuns...” – pensa com tristeza.

Um profundo suspiro de alívio sai de dentro de seu peito. Havia ido embora o medo, o desespero pela tensão pela qual passara. Tudo está bem. Ela e o bebê.

Após tanto sofrimento ela pode, então, desfrutar momentos de paz e segurança.

Mulder entra no quarto.

Os olhos azuis de Dana parecem faiscantes de puro encantamento e amor.

Ali está, diante de si, o homem responsável por essa pequena vida que acaba de vir conhecer o mundo. Esse mundo difícil, frio, atormentado e cruel.

Mas a sua criança está ali e seus pais cheios de regozijo por sua presença.

Neste momento vendo Mulder, parece a Dana sentir estar entrando junto com ele, de braços dados, a felicidade e a paz com que Deus os havia presenteado.

- Mulder! - ela murmura em êxtase.

E seu reencontro foi de murmúrios e olhares de ternura, sentindo todo o amor que emana de seus apaixonados corações.

Dana coloca nos braços jeitosos de Mulder, o seu filhinho.

O ambiente leve, acolhedor e amoroso os faz sentirem-se extasiados pela paixão.

Trocam frases cheias de ternura.

Mulder procura os lábios de Dana e em sua boca coloca o que os seus próprios lábios não precisam pronunciar.

Beijam-se ternamente.

Suas bocas unidas, sentindo o recíproco gosto, a tontura do desejo, o prazer da ternura, o calor das carnes, a felicidade de estarem ali juntos, desfrutando de toda e plena ventura do seu sofrido amor.

Mulder, com a criancinha nos braços, continua sentindo a quentura dos dois corpos junto ao seu: a do seu filho, pequenino ser amado, recém-chegado aos seus braços e ao seu amor de pai e o de sua mulher, a forte e determinada Scully, agora assim tão frágil e pequena, mas na qual havia sido gerado um ser vivente.

Que crescerá e ficará forte, determinado, céptico, honesto, puro e fiel como sua mãe ou então herdará do seu pai a credulidade às coisas mais intrigantes deste mundo, sendo impetuoso, porem sensível.

- Scully... é tão lindo ele...! - ele continua com o bebê em seus braços.
- Não é maravilhoso estarmos com o fruto do nosso amor aqui nos nossos braços?
- Sem dúvida, lindinha! – olha a fisionomia pequenina e perfeita do seu filhinho.

Dana envolve-o com os dois braços com mais calor.

- Ai que felicidade sentir vocês dois assim... juntinho de mim... sabe Mulder...?
- O que?
- Eu queria que esse momento mágico não terminasse nunca!

Ele sorri. Procura os lábios dela mais uma vez.

Sorvem-se. Degustam-se. Prazerosos.

É muita felicidade. Nem acreditam.

O bebê faz um trejeito, movendo as pernas e braços, inquieto. Enquanto choraminga baixinho.

Desprendem os lábios.

- O que ele tem, Scully?
- Uma coisa importante para os bebês.
- O que?
- Fome, Mulder.

Mulder coloca a criancinha nos braços de Dana.

- Toma ele. Mas deixa o resto comigo.
- O resto...?
- Sim... deixa.

Mulder abre o decote do robe de Dana, fazendo aparecer o seio farto dela.

Ela acompanha ternamente os gestos do jeitoso pai.

- Pronto. Sirva-se, filhinho. - diz ele, encostando o rostinho da criança ao seio dela.

Dana sorri meigamente:

- Ah, Mulder, você nem parece um pai! Tem que ajudar o bebê assim! – toma o bico do seio e o coloca na diminuta boca de seu filho.
- É... realmente sou um marinheiro de primeira viagem...

E enquanto o seu filhinho alimenta-se com apetite, Mulder desliza, levemente, os dedos na cabecinha dele.

Aperta Dana contra si. Sente-se feliz. Os dois são um pedaço de sua própria vida.

Apertada entre os braços mornos de Mulder, Dana sente-se no céu. Aspira com prazer o perfume da loção de barba no queixo que ela adora dar pequenas mordidas, com paixão.

Permanecem quietos, apenas sentindo-se, carne contra carne, sabendo que nem as dificuldades e os perigos passados há horas atrás, haviam conseguido tira-los dos seus sonhadores pensamentos.

- Obrigado, Scully. – ele fala, repentinamente.
- De que, Mulder?
- Por ter-me dado esse filho, Scully. Eu te adoro. E a ele também Adoro vocês! Olhe, Scully, a verdade sobre como aconteceu em você poder conceber essa criança, nós não sabemos, mas a verdade sobre como nós quisemos nosso filho e nós o fizemos, somente nós dois conhecemos, como eu já lhe disse, e como foi sempre nosso desejo, para completar nossa felicidade. E pode o mundo acabar, pode até algo nos separar, nunca, no entanto, estaremos definitivamente desunidos, pois mesmo que nossos corpos se separem, nossos espíritos estarão juntos para sempre.

Dana enche seu coração de regozijo pelas palavras de Mulder.

Ele sussurra-lhe nos ouvidos.

- Vocês são as coisas mais especiais que tenho na vida!
- Coisas...? - ela sussurra, zombeteira.
- Sim, minha coisa lindinha e amada...!

Corre-lhe com os lábios por sobre a testa, deslizando até o queixo de Dana, ardoroso.

- Nunca duvide das minhas palavras de amor, Dana! - replica, com semblante sério.
- É mesmo somente num dia especial como este pra me chamar por meu nome! - ela admira-se.
- Espera... - mete a mão no bolso do casaco, dele retirando um objeto embrulhado.
- Um presente?
- Abre.
- Espera... ahn... Mulder... - senta-se na beira da cama, ajeitando-se - ... parece um...um CD! - exclama, admirada.

- É. Gostou?

Ela tenta ler o nome na capa:

- Não consigo é ler este idioma, Mulder! Português?
- Sim. Um amigo o trouxe do Brasil.

Ela novamente tenta soletrar o título do CD.

- Pro Nenê Naná - Canções de Ninar. - O que significa? Só sei que é algo infantil.
- Exatamente, Scully. - senta-se ao seu lado - É uma seleção de canções para ninar os bebês.
- Aaaaah, Mulder! Que lindinho!
- Não, Scully. Você é que é lindinha! - beija-a nos lábios, suavemente - Gostou da capinha do CD?

Ela a examina com atenção.

Uma pequenina janela, em cujo vidro aparece uma estrelinha amarela, é o que simboliza ser o quarto de um ursinho bebê estilizado, dormindo pacificamente em sua confortável caminha.

- Pra você não ter que assustar o bebê com a sua desafinada voz, foi que lhe trouxe este CD. É só colocar e deixar o nosso filhinho ouvir.
- Obrigada pelo elogio...!
- Não é um elogio! Eu procuro sempre usar a sinceridade!
- **Muldeeer!!** - ela reclama em alta voz e aperta-se nos braços dele, o que faz com que seu filhinho tremule os pequenos punhos fechados, incomodado - Mulder...?
- O que é? - diz, falando com a boca entre os cabelos ruivos dela.
- Por que temos que sempre passar por tão terríveis sofrimentos?
- Pra podermos ver que após a tempestade sempre vem a bonança... e Scully...?
- O que?
- A ajuda da Agente Reyes foi importante, não?

Os olhares trocados falam toda a paixão que existe nos seus corações.

- É lógico que foi! Ajuda preciosa! E Mulder...
- ... sim?
- ... foi a mão de Deus a me proteger naquele lugar sem nenhum amparo, escuro, sem conforto, sem nenhum auxílio da medicina... eu... eu... não quero mais nem pensar nisso...a dor pela vida do meu filho... a perseguição terrível que sofremos... tudo me deixou horivelmente angustiada e sofrida. Quero tirar isso tudo do meu pensamento... não quero mais pensar...!
- E não deve! Agora você está aqui, sã e salva e feliz com seu filho.
- Mulder... eu tenho a certeza de que... de que Deus procura nos mostrar sempre que, apesar de tormentos e amarguras, nunca estamos

sozinhos... a mão Dele está sempre a nos proteger, mesmo que estejamos até caídos num abismo de problemas...

***“Deus fez abismos para que o homem
compreendesse as montanhas.”***

O MILAGRE VEM DA CRENÇA

*"Crença é a luz da razão, quando
esta já não pode iluminar."*

Georg Wulft

Capítulo 78

Mulder observa, embevecido, seu bebê sugando com sua boquinha diminuta, calmamente o seio farto de Dana.

O seu olhar perscruta os dois seres humanos ali, à sua frente:

'Maravilhosos seres criados por Deus para deleite de quem os ama!' - pensa, com arrebatamento.

Ele coloca as pontas dos dedos no rostinho da criança, leva-os a seguir ao rosto de Dana, afagando-o, carinhosamente.

- Scully...?
- Ahn...?
- Estou pensando...
- Em que?
- Se após toda essa luta podemos ir para fora, por algum tempo.
- É provável, Mulder.
- Até quando você está de licença no trabalho?
- Três meses.
- De minha parte vou ver como ficam, daqui pra frente, certos planos que tenho em mente.
- Planos?
- Ahn, ahn.
- Posso saber?
- Por enquanto, não.

Pausa. Ambos olham a dádiva de Deus entre os braços de Dana.

- Mulder?
- O que?
- Estou com frio.
- Então vem cá... chega bem perto...
- ... me abraça.
- Eu sei que sou o seu agasalho.

Ela sorri e se entrega ao calor dos braços dele.

- É lindíssimo, Scully. Maravilhoso!
- Nosso filhinho?
- Claro. Mais que isso é esse milagre de vida.
- Deus achou que merecíamos...

- Com certeza!
- Nós só temos que agradecer a Ele esse milagre.
- Estou certo disso.

Pausa. Olham enternecidos seu bebê.

- Ele parou, Scully?
- É. Está de barriguinha cheia... agora é fácil, mas daqui a mais alguns dias vai dar trabalho.
- Por que?
- Porque, à medida que ele puxa o leite, mais vai aumentando de quantidade e o bebê passa a ter que mamar nos dois seios para aliviar também a mim.
- Scully...
- O que?
- De outra vez providenciaremos gêmeos.
- Está brincando... oooooiii!
- O que foi?
- Sente como está quente aqui.

Mulder coloca a mão onde Dana lhe indica.

- Realmente. Já sei. Acabou de fazer pipi e...
- Tenho que trocar a fralda.
- Deixa que eu pego.

Dana coloca o bebê na cama. Retira a fralda molhada e suja.

Mulder observa, atento.

- Scully... é bem grandinho...
- É sim! - ela ri - No início o saquinho é bem desproporcional mesmo em relação ao... - olha-o de soslaio, com um leve sorriso desenhado no semblante.
- Engraçado...!
- Vou preparar o banho dele, Mulder.
- Deixa que eu trago a banheira.
- Tá.

Mulder apanha a banheira fechada e abre-a perto da cama de casal. Coloca perto dela os objetos necessários ao banho do bebê.

Dana retorna ao quarto com a vasilha que contém a água tépida. Despeja na pequena banheira.

- O que vai fazer agora, Scully?
- Banhar o bebê.
- Isso eu sei.
- E então? Mulder... quero aquelas roupinhas ali. - aponta.
- Espera. - pega-as e traz - toma aqui.
- Deixa aí na cama pra mim.

Dana coloca, cuidadosamente, seu filhinho na água, amparando-o em seus pequenos ombros.

- Vamos, meu filhinho, vai ficar bem limpinho...! - fala, com a criança.
- Pra depois dormir... comer...
- ... e novamente dormir... comer... tomar banho!
- É... ô cara! Você tem boa vida, meu!
- Não me chama de boa-vida, meu papai! - fala Dana, imitando uma voz infantil.
- Ah, Scully... ei Scully?! - surpreende-se - Por que está fazendo isso?!
- Não se preocupe, Mulder.
- Mas pra que é isso? E não dói?
- É o dever de toda mamãe arregaçar a pelezinha do prepúcio, para que o bebê não sofra de fimose quando se tornar adulto.
- Scully...
- O que?
- Será que a minha mãe fez isso em mim?
- Se você não padece com esse problema, certamente ela foi cuidadosa.
- Aaahn... será que fui um bebê bonito? - coloca os dedos sobre os lábios, num gesto que lhe é peculiar.
- Com certeza igualzinho a seu filhinho aqui.
- Huuum... tenho dúvida.
- Por que isso? - acha engraçada a frase duvidosa dele.
- Porque eu nasci por acaso... de um pecado.
- Mulder, pára com isso! Não diga bobagens! Me ajuda aqui, anda!

Ela retira o bebezinho da água e o envolve na toalha.

- Ah, Scully... cuidado! Ele está tremendo! Olhe os braços e pernas dele.
- Ooooh, meu filhinho! - geme ela, aconchegando-o a seu corpo.
- Scully... acho que ele já está com sono.
- Com certeza vai dormir agora, Mulder. - dirige-se ao bebê - Vamos vestir a roupinha, filhinho?
- É, filhinho, sua mamãe não vai demorar a lhe vestir...ei!!

As divertidas risadas dos dois ecoam no quarto.

- Ei, garoto! Precisava fazer isso?
- Ai, Mulder, muito engraçado! Ele molhou a sua camisa pra valer!
- E que pontaria, meu!!! Parece até que fez mira bem no meu peito!
- Sai da frente, meu papai! Senão te dou outro esguicho com a minha mangueirinha! - brinca ela.

Enquanto Dana limpa com o creme apropriado as partes íntimas do seu bebê, Mulder retira a camisa molhada pela urina da criança.

- Scully...?
- O que?

- Já vi que nossa vida vai dar uma guinada de trezentos e sessenta graus, caramba! - vai para o armário pegar outra camisa - Estou me divertindo com isso... mas Scully... certo dia, antes do nosso filho nascer, você estava me explicando que os bebês começam a conhecer o mundo com a língua... é isso?
- É isso. No tato e no paladar é que eles aprendem as coisas e isso acarreta sempre grandes problemas.
- Não entendo o porquê. - está parado diante do berço, mãos seguras nas grades, observando a criancinha dormindo, tranquilamente.
- Eu lhe digo o porquê. No momento em que os bebês estão engatinhando, não estão arrastando as mãos pelo chão? Pois é daí que os milhões de bactérias vão-se acumulando ali nas palminhas de suas mãos e eles depois levam-nas à boca... ou então tomam um objeto do chão levam-no à boca... daí que...
- ... as amígdalas infeccionam-se por infecção, devido à sujeira das mãos da criança.
- Você já entendeu, Mulder. Já pode julgar-se um perfeito papai!

Dana aproxima-se de Mulder e nota o seu semblante embevecido, olhando para o filho.

Ela abraça-o por trás. Pousa o rosto sobre as largas costas dele.

- Huuum, Mulder!
- O que foi? - ele volta-se para ela.
- Eu pensei que a felicidade não existisse.
- Sabe, Scully? A gente sempre precisa ter uma fé... acreditar... saber que muita coisa podemos realizar na vida sempre acreditando em Deus... no seu poder. O milagre é realizado tendo-se uma fé, uma crença Nele.

Dana penetra com seus olhos infinitamente azuis o esverdeado transparente do olhar de Mulder.

- Eu gosto de vê-lo falar assim, Mulder!
- Nós precisamos ser felizes, Scully! Se Deus nos deu o merecimento de até gerarmos um filho, então não estamos de jeito nenhum esquecidos por Ele.

Abraçam-se. Os lábios de Mulder procuram os de Dana. Ele envolve o corpo pequeno e frágil dela, apertando-o com ardor, balançando-a suavemente, como se a estivesse ninando.

- Scully... ah, Scully... e se tudo tivesse sido diferente? - ele fala em sua voz sussurrante.
- O que?
- O que você ouviu, Scully.
- Mas não entendi, Mulder! Às vezes você fala complicado e a gente não consegue entender bem as palavras.
- Como assim? - franze o cenho.

- É que você fala sem quase abrir a boca!
- Ah é? Engraçadinha!

Mulder aperta-a com força, enquanto ela ri.

Caminham abraçados até a janela.

Seus olhos divisam lá embaixo as folhas das árvores que baloçam sob o vento frio que sopra. Aqui e ali, aos poucos, pequeninos e leves flocos brancos vão pousando sobre tudo, na rua.

Alguns poucos transeuntes caminham, mostrando as golas de seus agasalhos quase lhes cobrindo o rosto... mãos nos bolsos para aquecer... quem sabe, além das mãos, até seus próprios corações...?

***"O coração tem, como o mar,
as suas tempestades."***

Zanella

LEVE DISCUSSÃO

*"O único meio de sair ganhando
em uma discussão é evitá-la."
Dale Carnegie*

Capítulo 79

Ainda parados junto à janela, continuam a contemplar a rua com ar embevecido, como se estivesse apreciando um cenário de seus próprios corações, sua própria alma repleta de apaixonantes sentimentos.

- Mulder...?
 - Fala. - desliza as mãos sobre as costas dela, acariciando-a
 - Preciso falar uma coisa a você...
 - ... o que?
 - Espera, deixa eu falar... é que... sabe... eu sou uma cientista... gosto de me aprofundar nos fatos, especialmente aqueles que me dizem respeito.
 - Sim? - perscruta-a com seu olhar, esquadrinhando-lhe o fundo da alma
 - Sobre o que quer me falar?
 - Han... bem... é que... olha... você sabe que eu tenho um chip colocado em minha nuca...
 - ... sei...
 - ... e você sabe que eles... os que me colocaram isso podem comandar a minha vida através disso.
 - Não a sua vida! - protesta.
 - Claro, exagerei! Quero dizer... o meu corpo... certos órgãos...
 - Scully, pra que você quer tocar nesse assunto?
 - Porque é a realidade, Mulder! - fecha os olhos, um tanto angustiada e engole em seco.
 - Mas por que este assunto agora?
 - Por causa das circunstâncias...
 - Sei... - confirma, ainda perscrutando-lhe o olhar.
 - Olha... eles... isto é, naquela ocasião em que o Canceroso levou-me a buscar aquele CD...
 - O que tem?
 - Aconteceu algo que não sei explicar.
- Mulder arrasta-a para o meio do quarto.
- Scully, fala logo; o que você está querendo me contar?

- É que, naquela ocasião, eu fui adormecida por algum meio...
 - ... e...?
 - ... quando despertei não consegui saber o que havia acontecido comigo!
- Ele espalma as mãos, nervosamente:
- Vamos, me explica melhor o que houve!
- Dana dirige-se para a cama e senta-se nela. Fica por alguns segundos calada, pensativa.
- Scully, onde você estava quando adormeceu?
 - No carro, Mulder! No carro! Eu estava viajando há horas e estava cansadíssima!
 - Sei... mas você disse que foi adormecida por algum meio.
 - É... talvez tenha sido imaginação minha, mas me pareceu algo assim como que forçado, um sono pesado...!

Dana cala-se.

Dana tem plena consciência de que não iria jamais citar que, ao despertar naquele quarto de hotel, encontrara-se sem o seu casaco, o qual havia sido retirado e o Canceroso pode tê-la despido para alguma finalidade... sente pânico igual como já passara naquela ocasião.

- Scully!!

Ela desperta de seus aflitivos pensamentos.

- Mulder, eu acho que naquela ocasião reativaram o chip na minha nuca e...
- ...e...?
- ... assim dessa maneira é que eu pude conceber... gerar essa criança.

Mulder afasta-se dela. Retorna à janela, pensativo, apertando os lábios. Coloca as mãos à cintura. Olha para fora. Calado.

Há um pesado silêncio no recinto. O assunto desagradável faz pairar uma suspeita no ar.

Mulder volta-se para Dana, ainda sentada na cama.

- O que houve mais, Scully?
- O que houve **mais?!**
- Você estava simplesmente dentro do carro... adormeceu pesadamente e só suspeita disso?

Agora Dana levanta-se, aturdida:

- E o que você pensa mais, Mulder? Fala!
- Que aquele miserável...
- Ah, por favor, não crie dramas! Eu não fiquei inconsciente, Mulder! Apenas adormeci!
- Você não sabe o que diz, Scully! Você nem tem idéia do tipo de adormecimento que teve; você pode nem suspeitar do que uma pessoa miserável como aquele homem pode ter feito com você, sem você nem ter percebido!

- Mas o que é isso? - ela levanta-se e chega até o berço - Você é que não sabe o que está dizendo...! Eu só queria falar-lhe que pode haver uma explicação científica para que eu pudesse engravidar. Era a esse ponto que eu queria chegar e você... você vai logo criando caso!!

Os olhos de Dana brilham com as lágrimas que os estão inundando agora.

Mulder permanece parado no lugar, fitando-a. Fecha os olhos, passa a mão na testa e dá alguns passos na direção dela.

- Scully, você tocou nesse assunto porque deve ser algo no qual fica sempre pensando.
- Quer parar? Olha... na verdade nunca esqueci aquele seu ar de desprezo quando voltei daquela malfadada viagem com aquele homem.
- Aquela malfadada enganação... de uma coisa que nunca existiu!
- Estou ciente que sim, Mulder! Mas você foi carrasco comigo... não precisava tratar-me com tanto desprezo...! E eu naquele momento precisava tanto do seu apoio e compreensão...!
- Mas você acreditou na proposta daquele cara!
- Eu sei, Mulder! Foi burrice minha, sim! Mas aquela busca me pareceu viável. Seria algo fantástico acontecer na humanidade. Aquela perspectiva mexeu com a minha cabeça... o meu conhecimento da ciência...

Mulder dá alguns passos, caminhando nervoso, levantando a cabeça e balançando os braços, num ar de protesto.

- Ah, pára Scully! O cara fez de você...
- ... uma imbecil!!
- Eu não quis dizer isso...
- Quis sim! E desde aquele momento em que nem sequer procurava meu olhar te pedindo ajuda, até agora mesmo, quando não quer entender o meu ponto de vista...!!

O choro manso e baixinho da criança os desperta.

Dana vai até o berço. Observa com olhos atentos seu filhinho movimentando os pequeninos braços e pernas. Ela ajeita-o no berço, agasalhando-o melhor.

A criancinha volta a dormir tranquila.

Dana ergue o corpo, volta-se para Mulder. Cruza os braços. Nada fala. Espera.

Mulder vai até a janela. Olha para fora sem nada da rua enxergar.

Dana observa-o, somente. Continua esperando sua reação.

Mulder vira-se para ela. Abre a boca para falar algo, mas imediatamente seus lábios se fecham. Desiste. Dá um soco com punho fechado na própria perna.

E Dana continua em sua atitude de espera. Suspira profundamente, apenas.

Mulder, apertando os lábios, está com o olhar fixado nela agora. Seu semblante severo aos poucos vai abrandando e transformando-se num sorriso.

Ele estende os braços para receber Dana.

E ela corre célere para os seus braços quentes.

Abraçam-se com ardor. Nada falam. Para que? Mais explicações? Mais perguntas? Dúvidas? Incertezas?

Existe entre os dois o sentimento maior que apaga todos os demais: o amor.

Mulder, com os lábios dentro dos cabelos ruivos de Dana, murmura, na sua voz cálida e sussurrante:

- Me perdoa, Scully! Eu sou um... eu preciso de você... não fique zangada.

Como resposta ela apenas beija-o no pescoço, no queixo, segurando-lhe o rosto entre as mãos ansiosas, como se não o quisesse deixar escapar de seus braços. Nunca mais.

- Scully...

- Hum?

- De uma forma ou de outra... se esse seu chip foi reativado ou não... somente algo pode ter permitido que você gerasse essa criança...

- Algo...?

- Não... Alguém... e esse **Alguém** é Deus... o dono da vida.

- Não tenho dúvidas, Mulder.

- Scully...

- O que?

- Não precisamos discutir...

- Não precisamos.

Permanecem abraçados. Calados.

Mulder a encaminha para junto do berço.

Ambos olham seu filho que, por um segundo, estremece discretamente os pequenos punhos fechados.

O rostinho tranquilo parece exortar seus pais a estarem como ele está agora: calmo e confiante.

Como se estivesse a dizer aos dois:

- Papai! Mamãe! Não deixem entrar em seus corações a desconfiança!

*"É uma regra na amizade que, quando
a desconfiança entra pela porta,
o afeto sai pela janela."*

J. Howell

APENAS AMIGOS...

*"Para que tantos amigos? Basta
um só quando nos estima."*

Florian

Capítulo 80

- Ah, Mulder! - exclama, olhando a criança no berço - O que lhe parece ao ver o rostinho dele?
- Sabe mesmo o que eu acho, Scully? Ele parece estar dizendo para que não brigemos, fiquemos em paz.
- É isso mesmo que eu acho, Mulder.

Abraçam-se, com o olhar fixo no bebê.

A criancinha estremece, mais uma vez, os pequenos punhos fechados sob os olhares enternecidos dos pais.

Mulder toma uma das diminutas mãozinhas do bebê, abaixa-se para toca-la com os lábios. Em seguida ergue-se e volta-se para Dana, segurando-a por um braço.

- Vem aqui.

Ela o acompanha em seu passos.

- Scully, eu não te disse que gosto de relembrar cenas do passado?
- Quais?
- Todas as que consigo lembrar. Por exemplo...
- Espera, Mulder! - ela o encaminha para o sofá, na sala. Sentam-se.

Mulder senta-se relaxadamente, com tanta impetuosidade, que chega a jogar os pés para o alto. Refestela-se, comodamente.

Dana senta-se voltada para ele.

Mulder toma-lhe as duas pernas e coloca-as sobre as suas próprias, para ajuda-la a descansar e relaxar os músculos.

- Scully, você sempre foi um caso muito sério!
- O que você quer dizer com isso?! - olha-o, espantada.
- Quero dizer, exatamente, que você custou a entender as minhas mensagens amorosas.
- Eu não já disse o porquê, Mulder?
- Sim e eu não me conformo com isso.
- Mulder...
- Shiiiiii... não fale nada, Scully.

Ele fecha os olhos, concentrado.

- Você queria... queria por acaso que eu não levasse em conta sua atitude naquele hotel, há oito anos atrás, no momento em que faltou luz e você foi me procurar?

Dana leva as mãos ao rosto, afogueada e sorridente:

- Ah, não lembra isso, Mulder! Sinto vergonha!

Ele rindo também, joga a cabeça para trás:

- Você me deixou encantado, lindinha!

- Ah, pára Mulder! Eu estava apavorada! Mas... era... por que mesmo? - tenta recordar.

- As mordidas de mosquito, Scully.

- Ah, sei... e eu julgava serem... - ela ri - ... na verdade Mulder, eu acho que comecei a reparar mesmo em você naquela hora em que rimos muito, na chuva, inteiramente molhados, divertidos e satisfeitos com o que havíamos descoberto.

Ele acariciava-lhes os pés, massageando-os.

- Nós éramos apenas amigos...

- Mas sabe...? - agora ela pára por segundos e fecha os olhos - Nosso diálogo no carro, naquela noite de vigília foi demais!

- Você olhou-me de um modo...

- ...e você também... naquele olhar, Mulder, você dizia tudo pra mim... ou será que me enganei?

- Negativo, lindinha! Ali eu estava colocando a minha alma a seus pés!

- Nossa! Que romântico!

- Vem cá! - ele puxa-a pelo braço para beijá-la rapidamente nos lábios.

* * *

Dana permanecera atenta na vigília ali, dentro do carro, em seu íntimo torcendo para que logo chegasse a hora de sair daquele lugar, aguardando movimentos do assassino que comia fígados.

Após mil acontecimentos no seu dia tumultuado, havia voltado para casa, cansada.

O ruído do telefone celular a tocar a perturbou naquele momento.

E ela, ao apanhar o aparelho, logo ouviu:

- Scully, sou eu!

- Sim, Mulder? Houve alguma coisa?

- É... houve sim! Estou tremendamente excitado!

As palavras irreverentes do colega a espantaram. Nem respondeu.

- Scully... está aí? - insistiu, ao notar a mudez da parceira.

- Sim, Mulder... mas o que houve?

- Ah, Scully, o caso desse cara comedor de fígados me deixou tremendamente perturbado. E a você?

- Ah, claro, Mulder! Nunca imaginei me deparar com esse tipo de assassino. Como é que pode?

- Pois é... e isso excitou-me profundamente... - dá uma risadinha discreta - ... no bom sentido, é claro! E o resultado é que, ao invés de estar super cansado, estou é louco de vontade de andar por aí!

- Como é?! - estava sem entender.
- É verdade, Scully e eu... bem, eu pensei se você gostaria de ir jantar comigo esta noite.
- Ah, Mulder, obrigada, mas sinto muito...! Eu estou exausta, sinceramente! Não tenho o mesmo pique que você tem!
- Ah, que pena, Scully! Vou ficar olhando a TV e mordicando as minhas sementes de girassol!
- Ah... - ela sorri, imaginando a cena.
- Bem, Scully... boa noite, então!
- Boa noite, Mulder.
- Durma bem.
- Você também... ahn... quando tiver sono.

Mulder desligou o telefone.

* * *

Após essa narrativa de Dana, Mulder começa:

Naquele momento, Scully, senti-me o mais isolado e desprezado dos homens e daí...

* * *

Como sempre, ele sentiu-se muito só. Como se isolado do mundo. Sua vida só tinha graça agora quando estava trabalhando... junto a sua fiel e linda parceira.

Ficou parado junto a janela. Olhos fixos no céu escuro.

O pensamento foi, como sempre, para sua irmã, desaparecida nas mãos de quem sabe quem? Onde? Lá tão no alto do espaço?

Mas como costumava acontecer nos últimos tempos, a todo momento seus pensamentos iam e vinham somente numa direção: Dana Katherine Scully.

E no céu escuro, com milhares de estrelas, sua vista e mente confundiam os rostos de Samantha e Dana.

* * *

Dana esboça um leve sorriso, diante da narrativa de Mulder.

- Scully... - ele continua - uma vez eu tive muita vontade de esganar o Agente Colton...
- ...Colton? Quem era? Ah...aquele...?
- ... que estava querendo tira-la de mim!
- Pra trabalhar com ele, é claro!
- Sei... mas quem sabe depois...
- Depois o que, Mulder?
- Ah, vá, vamos deixar pra lá! Vamos deixar pra lá! Apenas pensemos juntos as situações pelas quais passamos naquele dia...
- Claro, Mulder... eu vim para casa sem dúvida nenhuma em minha resposta em não querer deixar a parceria com você e...

* * *

Dana chegara em casa.

Colocou as chaves na mesa. Tirou o casaco, pensativa.

Imaginou o porquê da sua firme decisão em não deixar a sua parceria com o Agente Mulder, nos seus trabalhos de investigação. Sabia que não podia e nem deveria fazê-lo.

Ele era, embora às vezes indelicado, impertinente e até mesmo antipático, uma pessoa que lhe causara certa pena, um homem extremamente carente.

Notara isso desde quando haviam conversado nos seus primeiros dias de trabalho.

Ele não se sentia feliz com os pais, que por sinal eram separados; vivia para estar sempre em busca de sua irmã que ele dizia ter sido abduzida por seres extra-terrestres aos oito anos de idade. Isso o tornara obcecado pela idéia de resgata-la das mãos de alguém. De qualquer pessoa que a tivesse raptado, eliminando, é claro, as suas idéias malucas de abdução por alienígenas.

Esse homem, que tinha a mente voltada para coisas fantásticas, era, além de tudo, um ser carente de apoio, de carinho e compreensão.

Dana fechou os olhos, absorvida em seus pensamentos e pensou no namorado, no qual havia dado um fora. Terminara com ele, assim, sem mais nem menos.

Mas não se sentia triste. Sentia-se bem. Feliz até. Esse antigo relacionamento que cessara não lhe fazia nenhum falta. Tinha agora o seu sempre tão desejado trabalho e tinha... Fox Mulder

* * *

- Verdade. Scully? Você não estava enamorada daquele cara?

- Ah, Mulder, se estivesse não o teria largado, não acha? Eu... eu queria ter o tempo todo somente voltado para o meu trabalho... para você!

Mulder sorri, lisonjeado.

- Scully, naquele dia...

* * *

Mulder, antes de ir para seu apartamento, havia passado numa casa de ração para animais. Comida para seus peixinhos era o que necessitava comprar.

Fez a compra, pagou e voltou-se para sair.

O azul do fundo decorado de um aquário imediatamente fez-lhe lembrar os olhos de sua parceira de trabalho.

"Dana Scully. - pensou - É... acho que fiquei impressionado com o olhar daquela garota!"

* * *

- Devo acreditar no que está falando, Mulder? Ficou mesmo?

- Sim. - diz, contemplando-a, embevecido.

- Eu, por minha parte, também estava impressionada com você, Mulder! Meu pai sempre me falava...

- O que Scully?

- "... quando seu coração entregar-se a alguém, minha filha, não vai ter jeito. Por isso desejo que o faça para a pessoa certa."

- Mas seu irmão...

- ... o Bill? Ele não entende de coisas do coração, Mulder!

Um choro fraco como um pequeno gemido faz com que o casal saia depressa do sofá e corra até o quarto.

Ambos apoiam as mãos sobre as grades do berço do bebê.

- Ai, Mulder! Acho que estou ficando uma super mãe, exageradamente protetora do filho! - diz, tocando seu bebê, ajeitando-o e aquecendo-o, aconchegando a ele o pequeno cobertor.

- Você e eu vamos é ficar ansiosos por ver nosso filho sempre bem e feliz.

- Te adoro, Mulder! - lança-lhe um sorriso.

Ele passa o braço sobre os ombros dela.

- Que tal recomeçarmos nossas lembranças?

- Muito bom! Vamos lá! Mas vamos agora para a copa. Precisamos jantar.

- E o pior que agora não dá nem pra pensar em ir a um restaurante.

Dana dá uma risada.

- Nem pensar, Mulder! - aponta o bebê - Com ele?!

Encaminham-se para a copa.

Enquanto coloca a louça e talheres na mesa, Dana sorri, com o pensamento voltado ao passado.

- Mulder?

Ele está retirando copos e utensílios do armário na parede.

- O que é, Scully?

- Era assim, Mulder, que você pensava sobre mim? Sempre...? A todo instante?

- Completamente. - ele dá a ela seu melhor sorriso.

- E eu, por minha vez, não queria enxergar o que meu coração queria que eu visse.

- É, lindinha...! - puxou-a bem para junto de si.

- E isso foi o começo de tudo, não é Mulder?

- Sem dúvida.

***"Coisa trabalhosa é sempre
começar uma vida."***

Seneca

EM TORNO DE UMA CRIANÇA

*"A criança é alegria, como o raio do sol;
é estímulo, como a esperança."*

Coelho Neto

CAPITULO 81

Um leve choro é ouvido pelo casal.

Enquanto Mulder a agarra cheio de paixão, Dana tenta fazê-lo entender:

- Mulder, o bebê está chorando...!
- Sei, Scully... - sussurra no ouvido dela - ... ele vai esperar um pouquinho.
- Só um pouquinho?
- É. - fala com os lábios presos à orelha de Dana.
- Ai, Mulder! Eu também quero... mas deixa eu ir ver ele primeiro.

Mulder levanta rápido:

- Claro, lindinha! Vamos lá.

Seguem rumo à direção do quarto com os olhos fixos no berço, onde o bebê agita os bracinhos.

- Fome outra vez, Scully?
- Não... não é hora, ainda.
- Como você sabe disso? Engraçado!
- Por causa do controle das mamadas, Mulder! Os bebês têm hora certa para se alimentarem.
- Ah, vá alguém querer entender o que as mães sabem...!

Dana examina as roupinhas da criança.

- Logo vi. Está incomodado.
- Incomodado?!
- Sim, com a fralda molhada... toque aqui.

Mulder sente a umidade quente da fralda descartável totalmente encharcada.

- Ah, menininho levado! - ele exclama.

Logo ajuda Dana a trocar o bebê, entregando-lhe o pacote de fraldas.

Após isso, a criancinha sente-se reconfortada e volta a dormir sossegada.

Mulder puxa Dana pela mão e leva-a para sentar-se à cama, mas logo vai até um móvel, puxando uma gaveta.

- Estou procurando uma camisa Scully, e não a estou achando.
- Qual é?
- É uma social mesmo, que eu usava com o terno no Bureau.
- Mulder...
- O que?

- É tão estranho...
- ... o que é estranho?
- Você falar **eu usava** no Bureau.
- Pois é. As coisas mudam, Scully.
- Mas quais são seus planos, Mulder?
- Meus planos...?
- Sim.
- De trabalho?
- Exato.
- Você vai ver que optei por coisa muito melhor pra mim.
- Tem certeza?
- Plena.

Dana faz um meneio, concordando afirmativamente.

Mulder continua agora vasculhando os cabides do armário.

- Scully!
- O que é?
- Achei a tal camisa. Ela me lembra muito aquela ocasião em que convidei você para ir a um cinema.
- Quando?
- Após a investigação do cara que comia cérebros.
- **Argh!** Pára, Mulder!
- Você nem era tão cheia de nojos, Scully! Por que assim, agora?
- Não é nojo, Mulder. É revolta. Onde já se viu comer **cé - re - bros**??!!
- E você, depois ficou perturbada por eu ter atirado nele!

Dana abaixa o olhar, pensativa.

- Não tinha jeito, não é, Mulder?
- Com certeza não; foi melhor pra ele ... também.
- Mulder, você é impossível! Logo depois convidou-me a ir a um restaurante comer carne moída, hamburguer...

Mulder dá uma gostosa gargalhada, lembrando do fato.

Ele coloca a camisa sobre o espaldar de uma cadeira. Dirige-se para a cama.

Senta-se ao lado dela.

- Scully, você está resolvida mesmo a colocar o nome de nosso filho de William?
- Certamente.
- Não se arrependerá?
- Que pergunta, Mulder! Por que deveria? - faz uma pausa - Temos três William na família...
- ... tivemos. - conserta.
- Sim, tivemos; três pessoas importantes: meu pai, o seu pai também e o meu irmão, que , embora seja seu inimigo é um homem digno.
- Nunca eu disse o contrário.

Mulder abraça-a e ambos jogam-se de costas sobre a cama.

Um leve gemido da criança os faz ficarem parados, à espera. Silêncio, porém. Seu filho dormira, em seguida.

- Scully, uma criança é muito importante dentro de um lar. Já dizia aquela célebre frase: "Ensina à criança o caminho onde deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele."
- É um provérbio de Salomão.
- Eu sei. Mas há uma de Josh Billings muito interessante; conhece?
- Não. Qual é?
- "Guie uma criança pelo caminho que ela deve seguir e siga também por ele de vez em quando."

Dana sorri.

- Realmente muito boa, Mulder... sabe... eu, às vezes penso: nossa vida agora gira em torno de uma criança, um pequeno ser que pusemos no mundo. Isso assusta um pouco...
- Você tem razão.
- Às vezes penso no futuro dele e tenho remorsos de tê-lo feito vir a esse mundo conturbado.

Mulder mantém-se calado, escutando as palavras de Dana.

- Fico também imaginando o que ele, mais tarde, terá que enfrentar para sobreviver às maldades desta vida. - ela prossegue.
- Você está com lágrimas nos olhos, Scully. Não deve ficar sofrendo por antecipação. Vamos curtir a nossa criança, apenas. Dar-lhe todo o nosso carinho, ensinamentos e guia-la pelos caminhos da justiça...

Dana passa os braços à volta do pescoço de Mulder. Fitam-se. Os lábios se encontram. Têm que preparar seu filho para um futuro com muito amor.

Têm que zelar por sua criança. Ensinar-lhe sempre o melhor, o honesto, o justo.

***"As crianças precisam mais
de modelos que de críticos."***

Joubert

PAZ E AMORES

*"Só se conhecem as doçuras da paz depois
de haver provado os amargores da guerra."
Vilante do Ceo*

Capítulo 82

Entre os fofos e macios cobertores Mulder e Scully encontram, além da paz, o conforto para seus corpos.

A noite gelada lhes propicia o desejo de aquecerem-se, aconchegados.

- Scully...? - ele lhe esquadrinha as formas do corpo com o olhar.
- O que você quer? - pergunta sorrindo.
- Preciso dizer?
- Hum... menino guloso...! Sempre insatisfeito!
- Você me deixa tentado a toda hora, Scully!

Ela sorri e agarra-o, apertando-se contra ele.

- Quero um beijo. - ele pede.

Dana somente ri, jogando-se na cama, sobre os cobertores, divertida.

- Scully! - chama-a, sem olha-la! - Me beija!
- Olha aqui, meu caro, se me der ordens, eu...

Ele a agarra com ímpeto:

- ... eu o quê... ? Eu o quê?

Dana toma entre suas mãos o rosto de Mulder, coloca os lábios ternamente em sua testa, bem entre os olhos, num beijo suave, macio, gentil, como já o fizera tempos atrás.

Mulder recebe, de olhos fechados, esse carinho singelo, quietamente.

De súbito, prende-a em seus braços.

- Ô Scully!!
- O que foi? - assusta-se pelo modo como ela a chama.
- Você está me fazendo lembrar aquela vez lá no corredor da minha casa, caramba!
- Quando, Mulder? Ah... quando a abelha...
- ... que abelha, que nada! Quando aquele cara e a Diana quase acabaram comigo e você foi até a África procurar a minha cura...

Dana bate na própria testa.

- Ah, lembrei!
- Pois é... aquele beijo na testa que você me deu, quando na verdade poderia...

- ... poderia na verdade o que? Nós ainda não tínhamos intimidade....!
- Porque você não queria.

Dana aperta-se contra ele.

- Mulder, naquele dia você estava convalescendo, ainda, com a cabeça enfaixada e ainda queria sair! Parecia um maluquinho!
- E você uma inconsciente.
- Por que?
- Não notava o meu desespero por te amar.

Dana ergue para ele a boca, inundando-o com seu olhar azul.

- Pois agora aproveite tudo que não pôde fazer, Mulder! - sussurra, sensualmente.

As bocas se unem, num beijo sôfrego, quase desesperado pelo desejo de ambos. Sentem que há um certo sofrimento por haverem esperado tanto tempo para manter um relacionamento amoroso.

As mãos de ambos procuram reciprocamente os caminhos mais íntimos de seus corpos. O ritmo acelerado de seus corações pulsa igualmente com o latejar de suas carnes túmidas e desejosas.

Amam-se. Deleitam-se com a recíproca demonstração de seu amor.

No quarto a paz sempre tão almejada pelo casal carente de felicidade os deixa agora repletos de satisfação no prazer de seus corpos.

* * *

- Huuum... - geme Mulder.
- Está com frio?
- Um pouquinho... me cobre, vá! - e puxa-a para cima de seu próprio corpo.

O leve chorinho do bebê é ouvido.

- Agora vou cuidar é do outro! - diz ela com ênfase, saltando da cama.

Dana olha o relógio antes de dirigir-se até o berço.

O bebê agita os bracinhos. Chora mais.

- O que ele tem, Scully?
- Deve estar molhado outra vez.

Dana diz isso e logo vai apanhando uma fralda para trocar na criança.

- Realmente, Mulder! Está todo molhadinho!

Ela faz a troca da fralda, agasalhando o bebê muito bem. Com a fralda molhada na mão dirige-se ao banheiro, a fim de jogar-la na lixeira.

O choro do bebê aumenta de intensidade.

Mulder não resiste a ir até o berço. Toma a criancinha nos braços.

- Scully!! - chama.
- Já vou!
- Vem logo! Ele ainda está chorando!

Dana reaparece no quarto.

- Eu sei!

- E o que ele tem agora?

- Fome, Mulder! Não esqueça. Olha o relógio.

Dana pára, por segundos, absorta na cena que está assistindo.

Mulder, aflito por ver o seu filhinho chorando, tenta niná-lo em seus grandes, porém ternos braços de pai.

Dana sente-se emocionar com este quadro: está diante dos seus dois amores, nessa paz benfazeja, que a enche de júbilo no coração.

Mulder coloca o bebê nos braços da mãe.

- Pronto, filho; aí está seu restaurante.

Dana ri e logo vai ajeitando um modo confortável para alimentar o seu filhinho.

Enquanto Dana permite o bebê ir mamando, Mulder fica deitado na cama fitando a enternecedora cena.

Cena terna. De paz. E muito amor.

Seu filho precisa disso. Eles dois também.

Observa Dana, suave em seu papel de mãe amorosa, afagando os tenros cabelinhos do seu filho, enquanto ele lhe suga o seio.

Mulder relembra aquela noite de Ano Novo, em que, timidamente beijou Scully nos lábios, dizendo após:

"- Viu? E o mundo não acabou..."

E naquela noite já podiam prever que o novo milênio poderia lhes trazer muitas coisas boas. Tem, portanto, que deixar as lembranças desagradáveis para trás.

A sua morte estúpida e cruel. O sofrimento de Scully em sua ausência. O nascimento tumultuado de seu filho...

Mulder sabe que agora precisa relaxar. Nem tudo está perdido. No mundo ainda existe a alegria, a paz, o amor, a quase felicidade.

***"Sem a alegria, a humanidade não
compreenderia a simpatia e o amor."***

Ramalho Ortigão

NEGÓCIOS

*"Se queres sair bem de um negócio,
fá-lo tu mesmo; se queres que nunca
se conclua, confia-o a outrem."
Benjamin Franklin*

Capítulo 83

Mulder já chegara batendo ruidosamente a porta.

Dana está lavando os utensílios usados pelo bebê, na cozinha.

- O que houve, Mulder? - pergunta em voz alta, sabendo que ele entrara.
- Scully, veja só que sorte!
- Mas o que houve?

Ele chega até onde ela se encontra.

- Achei um comprador para aquela casa em que morava o meu pai.
- Que bom, Mulder!
- Temos que ir lá.

Dana faz um muxoxo:

- Ah, Mulder, como? Levando o bebê?
- A gente pede à Maggie pra ficar com ele.
- Ora, que idéia! Não vê que não é plausível o que diz? Teríamos que leva-lo até ela. Seria muito mais trabalho do que se imagina!
- Mas Scully, eu quero que você vá comigo!

Ela nada responde.

Mulder dirige-se ao banheiro.

Dana fica ouvindo os ruídos com que Mulder marca sua presença dentro do apartamento. Enquanto ela manuseia sob a água da torneira os objetos da criança, seus pensamentos vão relembando a tristeza, dor e sofrimento que a envolvera por tantos meses, durante a ausência de Mulder.

Ela fica escutando os ruídos causados pelo seu pisar em passos pesados, o tilintar das chaves displicentemente jogadas sobre a bancada de mármore, o abrir e fechar das gavetas, a água do chuveiro caindo no chão do box...

Tudo isso a entenece e alegra seu ser em saber que o seu amado ali se encontra junto dela, usufruindo um da presença do outro.

Ela ouve-o sair do quarto e logo ele está diante dela.

Mulder saira, com a toalha jogada sobre o tórax nu.

- Mulder, se veste logo, vai! - pede.
- Nem está frio, Scully!

- Claro que a temperatura está baixa!
- Sobre o que lhe falei antes, Scully, vamos lá então?
- Ah, você sabe que não dá...! Sair para um lugar assim como uma criança...!

Ele aproxima-se.

Dana ainda encontra-se na cozinha, arrumando utensílios.

Ele abraça-a pelas costas.

- Sinta, Scully, como fico triste por você não poder ir comigo! - deita o queixo sobre os cabelos dela.
- Negativo! Sinto que, pelo seu corpo, você está **alegre!**
- Alegre?!
- Pelo menos é o que você demonstra aí dentro das suas calças.

Mulder ri.

- É que não posso ficar encostado em você, Scully... não tem jeito. - faz com que ela se vire de frente para ele - Sabe o que lhe falei naquele dia sobre casarmos?
- Sim...? - olha-o, fitando o rosto dele num misto de ansiedade e receio.
- Devemos fazê-lo o quanto antes.
- Está certo disso?
- Você não?

Abraçam-se com calor.

Não precisam de palavras para expressar seus respectivos sentimentos. Nunca.

O ruído da campainha da porta os faz separarem-se.

Mulder dirige-se à porta para abri-la. Olha através do olho mágico.

- Genial!! - exclama.
- O quê, Mulder? Fala!

Mas ele não responde. Escancara a porta.

Dana encaminha-se para a sala. Vê Maggie.

- Mãe! Você lembrou de nós!
- Oi, Fox, tudo bem por aqui? - cumprimenta Maggie.
- Ficou ainda melhor agora.

Maggie ri. Olha para Mulder e Dana.

Ambos lhe sorriem, prazerosos.

E os dois trocam significativos olhares.

- Parece que vocês querem me falar algo?
- Nós?! - dizem a uma só voz.

Isso faz com que a mãe de Dana fique curiosa.

- Gente, mas o que está havendo? - estranha ela.
- É que você, Maggie, veio resolver um caso pra nós.
- Um caso?
- Pergunte à Scully.

- A mim? Não, mãe, ele é que deve lhe falar.
- Mas falar o que? Que coisa enigmática é essa?
- Scully é que sabe, Maggie. - diz Mulder, por sua vez.

Maggie dá uma volta impaciente, coloca sua bolsa numa cadeira. Leva as mãos à cintura.

- Bem, o que vocês querem me falar? E não se demorem, porque vim ver meu netinho e quero ir logo para onde ele está.
- Justamente é sobre seu netinho, mãe... é que... - faz uma pausa - ... será que você ficaria com ele algumas horas para resolvermos um caso?
- Ora, mas é isso? Claro, filha! - bate as mãos uma contra a outra, entusiasmada com a idéia - Podem sair e me deixem com o William. Não tem problema.

Dana corre a abraça-la:

- Obrigada, mãe!
- Você é ótima, Maggie. - arremata Mulder.

Maggie afasta-se, falando alto, enquanto dirige-se para onde se encontra seu neto:

- Vão, vão, meninos, podem ir! Façam o que precisam, ok? Eu tomo conta do bebê.

* * * * *

Mulder olha contristado o cenário à sua frente.

A grama já crescera e está crescida e irregular. As plantas do terreno estão de pé, porém é notada a necessidade que têm de cuidados especiais.

Tudo é triste no lugar.

- Isto aqui tornou-se um lugar lúgubre, Scully. O abandono em que se encontra é gritante.
- É... estou vendo, Mulder. O senhor Steve Lowry tem família grande?
- Mulher e dois filhos.
- Então a casa está boa pra ele. Você acha que fez um bom negócio?
- Sim. Quero comprar uma linda casa pra nós e o nosso filho. Uma casa onde possamos desfrutar as coisas boas da natureza... com muito espaço. Depois quero vender a casa que minha mãe morou e aquela outra... casa de campo onde o Canceroso encontrou-se... com minha mãe. Não quero ficar com esses lugares de lembranças... que me...

Mulder permanece, por alguns momentos com o olhar fito no horizonte, pensativo.

Dana o arrasta pelo braço:

- Vamos lá, Mulder! Não fique absorto em pensamentos cruéis. Vem pro carro!

Dana sabe e sente que as idéias negativas do seu amado têm que ser extirpadas de sua memória, pois elas, fazendo-o relembrar o passado, o maltratam e prejudicam

*"A ventura ou a desventura
nada mais são que reflexos
do passado."
Campoamor*

FAMÍLIA

**"O pai, a mãe e o filho
são três amores que tem
um nome só: a família."
Paul Féval**

Capítulo 84

Noite gelada.

Nas ruas a neve cobre tudo no seu leve e solto dispersar.

A paisagem é branca. Assemelha-se a um cartão postal natalino.

A camada imaculada sobre casas, gramados, árvores, veículos traz um efeito de paz.

Dentro das casas as lareiras estão sendo acesas e nos apartamentos os aquecedores de ambiente estão sendo ligados.

A TV no quarto do apartamento mostra imagens que passam rápidas à frente dos olhos semicerrados de Mulder e Scully.

O olhar doce de Dana move-se do seu amado em direção ao bebê entre os dois, na cama de casal. Como uma bela e terna gravura de uma família: o pai, a mãe e o filho.

Mulder acompanha o seu olhar terno de mãe feliz.

- Não se cansa de acha-lo lindo, não é?
- Hum, hum. - confirma, dando um profundo suspiro, enquanto afaga o rostinho tranquilo da criança.

Mulder coloca um braço à volta do seu pescoço:

- Scully, não vai levar muito tempo e logo veremos esse pequerrucho a correr aqui dentro de casa e é por isso que...

Ela o fita, querendo saber o resto da frase.

- ... não vejo a hora de vender as outras propriedades e fazer logo negócio com uma boa casa pra nós.

Dana sorri e oferece os lábios para um beijo, em agradecimento a essas palavras.

Mulder a beija como se a estivesse provando. Várias vezes. Uma, duas, três, sentindo-lhe o sabor e experimentando-lhe a reação.

E ela entrega-se, submissa.

E o beijo terno, acariciante transforma-se num gesto de intenso amor e desejo.

O chorinho leve do bebê os faz separarem os lábios.

- Que foi? - pergunta ela com voz de mimo, dirigindo-se a seu filho.

- Fome não é. - experimenta argumentar Mulder.
- Com certeza. - ela coloca a mão sob as nádegas da criancinha - Ah...como eu imaginava... trocar fralda.

Mulder dá uma risada com gosto.

- Ah, Scully, Scully! Veja o que você arrumou...!

Enquanto levanta-se e vai ajeitando seu filhinho para retirar a fralda molhada, Dana imita voz infantil:

- Não faz mal, meu papai. A minha mamãe adorou eu ter vindo, mesmo dando esse trabalho todo!

Mulder continua a rir mais discretamente, enquanto observa Dana a passar creme anti-assaduras e trocar a fralda do bebê.

Ela sai com a fralda descartável na mão, a fim de levá-la à lixeira.

Mulder levanta-se. Toma com muito jeito em seus braços o bebê e o coloca no berço. Segura as mãozinhas sempre fechadas de seu filho. Estão quentes.

- Scully! - chama.

Dana entra de volta no quarto.

- Eu pensei que ele estivesse com as mãos frias... mas não está.
- Ele está bem agasalhadinho, Mulder, ao passo que eu... - faz voz melosa e encosta no peito dele que aparece sob a blusa aberta do pijama.
- Ei!! Você está gelada!

Dana trata logo de deitar-se, seguida por Mulder.

- Que frio, Mulder. - queixa-se.
- Eu vou te esquentar.

Agarram-se, dominados pelo desejo de se unirem e aquecerem-se na noite gelada.

Permanecem abraçados.

- Scully, sabe... eu às vezes fico pensando...
- ... porque deixou seu trabalho no Bureau. Você tinha tanto ainda a argumentar com o Kersch...!
- Negativo. Não penso mais nisso.
- Por que não? Foram muitos anos de trabalho ali, Mulder! Isso sempre fica preso à nossa vida, nossa personalidade...

Mulder suspira.

- Não quero saber. Eu já estava farto de dar explicações, ser desacreditado.
- Está bem. Mas eu continuo achando que...
- Não continue a achar nada... estou bem assim. Já estou até pensando numa proposta que recebi; aliás, procurei, claro!
- E posso saber?
- Sim. Acho que vou seguir a minha antiga profissão de psicólogo.

Ela admira-se:

- Mulder, é verdade?
- Sim, é. Mas ainda vou decidir.
- Fico feliz por isso.
- Eu sei.

A mão de Mulder passeia suave sob os cobertores e sobre as sinuosas linhas do busto de Dana. Afaga-lhe os seios. Desce a mão para sua cintura fina e esguia.

Dana sente àquele toque todas as fibras nervosas do seu corpo vibrarem de prazer.

Mulder continua a ir desvendando os mistérios íntimos de sua amada, detendo-se por vezes em algum ponto que lhe atraia a ânsia maior de afagar uma protuberância do corpo pequeno e cheio de tremor do desejo que já se lhe aflora à pele.

Então é com os lábios sequiosos que, afastando os cobertores, vai acariciando os pontos que atraem sua sexualidade.

Dana o envolve com os braços e deixa-se beijar, deixa-se enlevar pelos apelos de sua carne louca de paixão.

Os corpos se unem nos movimentos que os faz sentirem-se no auge do prazer. E os sussurros e gemidos vão se tornando mais constantes nesse ato de amor.

O êxtase total chega, enfim, para ambos, que deleitam-se com a proximidade e a quentura dos seus corpos, que minutos antes estavam gelados, agora sentem-se abrasados.

Dentro de seus peitos um suspiro que abafa um gemido mais forte para ser ouvido.

Há, agora, o doce delírio do descanso após o amor. A doce mansidão do prazer realizado.

E, enquanto lá fora o branco da paz da paisagem continua e nos vidros da janelas os pequenos e leves flocos de neve caem no seu parapeito, avolumando-se em sua camada gelada e branca, dentro do quarto o gostoso de sentir a pessoa amada ali, colada a si, sem que ninguém, neste momento possa separa-los, arranca-los desse lugar.

Nem inimigos, nem bandidos, nem alienígenas, nem perseguidores.

Este momento é somente deles.

O mundo não existe ao seu redor.

Tudo é paz. Tranquilidade. Doçura.

***“O mundo é um espelho;
se sorris para ele,
ele sorrirá para ti.”
Gustave Le Bon***

MAS NÃO É DOCE RECORDAR

*"Aquilo que foi duro de
padecer é doce de recordar."*

Sêneca

Capítulo 85

Dana abre os olhos. Dormira muito. Felizmente.

Porque nesses dois meses não o tem conseguido fazer com frequência. A criança, o seu filho lhe toma todas as horas e minutos.

Ela olha ao seu lado. Mulder. Ainda dorme.

Acha-o maravilhoso. Belo. Puro. Ingênuo. Menino.

Por vezes o temperamento de um super-herói e por outras o olhar curioso ou extasiado de uma criança.

Este é o homem que ama. Pleno em multiplicidade de atitudes.

Num repente vem à mente de Dana a ocasião em que aguardava no hospital o ressurgimento no corpo de Mulder da vida a que ele tinha direito, ainda.

Dana sente voltar à dor daquela ocasião. Coração sangrando. Olhar fatigado pela espera. Corpo alquebrado pela angústia e o peso do seu bebê ainda no ventre.

E ela ali, firme, aguardando, segurando a mão do homem amado, que jazia semi-morto no leito do hospital.

E seu coração então pulsou forte após sentir um tênue movimento nos dedos dele.

- Oh, meu Deus!

Ela relembra ter assim exclamado.

E Mulder, movendo os olhos e a boca, fitou-a

E a pergunta que quase jogou Dana por um buraco negro de dor e desesperança.

"- Quem é você?"

Terrível frase para ouvir. Só durante segundos. Os quais pareceram séculos!

- Scully...?

Dana parece despertar de um sonho.

- Ahn?

- Você estava distante, Scully...!

- Ah, Mulder! - chora, jogando-se no peito dele.

- O que aconteceu? - ele pergunta, perplexo, afagando-lhe os cabelos - O bebê...?

- Não, Mulder... com ele nada! Não aconteceu nada! É que eu comecei a lembrar...

- ... o que?
- No dia em que você retornou à vida.
- Scully... mas por que está chorando?
- Porque fico recordando meu sofrimento tão intenso, tão cruel...!
- Mas por que pensar nisso, Scully? Eu estou aqui, mais vivo do que nunca e sou todo seu!

Dana sorri, entre as lágrimas que lhe escorrem no rosto.

- Vamos, pare de chorar...! - afaga-a, carinhosamente.

Dana tenta engolir o choro.

- É que fico lembrando o momento daquele impacto.
- Que impacto?
- Que você, com um ar de alheio à tudo, me perguntou: "Quem é você?"
- E daí, Scully? Apenas brinquei com você... só um pouquinho!
- E ainda teve coragem de brincar, dizendo: "Alguém sentiu minha falta?"
- E daí?
- Ah, Mulder, brincadeira tem hora! Eu sofri muito! Foram os segundos mais longos de toda a minha vida!

Mulder sorri.

A sua Scully tem toda razão. Já suportara muitas ocasiões ruins e perversas em sua vida. Vivera, na sua ainda juventude, todos os dramas que um ser humano pode passar. O corpo ainda é jovem, porém a alma envelhecera pela experiência.

Dana continua com lágrimas nos olhos.

Com o rosto colado ao peito dele, sente que não é capaz de ter um rápido esquecimento daquela cena que tanto a ferira no coração. Involuntariamente os soluços lhe martirizam.

Pode perceber também, que neste momento seus soluços que lhe rompem o peito têm dois significados: a tristeza pela lembrança do passado e a alegria por ter o amado ao seu lado.

- Dói muito aqui. - ela coloca a mão no peito.

Mulder a abraça, emocionado.

- Quando eu vi o seu rosto bem próximo ao meu, também tive um sentimento dubio, não sabia se de angústia ou de alívio. Ali estava eu, finalmente, vendo um ser humano e alguém que eu amava... foi tudo muito ruim, Scully... sobrevivi sim, mas não sei até que ponto fui beneficiado por essa vida.
- Mulder, não fale assim! - ela pede.
- Então pare de relembrar esse fato triste. Sei que não é doce de recordar, mas me perdoe se fui cruel com você, Scully! Acho que não era a minha intenção... eu estava mais pra lá do que pra cá!

Ela levanta a cabeça e sorri. As lágrimas ainda escorrem-lhe nas faces.

- Agora, - Mulder continua - estamos aqui, numa relativa felicidade com o nascimento do nosso filho e vamos torcer para que se prolongue o tempo dessa nossa paz. Acho que merecemos um pouco de sossego. Vamos esquecer a dor do que já passou!

- Hum, hum. - ela assente.

- Está melhor? - retira-lhe do rosto os fios de cabelo.

- Sim, estou.

- Olhe pra lá, Scully. - aponta o berço - Ali está a sua razão de viver.

Ela faz um meneio, concordando. Passa a mão sob os olhos, enxugando a face.

- Somos sempre tão sofridos, Mulder!

- Eu sei, Scully. - suspira profundamente - Sabe... eu gostaria de ser uma pessoa comum, poder andar por aí à vontade, como todo mundo...

- ... e nunca sermos perseguidos ou abordados por ninguém que só nos quer fazer mal.

- É isso aí. - desconversa - Mas lindinha, eu quero que você concorde em irmos a um lugar bem agradável, aproveitando essas suas férias; o que acha?

- Fica por sua conta escolher, Mulder. Montanha, mar, campo ou o que?

- Mar e montanha agora com esse frio fica ruim pro bebê.

- Certo - ela sorri - Agora temos alguém com quem nos preocupar.

- E isso nos faz bem, Scully, saber que temos uma responsabilidade maior na vida, embora seja uma temeridade pôr uma criança no mundo como este está: implacável!

Dana olha o seu filho no berço, pensativa.

Mulder continua:

- Mas não adianta agirmos no medo ou desesperança; a covardia nunca deve estar nos nossos planos; o amor supera tudo e ele nos dá a coragem, a perseverança, o espírito de luta.

Dão-se as mãos e encaminham-se para o berço, com um sorriso nos lábios, onde sua criança dorme, placidamente.

"Um covarde é incapaz de demonstrar amor; isso é privilégio dos fortes."

Mahatma Gandhi

PALAVRAS QUE MACHUCAM

*"A palavra fere, dói.
Dita no calor de mágoas ou ira,
penetra como flecha envenenada."
Frei Beto*

Capítulo 86

- Mulder, você comprou pacotes de fraldas suficientes?

Ele não responde. Parece alheio às palavras dela.

Dana dá de ombros. Não liga. Por sua vez está ocupada nos afazeres. Pega um pilha de roupas do bebê e vai distribuindo-as nas gavetas do armário.

Toma algumas das roupinhas e encosta-as às narinas, aspirando-lhes o suave perfume.

- Mulder, quando é mesmo que você quer ir até aquela cidadezinha que nós escolhemos?

Não ouve resposta.

- Mulder...?

Dana aproxima-se até onde pode vê-lo.

Ele está relaxadamente esticado numa poltrona; pernas colocadas o máximo à sua frente, mãos postas apoiadas acima da boca; pensativo; olhos abertos, fitando o espaço.

Dana coloca as mãos na cintura.

- Mulder? - insiste.

Ele apenas volta a vista para olha-la, sem qualquer outro movimento. Nada responde.

- Está me ouvindo, Mulder?

Ele assente, continuando a permanecer em sua mudez.

Dana suspira. Desiste. Ele não está propenso a conversas neste momento. Está nos seus momentos de solidão.

Ela dá a volta nos calcanhares e retorna à sua arrumação no quarto.

Olha o relógio digital que está marcando 22:39.

Encaminha-se para o berço. Puxa a cordinha do brinquedo pendurado numa das grades, ouvindo e achando gostosa a musiquinha infantil que sai daquele objeto de entretenimento da criança. Contempla por um minuto o seu filho, placidamente adormecido. Sente-se cansada. Os afazeres do dia haviam-na deixado fatigada.

Deita-se e aguarda Mulder vir à sua procura.

Repentinamente, um pensamento negativo atravessa-lhe a mente: sempre as recordações a tumultuarem-lhe a cabeça.

Conseguira obter, com as graças de Deus, a volta da alegria no seu coração com o retorno de Mulder à vida. Naqueles dias, tantos meses sofridos a deixara abatida, morta no espírito. Mas recebera a graça de ver seu amado voltar a viver.

E ela o levava, após sua recuperação, para o apartamento dele, naquele dia, após a saída do hospital.

Mulder ainda abatido, fraco, com o caminhar lento, tristonho pelas agruras que passara em seu sofrimento.

Dana sorri. Acha engraçada a lembrança de como ele se admirara com a limpeza do apartamento, achando-o "diferente".

"É muito Mulder! É a sua característica não se ligar a nada!" - pensa.

Mas... algo dessa lembrança lhe está martelando a mente, sem cessar.

Na sala, junto ao aquário, Mulder a fitava insistente e indagadoramente e, olhando sugestivamente para seu ventre, frio em palavras e semblante, dissera aquela frase que lhe havia causado intensa amargura:

"- Scully... desculpe... não quis ser frio ou injusto. É que não sei onde me encaixo nisso."

Como doera, como machucara dentro de seu coração essas palavras proferidas sem pensar!

Mas, volta a lembrar neste momento:

"Será que foram ditas, realmente, sem pensar? Ou devidamente estudadas para machucar-me? É... até pode ser que ele tivesse razão em pensar assim, pois havia sofrido muitas torturas, estava amargurado, angustiado ainda, cansado mesmo por ter voltado... da morte."

Mas será que justificaria trata-la desse modo tão pouco delicado, abordando um assunto tão sério, tão aguardado por ambos, tão íntimo?

Dana apoia-se num móvel. Uma ligeira tontura a deixa com a cabeça como se uma leveza a tornasse algo que a permitisse flutuar. O cansaço da tensão emocional causado por todo o desespero que sofrera antes do nascimento do seu filho, somado à fragilidade física pelo organismo combalido pelo parto.

"Ele me maltratou com palavras duras e insensíveis!" - recomeça a pensar, sofredora.

Levanta-se da cama. Fica diante do espelho a mirar-se, porém seus olhos nada vêem neste momento. Só um pensamento lhe ocorre:

Ali, diante daquele mesmo espelho, refletindo seu corpo ainda esguio, tempos atrás, deslizara ternamente a mão sobre o ventre em sentimentos ambíguos. Feliz por estar esperando o filho que sempre desejara e triste por saudade e angústia de não saber do paradeiro de Mulder naquela época.

Triste época. De agonia. Desespero. Desesperança. Tudo de ruim.

Mas ele retornara do fundo do abismo da morte. Está com ela, ali, dentro de seu apartamento há poucos metros de distância, mas...

"Mulder disse : " ***... não sei onde me encaixo nisso...***"

"O que pensara ele? Que eu o traíra? Me considera tão vil e insensível assim? Mas por que? Teria eu lhe dado motivos para pensar isso de mim? Se sempre fui-lhe fiel na amizade, não o teria sido no amor?"

Os pensamentos de Dana vêm e vão, correndo pelas entranhas de sua mente. Seu rosto contrai-se num choro, exatamente como naquela ocasião em que olhara-se, angustiada, no espelho.

Dana resolve deitar-se novamente. Vagarosamente e, com os olhos fixos no nada, ajeita os cobertores para seu corpo.

Ouve as pisadas fortes de Mulder. Fecha os olhos. Sente quase um desejo de não estar ali, compartilhando da mesma cama com ele.

Os movimentos do colchão demonstram que Mulder está se deitando.

Dana permanece quieta, em seu lugar. Sente, em dado momento, as pontas dos dedos longos e suaves de Mulder em seus cabelos.

- Scully?

Ela não responde. Finge dormir.

Mulder não a chama novamente.

Como tem o desejo de colar seu corpo ansioso ao quente dele! Mas não o consegue. O triste e perverso pensamento sobre a frase fria dele, que a maltratara tempos atrás a faz permanecer parada, inerte. Continua em sua mudez. Não quer dar o braço a torcer.

"Mas será que estou certa?" - pensa, preocupada.

É um tormento a deixa-la na dúvida em agir como seu coração exige. Não resiste.

- Mulder? - chama bem baixinho.

Nada ouve como resposta.

O coração se lhe agita no peito.

"Ele não pode ter adormecido tão rapidamente!" - pensa.

Põe-se bem quieta, esperando ouvir o ressonar dele. Nada. Ela ergue o corpo em direção a Mulder.

Ele deitara-se virando as costas para o lado dela.

"Não quer assunto comigo hoje." - pensa e suspira.

Aquele gesto de Mulder a faz retornar o pensamento à atormentadora cena já a tanto passada, quando ele, observando seu ventre bastante desenvolvido pela gravidez, dissera: "... *não sei onde me encaixo nisso...*" as palavras que lhe machucam o coração.

Dana quer apagar da memória tal desagradável cena, porém não consegue. De olhos fechados, no escuro, fica exercitando a mente, forçando-a a trabalhar, a fim de esquecer o que tanto a maltrata.

O filhinho no berço. Rostinho angelical. Pele maravilhosamente macia e fina. Deitado, as perninhas ficam dobradas e abertas em ângulo... tão lindo! Todo criancinha fica assim.

"... *não sei onde me encaixo nisso...*"

Novamente a frase vem à tona.

Maggie, feliz com o neto, cheia de carinho... Bill, seu irmão... há tempos não o vê...!

"... não sei onde me encaixo nisso..."

Maldade. Como se lhe tivesse sido infiel.

"Entregar-me a outro homem para que, se todos esses anos a tudo renunciei, para segui-lo e ele não reconhece isso?

Amanhã tenho que falar ao zelador que providencie novas chaves para o escaninho do correio do apartamento. A antiga quebrou. Preciso ver a correspondência..." - força o pensamento a limpar sua mente de frases preocupantes.

"... não sei onde me encaixo..."

Dana senta-se na cama. Sente a mente cansada de tanto pensar e teimar, fazendo voltar à baila os pensamentos negativos.

"Vou levantar um pouco e distrair com alguma coisa." - propõe a si mesma.

Ergue o corpo cautelosamente, procurando não movimentar o colchão. Senta-se.

Sente a mão de Mulder sobre sua coxa, deslizando numa carícia.

- Pensei que estivesse dormindo... - ele fala, suavemente.
- Eu... ahn... eu estava quase...!
- Vem cá. - puxa-a para si.
- Espera, Mulder! - protesta, com suavidade, esquivando-se.
- O que houve? - admira-se com a recusa.

"...não sei onde me encaixo nisso..."

Novamente o pensamento maléfico vem à tona.

Dana procura não olhar Mulder.

Um longo e profundo suspiro sai de seu peito.

***"Não deixes a tua língua
preceder o teu pensamento."***

Chilon

SENTIMENTOS DE CULPA

**"Há um remédio para
toda culpa: reconhece-la."
Grillparzer**

CAPÍTULO 87

- Você vai levantar? O bebê está quieto...!
- Não! É que...

"... não sei onde me encaixo nisso..."

Novamente a frase a atormentá-la.

Dana coloca as duas mãos tapando os ouvidos, nervosa.

Mulder a olha, espantado:

- O que foi que aconteceu, Scully? Você está perturbada!

Dana acha que deve tentar uma saída:

- Sabe, Mulder, toda mulher... uma em menor, outras em maior intensidade, sofrem com o puerpério.
- É... já ouvi falar, Scully.
- É que, nesse período crítico, após o parto, há crises, tanto emocionais quanto orgânicas e, às vezes... ahn... a recuperação é complicada...
- Eu entendo. É o que está se passando com você?
- É... eu... ahn... acho que sim. - diz, titubeante.

Dana não deseja falar claramente sobre a desagradável perturbação que Mulder lhe havia deixado cravado no coração.

- Pois vem cá. - ele a puxa, ternamente, fazendo-a deitar-se.

Mulder pega-lhe a mão, para que ela a coloque em seu peito e junto com ela repouse a cabeça, deixando os ruivos cabelos bem próximos ao seu rosto, a fim de que ele possa aspirar-lhe o perfume.

Mas Dana retira a mão de seu peito e não deseja atender-lo no gesto que ele gosta que ela faça ao deitarem-se.

Mulder faz um muxoxo:

- E você não sabe que, num grande estado emocional a tensão somente é tirada após um bom relaxamento?
- Nem sempre funciona assim.

Mulder suspira, desistindo de segurar-lhe a mão para que ela a coloque sobre seu peito.

Ambos estão calados.

Mulder quebra o silêncio.

- Scully...?

- Sim?
 - Nos momentos em que a vejo triste, calada, sempre acontece de me vir à mente situações em que eu próprio me culpo, por suspeita de lhe haver causado alguma aflição e...
 - Aflição?
 - ... e esses sentimentos de culpa me fazem arrepender sempre.
 - Como assim? Não entendi.
 - São formas que tenho de me expressar, que me torna, em certas ocasiões, um sujeito muito grosseiro com você.
 - Não sei o que está querendo dizer com isso. - endireita-se na cama, agora interessada em ouvi-lo.
 - O que quero dizer é o seguinte: você estava me falando naquele dia sobre as palavras duras que lhe dirigi quando...
 - ... quando...? - está ansiosa para ouvir o término da frase.
 - Sim, quando retornei da... minha morte.
 - E...? - acompanha com o olhar curioso o final de tais explicações.
 - Você não gostou por eu ter brincado, perguntando "quem era você".
- Um longo e profundo suspiro de alívio a fez chegar à conclusão de que Mulder não lhe estava comentando sobre a frase dela no seu apartamento naquele dia:

"Desculpe, Scully... é que não sei onde me encaixo..."

"Impossível seria - ela pensa - ele tocar justamente naquele assunto! Mas mesmo assim percebe que eu estou triste por alguma coisa que ele possa ter feito ou dito. Amo esse homem! Amo essa afinidade de sentimentos. Afinal, isso tudo é que nos uniu, nos fez sentir esse amor indestrutível um pelo outro..."

Um breve silêncio.

- Scully...?
- Ah, eu pensei que você já tivesse caído no sono.

Dana não quer perder a oportunidade para fazer uma pergunta, embora sentindo que nenhuma mágoa mais guarda contra o homem que tanto ama.

- E Mulder... sabe aquele dia em que o levei de volta ao seu apartamento?
- Sei... o que houve?
- Você falou-me: "Scully... desculpe... não quis ser frio ou injusto. É que não sei onde me encaixo nisso."

Ela dá uma risadinha forçada, somente para que ele acredite ela estar jogando a pergunta descontraidamente.

- Ah Scully, me perdoa! Imagine que eu havia recém saído das profundezas de uma cova... nada na minha cabeça se concatenava... eu estava confuso... ainda com muita perturbação... e eu a via ali, diante de mim com todo o esplendor de uma gravidez saudável... você, que era

estéril... isso tudo me deixava sem entender em que mundo eu me encontrava... nada parecia real ou concreto pra mim, Scully.

Por segundos Dana continua quieta, sem mover um músculo.

Súbito, porém, vira-se para o lado, beija Mulder no pescoço com seus lábios úmidos, e repousa a cabeça e um dos braços no peito dele, como faz todas as noites.

- Vamos acalmar nosso coração, Mulder. Pra que pensar mais nessas coisas?

Sente um imenso alívio a banhar-lhe o cérebro e o coração. Está feliz. Esquece aquela frase que fôra, numa má hora, pronunciada por Mulder.

- Vamos dormir, Mulder e descansar nossa mente, hum? - sugere.

Um breve chorinho os faz ficar em alerta.

Calam-se. Escutam somente.

Porém fôra apenas um pequeno sinal do bebê de que ele está presente ali também e quer participar daquele ambiente de amor e paz.

Mulder afaga os cabelos de Dana, com a mão que está livre.

- Boa noite, Scully.

- Boa noite, Mulder.

***"Não pode haver um bom
descanso sem prévia fadiga."
Mariano Aguiló***

O PODER DA IMAGINAÇÃO

*"A imaginação é uma pequena lanterna
mágica que nos entristece ou alegra,
conforme as coisas que nos recorda."
Jacquemont*

Capítulo 88

O sol, gostosamente, derrama-se sobre tudo no lugar.

Sobre os telhados das casas, as copas das árvores, os gramados, todas as coisas e pessoas e ... sobre o pequenino bebê no carrinho, dormindo tranquilamente.

* * *

- Papai, você quer jogar beisebol ou quer nadar na piscina? - a criança o olha, ansiosa pela resposta, balançando, animadamente as pernas.

- Vamos de beisebol, filho!

A criança segura a mão do pai para puxa-lo do banco de ferro pintado de branco.

- Então vamos!

Caminham apressadamente até o campo cercado.

O pequeno ser diminuto, caminha satisfeito, contrastando com a altura elegante do seu acompanhante.

Saltitante e sorridente, lembra de perguntar:

- Pai, a minha mãe me contou que você já jogou beisebol com ela. É mesmo, pai?

- Sim, filho. E foi muito divertido. Sua mãe não sabia e eu a ensinei.

- Deve ter sido engraçado...! - chuta uma pedrinha - Pai, depois você compra sorvete pra mim?

- Claro, filho! - levanta-o e segura-o no colo - De que você quer?

- De morango! De morango! - fala entusiasmado, batendo palmas.

Na sorveteria é imensa a curiosidade do garotinho para ver o conteúdo daquele balcão repleto dos deliciosos cremes gelados.

Debruça-se, curioso, sobre os balcões, sorvendo simbolicamente o sabor de cada tipo de sorvete.

O pai o olha enternecido, observando que tudo aquilo atrai-lhe o paladar.

- Quero daquele ali, pai! - pede.

- Mas esse não é de morango. - o pai avisa.

- Ah, não é? - parece entristecido.

O pai satisfaz-lhe o desejo, comprando o sorvete de flocos.

- Enfim, resolvido, não é filho? - diz, satisfeito por poder solucionar a dúvida da sua criança.

Saltitante e quase a correr, vai saboreando a guloseima.

- Ei! Assim você vai deixar cair o seu sorvete! - adverte o pai, preocupado.

O menininho obedece. Pára por instantes. Muitos pombos e pequenos pássaros que catam alimentos pelo chão, atraem sua atenção.

O pai suspira, aliviado. Bom quando está a mãe por perto, a qual faz logo com que o filho a obedeça, sem mais tardar. Ela é mais persuasiva em suas ordens.

O pequeno continua parado, absorto, lambendo o sorvete.

- Vem pra cá! - chama o pai - Aí os pombos acabam pousando em você!

Os olhinhos atentos e curiosos detêm-se a examinar os olhos redondos como pequenas contas, das aves que ali pousam e voam e tornam a pousar... e a voar...

O menino está fascinado. Só os conhecia através de revistas ou televisão. Mas agora estão ali, ao seu alcance.

Alguns minutos são passados, em que ele está estático, somente observando as aves. Num repente, deita a correr, a fim de pega-las, ou simplesmente espanta-las; nunca as alcança, no entanto. As aves alçam vôo e retornam ao chão, como que a desafia-lo.

- Will, olha o sorvete! Ele vai cair! - berra o pai, alarmado.

Mas a observação serve para somente levar as suas palavras ao ar. Já está, neste momento, a maior parte do sorvete, caída no chão.

- Eu não avisei? - o pai aproxima-se, para consola-lo.

Não é necessário. A criança entrega, rapidamente a casquinha de wafer, que contém o restante do sorvete.

- Toma, pai.

O pai nem acredita. Mas tem que aceitar. Afinal seu filho já achara novo passatempo. E bem mais interessante.

E, em dado momento, novamente a criança corre em perseguição às aves que, como sempre, vão e retornam ao local.

- Criança não é fácil, hein? - indaga uma mulher sorridente ao lado.
- Realmente, não é. - concorda, mordiscando a casquinha do sorvete em sua mão.
- É o seu primeiro filho? - ela volta a perguntar.
- É, sim.
- Agora ele arrumou companhia, veja só! O meu também está perseguindo os pobres pombinhos!

Ambos sorriem.

As crianças correm, à vontade, em sua perseguição às também irrequietas aves.

Em dado momento uma das crianças desaba ao solo. Choro. Reclamação. Admoestação dos pais.

A situação somente perdura por instantes. Já estão esquecidos os pombos.

O colorido variado de chamativas bolas de gás preenchem o cobiçoso olhar das crianças.

Will toca os dedos, ansioso, por muitas vezes, no braço do distraído pai, que parece que nem o vê, quando entra em conversa com uma pessoa ao seu lado.

- Pai, eu quero um balão! - pede.

- Balão?! Pra que? - questiona o pai.

- Ah, pai, porque eu gosto de balão. Olha, a mãe do menino comprou!

O pai não poderia deixar seu filho sentir-se humilhado. Chama o vendedor que, pronta e gentilmente, chega até eles.

O olhar maravilhado e ansioso do menino extasia-se diante da infinidade de balões multicoloridos.

Como num passe de mágica, o desejo de jogar beisebol, o sorvete, as corridas em perseguição aos pombos, tudo havia ficado para trás, tendo sido substituído pelos balões.

E lá vai ele, saltitando no paralelepípedo, carregando o balão prateado em forma de disco-voador, erguendo-o o máximo, com seus diminutos bracinhos rechonchudos.

Súbito, o balão solta-se de seus dedos e sobe, e rápido alcança as alturas e vai ganhando o espaço cada vez mais.

- Aaaaaaaaah!!

O grito de desilusão do menininho vendo cada vez mais sumir de sua vista o seu precioso brinquedo, acompanha o balão, até tornar-se um pequeno ponto brilhante, iluminado pelos raios do sol.

O bater dos cascos de um cavalo no cascalho do solo, faz o pai retornar ao presente.

* * *

- Mulder!

Ele volta-se, repentinamente desperto.

- Oi Scully!

- Tomou conta do seu filho, direitinho? - brinca, enquanto endireita o bebê no carrinho.

Mulder dá uma gostosa risada.

- O que houve? - ela indaga.

- Ah, Scully, nem queira saber! Só vejo quão grandioso e perfeito é o poder da imaginação!

Ela o fita, sem entender o sentido de suas palavras.

Mulder sorri, levanta a cabeça e fecha os olhos.

Ainda está no ano dois mil e um. Antes que seu filho possa ficar do jeito que o imaginou minutos atrás, tem muito que esperar; ele é ainda, um pequeno ser.

Os lábios de Mulder distendem-se num terno sorriso, olhando o bebê no carrinho.

Por questão de segundos estivera antecipando o futuro com seu filho.

Dana retira seu filho do carrinho. Segura-o no colo, carinhosa.

Mulder os contempla, feliz.

"Quanto tempo tenho que esperar, ainda, até que possa vê-lo como nos meus pensamentos?" - imagina.

***"Se amas a vida, economiza o tempo,
porque de tempo se compõe a vida."
Benjamim Franklin***

ATITUDE INOCENTE

***"A inocência tem na alma uma pérola,
e as pérolas não se dissolvem no lódo."***

Victor Hugo

Capítulo 89

Como um deslumbramento, descortina-se sob a vista de Dana a imensidão branca e gelada.

Agarrada a Mulder ela permanece, apertando-o contra o peito, cheia de ardor e de ternura.

Ele a havia salvo daquele fim horrendo entre seres extraterrestres. Vivera horas de desespero, loucamente à sua procura.

Mulder, o seu amado, a havia retirado, penosamente, daquele suplício gelado.

Dana agarra-o com mais força contra o peito. Acarinha-o, embala-o. Como a uma criancinha. O seu menino.

Seus braços pequenos envolvem o corpo grande e forte dele. Quase nem consegue abarcá-lo. Mas faz o possível para que o seu corpo franzino possa aquecer o dele, naquele terror de gelo.

Mulder está inanimado. O esforço o fizera desmaiar e entregar-se inteiramente ao torpor da inconsciência.

Scully ainda o mantém preso, agarrado ao seu peito. Ela sabe que o organismo debilitado a poderia jogar naquele solo coberto pela neve e faz-la deixar-se desesperar e entregar-se à loucura do medo e do abandono em que se encontram.

Mas tem a convicção de que, como mulher forte e corajosa que sempre foi, há que pensar em algo, fazer algo a fim de sobreviverem e poderem deixar aquele lugar inóspito de terror, silêncio e solidão.

Mulder, ainda inconsciente, continua com o corpo cercado pelos braços franzinos de Scully.

Dana, a vista cansada, aturdida, quase a deixar-se dominar pela fraqueza, continua lutando pela vida, junto a Mulder.

Ergue os olhos para o espaço frio e imenso. Nada. Apenas o nada.

Lágrimas rolam de sua face combalida pelo sofrimento e o cansaço. As gotas do sofrimento caem na face inerte de Mulder, que não as pode sentir.

"Ergo os olhos para o alto. De onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra."

A passagem bíblica com as palavras de Davi lhe toca a mente, fracamente. Parece até que seus ouvidos quase congelados captam um tênue ruído. Agarra, com mais força, o corpo de Mulder, que só depende da quentura e apoio do seu para sobreviver. Unir o calor dos seus corpos é o essencial. Scully, novamente, ergue o olhar aturdido e semicerrado pela dor e aflição. Um ponto escuro no espaço enevoadado. E parece mover-se.

Esperança de vida?

Com bem mais força aperta Mulder entre seus braços. Dobra mais as pernas, aconchegando-o a si. Apoia o corpo lânguido dele mais ainda sobre suas pernas enfraquecidas.

Mas têm que viver! Precisam!

"Se desistirmos, eles vencem!"

Lembra da frase que Mulder lhe ensinara.

O ponto escuro parece estar aumentando no espaço, agora.

"Isso significa aproxima-se...?" - Scully indaga em sua própria mente.

Ela tenta, com dificuldade, observar o que vê na imensidão. Percebe que o ruído está se tornando mais audível. Algo que fá-la lembrar o ruído das pás de...

"um helicóptero!!" - capta seu cérebro perturbado.

Ergue a mão e acena, com esforço para aquilo que julga ser sua ... salvação...? Ou perigo? Não sabe.

As forças se lhe esgotam.

O corpo de Mulder, muito pesado, sobre seus enfraquecidos membros, não se move. Continua inerte.

Dana dobra-se para encostar, suavemente, os lábios na face do amado, que não a pode sentir, neste momento. Ela percebe sob seus lábios enregelados, a pele macerada e fria de Mulder.

- Mulder! - murmura, ofegante, quase sem voz.

Ele não a pode ouvir. Não há resposta.

Só o ruído do que imagina ser um helicóptero continua cada vez mais e mais perto...

Seu corpo parece esvaziar-se com a languidez da morte.

Achega-se mais a Mulder. Agarra-o como se fosse ele a essência de seu próprio viver.

Um grande desânimo, porém, toma conta do seu ser. O sono, um terrível sono a embala agora. Seu corpo é como leve pluma pairando no ar...

* * *

- Ô coisa boa...!

- Ahn? O que??

- Você, Scully, me apertando tão gostosamente...!

Dana senta-se. Olha ao redor. Nota que estão ambos no chão, sobre o tapete aconchegante de sua casa.

- Nossa!! - exclama, ofegante.
- Que foi, Scully?
- Engraçado, Mulder, estamos aqui deitados nesse calorzinho bom! No entanto eu comecei a relembrar o terror que nós tivemos que enfrentar naquele inferno gelado da Antártica. Eu estava tão concentrada nos meus pensamentos, que me senti exatamente lá... naquele horror...! Acho que foi como um sonho rápido!
- Ah, lindinha, mas estamos é aqui, em casa, livre daquela situação ruim!
- Vou levantar. - avisa.
- Pra que?
- Pra fazer um chocolate quente pra nós.
- Com bolo?
- Bolo?!
- Ah, Scully, sem bolo não tem graça.
- Vou ver, então, o que posso fazer.

Levanta-se, ajeitando a roupa.

Um choro alto é ouvido.

- Scully, é o bebê!
- Já ouvi, Mulder. Ele está com fome!
- Ah, tá. Já vi que esse lanche só sai daqui pra noite.

Dana ri com as palavras dele. Toma o telefone.

- Vai ligar pra quem? - ele quer saber.
- Depois você vai saber. - diz, afastando-se para a copa e falando algo no telefone.

O bebê continua a chorar.

Dana tira-o do berço. Ele estremece os bracinhos com os punhos fechados.

O rostinho, num semblante de choro, faz emocionar Dana.

- Oh, meu bebezinho! O que foi? - acarinha-o, docemente; prepara-se para amamentar o filho.
- Scully, depois deixa ele aqui comigo! - pede Mulder, de onde se encontra.

Deitado no tapete, mãos cruzadas sob a nuca, olhar mortiço pela hora preguiçosa do dia.

- Ok, Mulder! - ela o responde.

Vários minutos se passam, enquanto Dana alimenta seu filho.

Ela o observa no seu colo, acaricia a cabecinha da criança, enquanto os olhinhos dele a fitam, com uma ternura sem par. Como se falassem: está é a minha mamãezinha, o meu tesouro!

Dana vê que o bebê a fita intensamente, reconhecendo-a, sentindo a doçura de seu toque e de seus sentimentos por ele, um pedacinho do seu ser.

A campainha da porta é tocada.

O bebê estremece com o susto.

- Quem será? - reclama Mulder.
- Você não vai levantar pra abrir a porta? - pergunta Scully, gritando.
- Por que eu?

Mulder a vê já de pé, porém ainda amamentando o seu filho. Ele levanta-se, dando um gemido. Dirige-se para a porta e abre- a

Um rapaz, na soleira da porta, o olha, com semblante sério.

- Quero entregar à senhora. - fala, vendo Mulder fazendo menção de pegar a caixa que tem em mãos.
- Ei! Qual é o problema? - Mulder reclama, em voz alta e em tom de raiva.

Dana aproxima-se com o bebê nos braços.

- Oi! - ela cumprimenta o rapaz e entrega a ele uma gorjeta.

Ele agradece com um largo sorriso.

Mulder está segurando a porta. Ao ver que o rapaz está começando a afastar-se, bate-a com estrépito, antes mesmo que ele desapareça de sua vista.

Mulder pára, observando Dana.

- Ele quis entregar somente a mim, porque sabe que leva uma gorjeta. - ela explica.

Dana nota que ele continua fitando-a, com seriedade no semblante, compenetrado.

- O que foi, Mulder?
- Por que não olha pra você?
- Pra mim?! - ela, com o bebê nos braços, dirige o olhar para onde Mulder lhe indica - O que é, afinal?
- Me dá o bebê. - ele pede e logo segura seu filho - Agora examina a sua roupa.

Dana, intrigada pelo ar sério com que Mulder lhe dirige a palavra, examina a blusa, que tanto impacto havia causado a ele.

- Mas o que é, Mulder?
- Olha aí, Scully! Não vê?
- Mas... afinal...

Mulder aproxima-se; encosta os dedos na parte da blusa que esconde o seu busto.

Dana ri, sentindo cócegas.

- Mulder...?
- Manchado, Scully... e você foi na porta assim.
- Molhado? - ela repara que realmente o leite havia vazado dos bicos de seus seios e molhara-lhe a blusa em dois estratégicos pontos; passa a mão - Aah, eu já havia notado.
- E mesmo assim atendeu aquele... cara?
- Aquele cara?! - ela ri - Mas é só o entregador de pizza!

- É, Scully! Mas ele é um homem!
- Mulder, não me diga que...
- ... que o quê?
- ... você está com ciúme... - ri novamente - ... não acredito!

Mulder dá-lhe as costas, caminhando para outro compartimento da casa.

Ela o segue.

- Mulder, olha só, o que tem o rapaz ter visto minha blusa molhada? Eu sou mãe e estou amamentando!
- Querer parar, Scully? Não tem nada a ver você estar se mostrando pro cara!

Dana leva as mãos ao rosto:

- Você só pode estar brincando! Naquele dia eu achei que você estava fazendo hora comigo, dizendo que eu estava dando bola pro entregador de pizza... mas agora, vendo você fazendo essa cara aí...

Mulder nada fala. Continua, porem, com o semblante fechado.

Dana afasta-se, balançando a cabeça, mas sorrindo com a idéia boba de Mulder.

Dirige-se à copa, a fim de providenciar o preparo do lanche.

Mulder, com o filhinho nos braços, acaricia-lhe a cabecinha de tenros e raros fios de cabelo.

Toma uma das mãozinhas e beija-a, ternamente.

Dana retorna. Vê que Mulder continua sério. Chega bem perto dele, suspende na ponta dos pés o corpo, para alcançar seu rosto e falar-lhe junto aos ouvidos.

- Oi!

Mulder a olha, sem sorrir.

- Não me diga que está zangado comigo!
- Eu?!
- Ah, Mulder, pára com isso! Assim eu vou ficar aborrecida, também! - beija a cabecinha de seu filho e imita voz infantil - O meu papai está zangado com a minha mamãe! E eu não quero que aconteça isso! Eu vou chorar!

Mulder move os lábios num leve sorriso.

Dana continua:

- Mas sabe, minha mamãe, o meu papai é bobo, sabe? Ele fica com ciúme de você, sabendo que tudo seu só pertence a ele! - continua na voz infantil - Papaizinho, não briga com a minha mamãezinha!

Mulder, agora, mostra no semblante o seu sorriso de menino ingênuo e no seu coração a luz da consciência o acusa, avisando de que havia feito tempestade num copo d'água com a atitude inocente de sua amada

- Scully... - balbucia.

Ela suspira profundamente. Não o olha. Está fitando apenas o seu bebê nos braços do pai.

- Scully, eu te amo... muito! Sou um idiota.

- Mulder... eu ... te adoro mesmo sendo tão idiota!

Sorriem. Agora o olhar esquadrinhador dele penetra no olhar indagador dela.

Fitam-se por longos segundos, enquanto ambos encostam seus lábios nas mãozinhas irrequietas do seu filho.

E, aos poucos, pertinho cada vez mais, os lábios se encostam, se unem, se sentem, se acariciam, se degustam, num beijo que começa numa carícia e se transforma num tempestuoso ato de amor.

***"O amor desculpa muitas coisas,
o amor próprio nenhuma."
P. de Kock***

DA COR DA PAZ

"A paz da alma é a chave do mundo."

Charles Wagner

Capítulo 90

A luz da lua infiltra-se em réstias pela janela, banhando com sua cor prateada móveis, objetos e paredes do ambiente silencioso e calmo. Tudo quieto. Somente os pontos luminosos do relógio digital têm seu pulsar sem fim.

As grades do berço brilham sob a luz suave da lua. Os pequenos brinquedos pendurados parecem pedir vida na sua imobilidade, aguardando quem neles os toque.

Dentro do berço a criança. O filho. A esperança. O fruto doce de um amor sofrido.

No teto o lustre a baloiçar levemente pela brisa que o tange. Em compasso lento. Suave. Permanente.

Sobre os móveis os objetos: porta-retratos, jarro com flores, pequenos potes.

Nos lados da cama, no tapete, os dois pares de chinelos.

Sobre a cama dorme o casal.

Silêncio. Ouve-se apenas o ressonar tranqüilo. Alívio para mais um dia de tensão.

Um deles movimentava-se. Uma perna para um lado. O braço dobrado para o outro.

O ruído vem lá de fora. O motor de um carro passando. O som de uma música muito distante.

A mão dele procura o corpo dela. Apalpa-lhe as carnes repousadas.

Ela lança um gemido.

- Ahn...?
- Eu quero...
- Ahn?
- ... você.
- Huum... - espreguiça-se.
- Vem cá...
- Estou aqui... huum?
- Scully... - sussurra, procurando-lhe a boca.
- Huum Mul... - não dá para completar.

Só ouvem cada um dentro de si o próprio coração a pulsar, seus órgãos a latejar desejos.

As mãos dele, sedentas de procura, andam por sobre o corpo dela, desvendando-lhe as íntimas reentrâncias...

- Dana... - murmura, afogueado.
- Você... é Fox...
- Sou qualquer coisa... que você quiser, Dana...!
- Huum...!

Não falam mais. Não precisa.

Dialogam somente seus corpos na linguagem muda do desejo.

* * *

Novamente tudo quieto.

Continua somente o pulsar sem fim dos pontos luminosos no relógio digital.

As réstias de luz da lua continuam ainda a invadir a intimidade do aposento.

Lá, ao longe, uma música dolente e entoada no som suave de um piano.

Algum apreciador da noite.

Silêncio nas ruas. O ruído dos grilos que não deveriam existir nas cidades.

Bem distante, o som das turbinas de um avião cruzando os céus.

O casal dorme, embalado pelo sono gostoso, alimentado pelo amor.

Agarradinhos.

Ela tem a cabeça repousada sobre o peito dele, que a segura, como se não a quisesse deixar fugir jamais, de seus braços. Nem no sono.

E a luz da lua, prateada, ilumina seus corpos sob os lençóis em azul escuro, como o alto do céu.

Um leve choro.

- Ahn? - ela senta-se para ouvir.

Sonolenta, caminha em passos incertos até o berço. Apoia-se nas suas grades. Observa o bebê. Ajeita-lhe o pequeno cobertor, a fim de cobrir o diminuto corpo de seu filho já devidamente agasalhado. Ele calara-se. Fôra apenas como um gemido.

Ela retorna à cama do casal.

Olha para Mulder. Que dorme como uma criança. Jogado displicentemente sobre o leito, feições tranqüilas dos deveres cumpridos.

Ela acaricia-o com o olhar.

É tal e qual o filho. E o filho dorme no berço, tal e qual o pai.

Dana distende os lábios num sorriso. Pestaneja. Pálpebras pesadas. O sono volta.

Olha a luz do luar sobre tudo. Vai até as janelas e cerra as cortinas.

Tudo escurece. O ambiente está sob a penumbra, agora.

Novamente a quietude.

Apenas eles estão lá, em movimento contínuo: os pontos luminosos do relógio digital.

Dana deita-se. Quietamente. Para não acordar o seu amado Mulder.

Olhar parado na escuridão. Nada pode distinguir em cores. Tudo está negro.

Mas seu coração está alvo como a neve, a cor da paz. Que ela deseje usufruir no máximo, em sua vida.

Mas... até quando?

Será que poderá viver em paz junto com o seu amor o resto dos seus dias?

Será que seu filho ficará para sempre imune às perseguições cruéis de seus inimigos?

Fecha os olhos. Quer parar de pensar.

- Scully...?

- Ahn?

- Vamos dormir.

Ele a prende sobre seu peito forte, para, como sempre, sentir o perfume de seus ruivos cabelos.

Silêncio. Agora o descanso, a paz, o repouso, o sono. O esquecimento.

***"O esquecimento é a morte de
tudo quanto vive no coração."***

A Karr

**DEVANEIOS...Imaginação... fantasia... sonho... quimera
SERÁ MESMO...?
Capítulo Extra II**

Amiga,

Antes de começar a ler o texto abaixo, desejo esclarecer-lhe de que tudo o que está escrito não é um devaneio, uma fantasia... não desta vez!

Eu quero é passar esse meu pensamento para VOCÊ somente, minha amiga com quem posso compartilhar do mesmo modo de entender a situação que narro abaixo.

Quando começar a ler a crônica vai perceber sobre o que estou falando. E se você, que não pensa como eu sobre o assunto e não quer deixar vir à tona a VERDADE que pode estar escondida dentro do seu coração, mas não quer aceita-la, por favor não prossiga com a leitura que, porventura, poderá até magoar e insatisfazer o seu interior.

O que, de verdade, não é a minha intenção.

Mas não me critique. Eu não inventei cada fato. Apenas chegou-me ao meu conhecimento, assim como de todos nós.

Eu somente quis colocar nesta página o meu sentimento mais profundo do desejo de ver duas pessoas felizes. É tão bonito!

Coloquei para fora o conhecimento que tenho dos boatos, histórias que se contam através desses oito anos, sobre a vida do casal de atores citado na crônica abaixo.

E não usei a utopia. Somente usei a experiência de uma vida já bastante vivida, a qual o Senhor Deus me concede a graça de usufruir até aqui, com saúde e paz no coração

Então o meu desejo aqui é somente expressar o meu desejo de que eles tenham essa mesma paz, mas sem sofrimentos, nem tristezas, nem desenganos, nemilusões e muito menos decepções.

E estou fazendo isso usando o meu mais profundo respeito pelos dois artistas, a quem amo como seres humanos que são, dignos de toda consideração.

**E a você que me lê, o meu mais terno e compreensivo abraço,
Wan**

PS - Desejo aproveitar este espaço com vocês para sugerir àqueles que concordarem com o assunto acima, que leiam uma fanfic de nome **Libido**, escrita pela Luana Mulder, One e a Angel Scully.

Eu preparei este Devaneio Extra no dia 09.03.01 e li a referida fanfic no dia 27.03.01.

E acho que as duas narrativas encaixam-se perfeitamente.

Está claro que pode ser um exagero de situações narradas nela, mas quem poderá na verdade dizer como é a realidade? Quem?

O PENSAMENTO DE CADA UM DE NÓS

"Foi por um passo distraído que começaram todos os destinos." - disse o poeta.

E assim acontece sempre na vida de cada ser humano.

Na sua vida, na minha... na deles.

É bem verdade.

Tudo começou naquele final de 1993.

Busca por intérpretes, ensaios, tudo o mais que necessitava para a formação de uma equipe de peso, que pudesse levar à frente o sonho daquele surfista inveterado, que havia largado o mar pelas câmeras de TV.

E assim foi formada a equipe, principalmente os personagens principais daquele sonho ainda a ser realizado; uma dupla de agentes federais especiais do Federal Bureau Investigation dos Estados Unidos.

E aconteciam então, as primeiras filmagens, os primeiros preparativos e ensaios.

A convivência. Dezesseis horas por dia no trabalho incessante de tomadas de cena, feitas e refeitas, repetidas e cansativas.

Erros, risos ou às vezes até talvez uma furtiva lágrima toldando-lhes o olhar pela decepção de não terem acertado suas falas em cena.

Num modesto, mas já até quase experimentado ator de pequenos e insignificantes papéis como ele podia ser classificado, com memória fotográfica, como costumava se auto-denominar, o ex-professor de literatura e poeta saía-se muito bem na caracterização do papel que estava representando. Ainda mais que sua escolha para um dos personagens da série fôra motivado por não ser "um cara que não parece um armário, quando vestido num paletó", segundo palavras do próprio criador do programa.

No mais, tudo bem. O rapaz, com seus trinta e poucos anos, saía-se sempre ótimo no seu desempenho.

E a moça? Essa, inexperiente naquela sua nova etapa de vida, havia sido escolhida como a melhor para o papel entre inúmeras candidatas.

"E eu pensei que fossem escolher alguém com longas pernas..." havia comentado ela numa entrevista, fazendo menção à sua pequena estatura.

Mas aí é que estava a chave do sucesso, ou melhor, a chave do que deveria ser um sucesso a partir dali.

A juvenzinha inexperiente de vinte e quatro anos **bem** vividos, com a vida voltada para os prazeres e a rebeldia desde a adolescência, estava então dedicando-se à sua nova etapa de vida: atriz de um sério e promissor seriado de TV.

Diariamente em companhia um do outro, ensaiando cenas, preparando tudo para um bom desempenho, errando e recomeçando, ambos sentiam-se muito à vontade naquele tipo de trabalho e vendo que a cada dia chegavam os elogios, as considerações e comentários.

E sua satisfação pessoal aumentava.

Um dia, há sempre um dia, aquele em que o destino aproveita o passo distraído, veio algo que aproximou mais o jovem casal.

Amor? Hum... não diria tanto, mas talvez mais um sentimento de busca de um prazer desconhecido com alguém que era seu par constante, seu colega, seu amigo e que podia ser... seu amante.

E tornaram-se um só, sem, não se sabe ao certo o porquê, prevenirem-se contra uma possível concepção. Que inevitavelmente aconteceu.

Dias, meses de inteira dedicação e deslumbramento pela nova vida surgida.

E continuava o embalo do bem querer, as atenções nos sets de gravação, as brincadeiras tão naturais, que somente entre dois apaixonados poderia, realmente, acontecer.

Porem algo desfez o encanto.

Talvez a incompreensão de outros; talvez a indecisão do seu próprio querer.

O fato é que veio, em consequência de alguma coisa que encontra-se fora do nosso entender, a separação.

E com ela a dor, a tristeza, a solidão.

Jovens, ainda, os dois, então por que sofrer? Para que?

A jovem não queria e nem podia deixar vir à luz do mundo aquela nova vida a qual havia gerado, sem algo que a pudesse fazer mais segura, o que aliás, não sei bem se é essa a palavra a ser aqui aplicada.

Mas por algum motivo precisava casar-se, a fim de constituir um lar para aquela filha amada, gerada por seu prazer.

O rapaz, como qualquer homem o faria, continuou sua vida de solteiro, já curtindo uma certa fama e, por sua vez, entrava nas delícias dos prazeres da carne, o que acabou por também fazer gerar com uma companheira de folgedos sexuais um novo ser: uma criança.

Mais um casamento. Escondido. Tão misteriosamente secreto, que nem mesmo os colegas de trabalho souberam do fato na época.

E a jovem, seu antigo par que se havia casado anteriormente?

Nesse meio tempo já desfizera seu compromisso matrimonial.

Encontrava-se solteira, novamente.

E o pior. Sentindo-se infeliz e a sofrer a dor do amor perdido. Não por aquele que havia compartilhado do seu lar, mas pelo outro, o anterior, aquele pelo qual seu jovem coração a fizera conhecer o arrasado e complicado sentimento maior: o amor.

E o tempo, o mais cruel inimigo de tudo, de todas as coisas, ah... o tempo foi passando e com ele aumentando o desejo daquele casal de estar juntos, de compartilhar das mesmas coisas, de se unir novamente e então, de verdade, poder enfim... viver!

Mas nem tudo é fácil como se às vezes pensa.

Há o convívio com os que estão ao redor.

Há a responsabilidade e o respeito às pequenas vidas que não pediram para nascer.

Há o desejo de tentar fazer as pessoas mais próximas de si felizes.

E o casal tentava esquecer a realidade que tanto lhe doía por dentro e que lhes arrancava, em momentos de doridos suspiros, pedacinhos do coração e da alma.

A mulher sofrendo, chorando discreta e sentindo, lá dentro do seu coração, que fôra feita na medida certa para os braços daquele homem, o qual amava ainda.

O homem vivendo sua vida de engano, tentando continuar a sobrevivência do lar que havia construído.

Mas ambos sofriam.

Porque na verdade o que desejariam mesmo, sempre, é estarem juntos, ouvindo-se, olhando-se, acariciando-se, amando-se, sem questionar, sem pensar, nem desistir.

E nos sets de filmagens, a cada ano que passava, demonstravam todo aquele sentimento que lhes continuava a inundar o coração.

E permitiam-se, mesmo naquele seu ambiente de trabalho, deixar extravasar esse profundo sentimento em cada olhar terno, profundo, trocado quando contracenavam, que servia para demonstrar aqueles sentimentos pelos quais sempre lutaram e entre os quais o mais importante deles, que sobrepujava até o seu mais correto modo de agir e de pensar: o amor. E este os dominava.

E criavam por si mesmos, deliberadamente, cenas apaixonantes, **não escritas** nos roteiros de suas cenas que prosseguiram a desempenhar no seu trabalho.

E assim podiam viver como os personagens que representavam, fictícios, as suas próprias cenas de carícias e beijos e amavam-se um pouquinho que fosse, não podendo resistir aos desejos incontidos existentes um pelo outro.

Mas o tempo não pára.

A experiência ele vem trazendo. E a idade também.

E o tempo muita situação pode mudar.

Mas a única coisa que ficou mesmo foi o amor. Esse não morreu!

Está enraizado no âmago dos seus corações.

Se podem ver-se sempre que desejam? Ou amarem-se nos momentos que seus corpos os incitam?

Não temos certeza.

Morando muito próximos um do outro, sempre deverá haver uma oportunidade para encontrarem-se, é claro!

Seja na cidade onde moram ou mesmo noutras adjacentes.

O certo, indubitável, é que até hoje persiste o amor.

Aquele amor que nasceu no século passado.

E então? Não é isso? Estamos em dois mil e um...!!

E este novo milênio lhes poderá trazer o sonho realizado, que não necessita mais apenas um furtivo olhar ou um encontro às ocultas.

Pelo mundo inteiro afora, existem aquelas pessoas que negam acreditar nessa paixão entre os dois artistas. Mas que ela existe, nem se discute!!

É como diz aquele ditado: "**Eu não acredito em fantasmas, mas que existe, existe!!**"

O amor existe, **sim** e esse amor, creio, será o certo e duradouro para os dois, pois um dia a velhice vai chegar, a beleza vai fenecer, o esquecimento do público vai acontecer... mas o casal tem que estar desfrutando da companhia um do outro, ajudando-se mutuamente, segurando com mãos firmes o seu amor.

Assim eu espero.

Espero eu ...?!

Esperamos nós todos que lhes queremos tanto bem!

Sejam felizes **David e Gillian!!**

**DEVANEIOS ... IMAGINAÇÃO... FANTASIA...SONHOS...QUIMERA
MAS NEM TANTO...!**

**DEVANEIO EXTRA III
DOR DE CABEÇA**

O homem caminha de um lado para o outro , afobado.

Tantos anos de trabalho, de sucesso, e, repentinamente, vê-se aviltado em seus propósitos de roteirista renomado.

- Mas, afinal de contas, o que está acontecendo aqui? Não está nada sendo conforme eu queria! Essa história já bem está me incomodando!!
- Mas do que se trata? Por que está tão irritado?
- Não é pra menos! Olha só o que anda acontecendo agora!
- E o que anda acontecendo agora? - o outro pergunta, sem entender tanta irritação.
- Os meus personagens! Os meus personagens querem agora fazer o que lhes vêm à cabeça!
- Explique-se, homem! O que é?
- Explicar-me?! Se acabei de dizer!
- Isso? Seus personagens... o que?
- Querem agora fazer o que lhes vêm à cabeça... e... bem... o negócio é que não vem só à cabeça...!
- Você está bem, amigo? - olha-o, preocupado.
- Essa não! Ainda acha que estou delirando...
- Calma, amigo. Vamos ver, então. O que lhe está incomodando?
- O que?! Mas eu já disse!! - resolve abrir o jogo - Olhe aqueles dois.
- Quem?
- Lá... - aponta, irritado - ... no canto.
- Ah, a Gilly e o Dave?
- Não. Absolutamente. Não eles e sim Mulder e Scully.
- Aaah, Mulder e Scully...! E o que tem?
- Não querem seguir meu roteiro como eu exijo!

O outro, ao seu lado, deixa o queixo cair, embasbacado. Imagina que o amigo endoideceu. Já mistura até a fantasia com a realidade.

Coloca a mão nos ombros do amigo:

- Acalme-se, Chris. Acho que está precisando de um descanso. Vem aqui. - chama-o a um canto - Você conversa comigo, desabafa um pouco e daí você passa a se sentir melhor.
- Eu não sei... eu não sei... - passa os dedos entre os cabelos, nervoso.
- Olha, cara, nunca o vi tão confuso!

Recomeçam os trabalhos.

Cenas. Cortes. Retoques. Recomeços.

- Mulder! Não devemos ir pra lá! Há um grande perigo naquele lugar!
- Scully... desde quando eu tenho que me curvar ante suas teorias tão científicas, mas nem um pouco corretas?
- Mulder... eu...
- Pára, Scully! Eu vou até lá, sim! Nada, nem ninguém me poderá impedir!

Scully cruza os braços, com ar céptico.

- Pois pode ir, Mulder, mas não queira minha companhia nessa investigação. Recuso-me a concordar com você!
- Tudo bem, Scully, tudo bem. - sai a passos decididos e retorna até ela, murmurando - Scully... eu quero dizer que, embora você me critique, Scully... mesmo assim...
- O que tem, Mulder?

Ele aproxima-se mais e mais:

- Você é a minha estrela guia, a minha verdade, a minha verdadeira razão em querer viver, somente para me tornar parte de sua existência...

Scully movimentava a cabeça para o lado:

- Tudo bem, Mulder, já disse o que o seu coração pedia. É só? - conclui, friamente.
- Perfeito!! - grita o Diretor, satisfeito.

Mas a cena continua a desenrolar-se no desempenho dos atores.

- Scully... chega aqui.

Ele aproxima-se dela, agarra-a pela cintura, mostrando-lhe quão ínfima e frágil criatura ela é diante de sua figura máscula e forte.

Scully deixa-se enlaçar no êxtase desse gesto doce e terno, embora decidido de Mulder.

E ela permite que sua risada cristalina encha o ambiente com seu som agudo e alegre.

E entrega os lábios vermelhos e carnudos ao poder irresistível da boca sensual e provocante dele, que a atrai.

Contra-regra!! Os meus comprimidos pra dor de cabeça!! Por favor!!

- Só um momento, senhor Carter!

E o beijo trocado entre Mulder e Scully incendeia-lhe os corações, atíça os que os assistem e endoidece aos que os dirigem.

- Corta!! - grita o Diretor.

- Mas que que é isso?! Até quando vocês vão querer me deixar doido, seus malucos? - brada Carter.

David aproxima-se de Carter; coloca a mão em seu ombro.

- Não se perturbe. Com você não haverá represálias...
- Por favor, vocês sabem que sim! Não só a Fox cairá em cima de mim, quanto a ...
- ... já sei, já sei. Não precisa dizer mais.
- Tudo bem. Por hoje é só! - grita o Diretor, por sua vez à equipe.

David volta-se agora para sua colega:

- Vamos, Gilly.
- Ok! Vamos, Dave. Até amanhã, pessoal.

E os dois saem de mãos dadas, trocando olhares e carícias sem fim.

DEVANEIOS ... IMAGINAÇÃO... FANTASIA... SONHOS... QUIMERA

DEVANEIOS EXTRA IV

ENLEVO MUSICAL

Decidi, numa noite quente, ouvir músicas dos episódios de Arquivo-X. Todos sabem, a música nos leva a lugares infinitos, nossa alma navega pelo espaço sem fim, como numa fina onda que, etérea, ondula lá fora. Eu estava ouvindo as músicas. E elas me transportaram à saudade do que poderá vir.

Tudo tem um fim, alguém já disse e todos temos disso conhecimento.

Esse fim está chegando.

É muito duro de aceitar. Mas é a pura realidade.

E esse fim nos trará muita falta, muita saudade.

Difícil aguentar tal realidade.

Mas esta virá, fria e decisiva.

E nós não mais iremos poder assistir, diante da TV, coração pulsando, roendo as unhas, cheios de ansiedade, os episódios desse Seriado que vai nos deixar uma grande nostalgia.

O que poderá preencher nossos vazios na mente ou no coração?

Como citou uma de minhas amigas, a Andréia:

"O Arquivo-X me fez livrar do horror de uma vida vazia de ver novelas e revistas de fofocas."

É, amigas, e agora, ou melhor, e daqui a mais alguns meses, talvez?

Não mais teremos Mulder e Scully, os dois agentes especiais, mas realmente tão especiais, que deixarão nas nossas lembranças o seu modo de ser, de sorrir, de falar, de olhar, de caminhar... de viver.

Neste exato momento ouço a música Misty - tão doce e melodiosa que me enleva e a saudade aumenta; me traz recordações vivas de cenas vividas no Pusher.... aquela cena em que Scully deixa-se afagar pelos braços de Mulder, após passar uma tormenta nas mãos de um assassino e sentir em seguida a doce e forte proteção do seu parceiro.

Ah... depois a Merry Little Christmas - e as cenas desenrolam-se diante de minha mente. Justamente naquele instante em que Mulder e Scully, apontando-se reciprocamente suas armas ameaçam matar um o outro. Cena chocante e dramática! Mas ela me vem à lembrança primeiramente, para

em seguida ser aquela em que os dois, através da vidraça, estão desembulhando os respectivos presentes... e a neve caindo lá fora.

Quanto enlevo me traz a The Sky is Broken - cenas de "all things".
Scully vestindo-se lentamente e ao desviar o olhar em direção à cama...
nossa! É Mulder!!

Cenas tão bonitas, ternas, de verdadeiro romance.

Mas e aí? De que adiantou, se nos querem agora tirar a beleza do Arquivo-X: o amor entre Mulder e Scully?

Speak to me, baby ... the sky is broken... diz a música dolente, com seu acompanhamento compassado e batido, as notas musicais pingando no som melodioso e gostoso... vai findando...

David Duchovny... why don't you love me? - composto por uma fã, dizem, mas sabe-se lá com que prazer ela compôs a melodia? Somente seu coração de fã ardorosa pode dizer...

E nos versos deixa ela extravasar todo o seu desejo, a sua paixão, a sua ternura imensa por um astro de televisão que nem conhece pessoalmente., talvez, mas seu coração já o esquadrinhou fibra por fibra, músculo por músculo, nervo por nervo...

Gillian sussurra palavras compassadas... Extremis.

E a sensação de tristeza pelo que deve contra nós vir a nos atormentar: a saudade.

Extremis.

Twilight Time - naquele episódio tão movimentado, Kill Switch, o qual nada teve de romântico, a melodia me sugere um lindo lugar à beira mar, sob a luz da lua, as ondas quebrando seus alvos colares de espumas sobre a areia esperando aquele afago.

Não sei porque essa idéia...!

A próxima música me deixa em êxtase e sonho.

Imagino Mulder e Scully de mãos dadas, sob o luar, mesmo porque este sempre me fascina. As estrelas cintilando como brilhantes no espaço escuro e infindável. Scully trajando uma roupa cuja saia longa ondula com a brisa do mar.

Fight The Future foi o filme. Resista mesmo ao futuro, Arquivo-X!! Com garra e idéias para que não se acabe antes do tempo!!

E sua música sugere a todas as pessoas sensíveis uma cena muito romântica: Walking After You...

E continuo no meu enlevo.

The Sun Ain't Gonna Shine Anymore... em qualquer lugar onde estiver sempre em minha memória tantas cenas lindas serão a perene recordação de um seriado belíssimo.

Do episódio Post Modern Prometheu. Lindo.

Às vezes fico a meditar como fui descobrir Arquivo-X e a cada vez me deixar embevecido por sua fascinação... e a fascinação está no romance sugerido, no amor sofrido, na angústia que ele sempre traz.

O que acontecerá daqui a mais algum tempo, sem esse Seriado que me tenta minha capacidade de resistir e me fazer querer, por vezes, tentar "deixar pra lá" e não assisti-lo mais.

Mas não dá!

Oh, céus! E essa melodia que ouço agora! Walking In Memphis - transporta-me a um daqueles bailes dos meus anos dourados, naqueles bailes ao lado do meu par... porque sou daquele tempo em que os bailes eram de danças dolentes, com os pares abraçadinhos, cabecinha encostada no ombro do outro, palavras murmurantes aos ouvidos...

Mas voltemos ao presente: Post Modern Prometheu - Mulder estende a mão no seu jeito sedutor de ser para Scully, ela levanta-se, ele aproxima-se, enlaça-a e ela segue-o nos passos da dança... olhos nos olhos... oh cena do meu encanto!! No final de tudo o beijo que não foi ao ar...

Maldade!

Maria... Maria... - no episódio El Mundo Gira

Me faz recordar minha juventude na voz suave, melodiosa de Johnny Mathis

Porem esse nome sugere-me, embora agrade a poucos, A Noviça Rebelde... Maria... sua linda paixão pelo Capitão Von Trapp, que inspirou-me um romance que escrevi em 1973: A Rosa Branca. O livro teve mais de 300 páginas!

Mulder e Scully? Nesse episódio que não chamou-me a atenção, não gostei. Não tinha shipperia...!

A canção seguinte é de Hollywood A.D. Será que foi o David quem a escolheu para a trilha do episódio? Relembra meus tempos nos braços de um namorado nos passos de um gostoso ritmo do bolero... boa escolha! Pueblo Nuevo é o seu título.

No ritmo quente e rápido lembro-me dos idos anos 70: Shaft Theme - episódio Bad Blood.

Ritmo batido, quente, instigante, malemolente.

Minha fraqueza, meu vício, minha mania... será mesmo que falta pouco para que eu possa usufruir das belíssimas cenas que vejo com Mulder e Scully...?

My Weakness... - Closure - ... parece que vejo Mulder sofrido, debilitado, órfão, em prantos, nos aconchegantes braços da amada, que o protege, o afaga, como se quisesse tomar para si toda aquela dor que se apossara dele.

Canção belíssima que nos transporta a lugares irreais, sobremaneira.

La Mer... canção francesa que aparece como.. Somewhere Beyond The Sea

Episódio Beyond The Sea.

Faz relembrar-me os tempos de adolescência, colégio, namoradinho louro... La Mer... e eu era ótima aluna em francês. Cadê o meu francês?!

Mulder e Scully só me lembra a linda foto dos dois em cena, jovens, lindos... de viver!

As cordas de um melodioso violão entoam a música seguinte: Hotel Califórnia. -

Bárbaro! E tocado ao vivo. Não sei onde. Muito aplaudido. Onde será?

Dias chuvosos e segundas-feiras... linda, singela canção, lenta e gostosa.

Episódio Rain King.

Sabe o que me faz lembrar? Os olhares enlevados de Mulder e Scully aprofundando-se um no outro, acariciando-se, dialogando, entendendo-se... tudo com apenas o olhar.

A festa da Sheila e o Holman... - Rock The Boat .

Mas isso apenas me faz recordar junto ao meu "toca-discos" daqueles de vinil, em som estereofônico, o meu prazer, o meu tesouro guardado às dezenas dentro de um móvel.

Somewhere Over The Rainbow... música nostálgica, aquela no final do episódio.

Eu, shipper incorrigível, não deixaria Mulder e Scully terminarem assim, sem um entendimento, sem uma maior aproximação, sem um beijo selando o seu doce amor.

Não sei se o nome já sugere o espaço sem fim, mas a música nos faz ir à amplidão do céu azul, entre as nuvens dissipando-se ao vento que corre rápido, tocando-as naquela imensidão.

Sim, a próxima não traz dúvidas. - Sing, Sing, Sing - Seu ritmo dos anos trinta, nos traz à memória justamente aquela Scully de cabelinho muito curto, correndo com Mulder através do convés do navio. Maravilhoso!!

Lembra-me duas coisas: sou dos anos 30, e, muitas vezes andei por aqueles convés e corredores de navios, viajando sem parar, conhecendo terras.

Os confortáveis camarotes. Os salões de refeições com as canções de piano tocados ao vivo. Os salões de festas... desfiles das jovens passageiras mais bonitas do navio ... e eu estava lá, participando!!

É moçada! Já tive a minha fase de jovem bela, podem acreditar!

E, misturando tudo em minha cabeça, aquele beijo prolongado do Mulder na Scully de 1939.

E que, segundo ele, no set de filmagens, com aquela carinha irônica que lhe é familiar, olha para a entrevistadora e diz: "Pergunte à Gillian se ela pode classificar aquele como um "beijo Molhado?"

Resposta da Gillian: "É, na verdade, foi um beijo molhado!"

Geeente, e aquele final com as Three Words mais lindas que já vi acontecer entre eles e a burrinha da tapada da Scully não acreditou?! Scully... I love you.

E assim terminei o meu enlevo musical, sentimental, saudosa de tudo; desde a minha juventude que não volta mais, até ao próximo fim do maior Seriado de todos os tempos.

Assim é, pois se houve tantas Séries cujos enredos eram magníficos, tudo certo, mas Arquivo-X possui o principal tema para o sucesso certo: **o amor.**

DEVANEIOS...Imaginação...Fantasia... Sonho... Quimera...

CAPITULO EXTRA V

HOMENAGENS

Eu gostaria, ah... eu bem que gostaria de poder não me deter em certas coisas.

Mas acontece que elas me encham de enlevo o coração no contentamento transbordante de um encanto por fatos que vejo acontecerem em torno de mim ou simplesmente deles tomo conhecimento.

Eu gostaria, ah sim... eu gostaria de poder não ter nunca que discutir favoritismos por esse ou por aquele ator ou atriz.

Mas considero para mim totalmente impossível.

Quão impossível é deixar de ver as coisas lindas que me arrebatam o coração, enchendo-o de infinda emoção!

Mas, na verdade, este Devaneio trata de comentar homenagens, simples dedicatórias a um ator.

Um ator de TV!! Em sua terra pouquíssimo cotado, comparando-se aos astros de cinema! E ele é de um simples show de televisão! Um seriado! Coisa banal!

Mas acontece que lhe prestaram homenagens.

Lindíssimas por sinal e que me faz bem ver, comentar e saber que fãs conseguiram realizar tais tarefas. Quisera ter sido eu a elaborar tão belíssimas homenagens!

Numa delas em estrofes de uma canção, posso sentir a inspiração que vem lá do fundo do coração! Lá do mais íntimo da alma!

Perfeito! Lindo! Feliz! Engraçadinho! Ingênuo! Sensível! Singelo! Mas genial!!

**So smooth and so smart
He's abducted my heart
And I'm falling apart
From the looks I've received
From those eyes I can't believe
Well you can say I'm naive
But he told me to believe...**

Ooooooooo...

David Duchovny

**Why won't you love me?
Why won't you love me?
Why won't you love me?**

Em outra dedicatória, os versos de Pablo Picasso, numa extrema sensibilidade componto uma gravura onde mostra a cadeira vazia do ator no set de gravações e o agradecimento de um grupo de fãs:

**There are painters who transform
The sun into a yellow spot
But there are others who
Thanks to their art and intelligence
Transform a yellow spot
Into the sun.**

Thank you David Duchovny

Em outra belíssima homenagem prestada pela Ale do MAD, o imenso sentimento que exala de seus escritos:

"... e tudo isso poderia ser visualizado em seus olhos claros e de uma transparência alarmante... como se esse espírito fosse saltar pela tela e tocar a face do outro lado...

**adeus olhos verdes, tristes e apaixonados...
adeus a masculinidade inteligente e moderna, mescla de força e sensibilidade...**

**adeus choros solitários e contidos...
adeus ao olhar mais intenso da TV...
adeus jaqueta de couro preta...
adeus calças jeans e camiseta cinza...**

Ele soube a hora certa de sair de cena, sua imagem limpa, clara, fiel e altiva... no apagar das luzes, sobra apenas um fundo negro... talvez um grande "X" ao centro, e ao olharmos fixamente poderemos ler o que de bom ficou... respeito, saudades... de Fox William Mulder..."

E deve ser tocante para ele, o ator, saber-se tão amado, tão devotadamente apreciado!

E também é para mim gratificante tê-lo visto numa tela de TV durante muitos anos, contribuindo para que meu coração não ficasse restrito às mesmices deste mundo frio, sujo, vazio e cruel.

Sim, porque é uma contribuição dele muito especial para com todas aquelas que o amam como se fosse ele alguém de sua mais íntima convivência!

Porém não passa ele de apenas um ator. O criador de um carismático personagem. Que permanece bem longe da nossa realidade.

Mas que me agrada. E me enche de alegria a cada vez que posso ver seu sorriso de menino ingênuo, seu olhar perscrutador, seu caminhar desajeitado, seu jeito displicente de ser.

PARABÉNS AUTORAS DAS HOMENAGENS

**OBRIGADA, ASTRO DE PRIMEIRA GRANDEZA DAVID
DUCHOVNY!**

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO... QUIMERA

DEVANEIO EXTRA VI

OLHARES...

Sempre sentimos que, quando nos escapa das mãos alguma coisa do que gostamos, nosso coração sofre. E como sofre!

Acontece assim quando perdemos algo que nos enche de satisfação, algo que nos resplandece o espírito, enchendo-nos de infinda alegria.

Assim é o que acontece agora... por causa do Arquivo-X. Estamos sofrendo...

Nós o estamos perdendo... aos pouquinhos... conforme se vão desenrolando os últimos episódios da oitava temporada...!

A comunidade shipper já está sofrendo as agruras de uma saudade.

Que pena!

Como será preenchido o vazio que vai ser deixado nos corações por essa falta da doce cumplicidade dos dois Agentes Especiais?

Nunca mais poderemos ficar absortas com as atitudes do David Duchovny, sim, dele porque são dos atores as atitudes, os gestos, o modo de olhar, mesmo porque não dá para desprender de sua personalidade, transferindo só para o personagem fictício as características que cativam a multidão de fãs...!

Aquele jeito de ser, um tanto displicente, a maneira diferente de falar, quase nem chegando aos nossos ouvidos o seu palavrear, na maneira pra lá de diferente de pronunciar as frases com a boca quase fechada... aquela boca bem desenhada, sensual, deixando sair a voz carregada de bolinhas de gude que se lhe deslizam pela garganta... os olhos inquisidores que parecem querer vasculhar a alma da Scully... a maneira de andar balançando levemente o corpo grande, cujas mãos de longos dedos parecem cuidadosos e leves ao tocar...

E a Gillian?

A figura pequena, frágil, mas cheia de personalidade da Dana Scully na sua circumspecta personagem?

Os seus olhos são das poucas raridades existentes neste mundo por sua expressão e ao mesmo tempo ingênua sensualidade. A cor transparente onde parece-nos poder ver o azul do céu sempre refletido neles...!

O modo de ser da personagem que enfrenta com garra e maestria todos os perigos, na coragem fantástica que lhe coordena os gestos e a mente.

Ela nos passa essa força e determinação de fazer com que nada possa detê-la em seus propósitos de mulher valente.

Quantas palavras mudas seus olhos lançam para o parceiro? E quantas vezes em cada empolgante episódio a vemos em sua magistral interpretação?

Mas agora... analisemos o outro lado da história desses atores.

Mas será mesmo que aqueles olhos do casal de atores, que “falam”, estão dizendo estritamente o que pede a exigência de seus personagens, agem superficialmente ou vem mesmo lá do fundo de suas almas, do âmagos de seus corações aquele olhar, aquela “fala”, aquele apelo por amor? Será mesmo que, embora sendo apenas a troca de olhares de atores que interpretam muito bem o seu papel, não há algo mais que os leva à realidade de um amor contido?

Será que, na verdade, haveria a necessidade de agirem com tanta autenticidade na troca desses olhares?

E se assim é, por que, então, não conseguimos nós assistir ainda, a algum filme interpretado por um deles, independentemente, em olhares trocados com a mesma intensidade conforme existe dentro do Arquivo-X?

É uma questão de exclusividade? Exigência dos produtores do Seriado?

Somente os seus corações sabem a verdade, no entanto.

Nós aqui ficamos apenas fazendo conjecturas do que pode existir mesmo entre os dois atores.

E sonhamos. E imaginamos. E fantasiemos coisas que nem devemos até!

E entramos sempre em eternos devaneios...!

“O sonho é uma borboleta liberta do casulo da realidade.”

I.Beltoft

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO... QUIMERA

Devaneios Extra VII

SÓ FICA A SAUDADE

Noite Fria. TV ligada. Aguardando o começo do programa seguinte. Desligamento total do que está à volta. Torcida para que os minutos logo se passem e entre a programação esperada. Arquivo-X. O Seriado que tomou conta de pessoas do mundo inteiro. Raridade. Difícil encontrar-se shows com essa capacidade em reunir tantos apreciadores.

Ora, graças a Deus é chegado o momento tão aguardado. E mais um episódio se desenrola na tela.

A história dos necromantes para Mulder e Scully investigarem com a sua experiência e capacidade.

As cenas passam-se diante dos meus olhos atentos. Eu acompanho cada cena, cada passo, com interesse. Chega o final.

O Ano Novo. O novo milênio. A esperança.

Mas me faz mal, sabem o que? A música. Na nossa tradução é como segue:

**"Adeus amor, eu vou partir
ouço ao longe um clarim
mas onde for irei sentir
os teus passos junto a mim..."**

Como a música maltrata! Oprime. Amedronta, até.

Porque faz-nos vir à mente a saudade. A ausência. O adeus. A falta. E apresenta-se diante da tela a cena final. O beijo. Um simples beijo. Um leve toque. Mas existe a emoção.

E aqueles dois rostos me deixaram implantada no coração a emoção. Por que?

Porque nunca mais poderei ver os dois personagens Fox Mulder e Dana Scully. Porque nunca mais terei esses dois diante da tela da minha TV fazendo cenas onde o desempenho correto de cada um pode ser acompanhado com prazer e atenção.

Fico imaginando o que virá daqui para a frente. Esse episódio eu assisti - talvez pela trigésima vez - agora, à zero hora do dia 3 de agosto deste ano. E depois? O último? O derradeiro?

Como irei me sentir no episódio Existence?

Se para os próprios atores tal encenação, além de emocionante, transformou-se num momento de saudade onde até as lágrimas inundaram-lhe os olhos saudosos, imagine esta pobre criatura aqui que lhes está escrevendo, como poderá ficar?

Sinceramente, a comoção tomou conta do meu coração e eu senti saudades.

Saudades. Saudades de Mulder e Scully.

Nunca mais eles estarão a dar-me o prazer de vê-los juntinhos.

E daí, cadê os meus personagens favoritos?

Cadê os inspiradores das minhas histórias shippers?

Cadê os momentos românticos dentro do Arquivo-X?

Cadê aqueles toques de mão? Os olhares extasiados um para o outro?

Cadê o sorriso ingênuo de menino do Mulder com seu olhar perscrutador ou o sorriso levemente malicioso e olhar azul e repleto de indagações da Scully?

Somente a saudade vai ficar.

Só a saudade vai abater o meu coração com a tristeza e a desesperança.

E as lágrimas, com certeza, inundarão meus olhos carentes ao ver novamente o casal de Agentes do FBI mais bonito e charmoso que já existiu e mais tarde sentirei saudades desta década privilegiada em que vivi e na qual fãs do mundo inteiro tiveram a vantagem de usufruir da Série mais culta, inteligente e séria deste nosso planeta tão tumultuado e frio de sentimentos.

Adeus Mulder e Scully!

Vocês permanecerão para sempre na lembrança dos sensíveis, aqueles que, para sempre, continuarão com vocês em seus sentimentos e em seus eternos devaneios...!

DEVANEIO...IMAGINAÇÃO... FANTASIA.... SONHO... QUIMERA...

DEVANEIO EXTRA IX

M&S - DIVAGAÇÕES NA NOITE

Noite morna.

O ruído infinito dos grilos a ecoarem pela escuridão entre as árvores.
Latidos dos cães ao longe. Vez em quando o piado triste de um pássaro noturno

que canta.

No céu azul fechado os bilhões de estrelinhas cintilantes apagam-se e se acendem no movimento da nuvem que se forma e

que encanta.

A luz prateada da lua faz brilhar como jóias as folhas das árvores e pétalas das flores.

A suave brisa morna faz balançar as copas dos arvoredos,
cintilando cores.

Quatro mãos. Dedos entrelaçados na

pele quente.

Olhar voltado para o alto do céu escuro. Os corpos encostados num caminhar lento.

Passos compassados.

Pensamento ardente.

Dois seres humanos. Que se amam. Fox e Dana. Mulder e Scully.

Sorriso direcionado ao outro sorriso. O beijo no olhar. Amor. Suavidade.

Tontura.

A felicidade desses momentos tão raros. De paz. De sossego. Segurança.

Ternura

A lua para eles parece sorrir, desejando-lhes dar o infinito para colocar
a seus pés.
Agora tudo bem. Tudo em paz. Mas pode em qualquer hora tudo mudar.
E a angustia chegar. O medo. A saudade. A perseguição. A abdução.
O revés.

E eles têm algo em quem pensar agora. O fruto de
sua esperança.
Da sua certeza do amor que sentem.
A sua criança.

Mas o mal pode novamente acontecer e deixar o estarrecer. A infelicidade.
O desejo
de nem viver.
Mas lutam por seu amor. Lutam por sua paz,
por sua vida
com prazer.

E o céu é testemunha de que desejam que tudo prossiga e que possam então
viver. Sem medo. Sem destruição.
Sem dor.
As mãos entrelaçadas continuam a se apertar. Num gesto de aconchego e
de
compreensão recíproca e
de amor.

E a luta dos Agentes vai continuar. Sempre. Buscando. Tentando mostrar
cada um a garra de seu coração destemido.
Valente.
No seu modo de vida alucinado, com mil problemas a passar, mas com o
amor

sempre presente.

POEMINHA SHIPPER

Sinto tanta tristeza de lembrar
que um dia Arquivo-X vai acabar!
Sinto o coração se me apertar
porque já não mais poderei sonhar.

Não poderei mais assistir
numa ansiedade esperando vir
na tela a voz do David ouvir
e o azul dos olhos da Gillian descobrir.

Ah, que pena! Não dá nem pra insistir
nessa coisa que não posso definir!
O que será de nós shippers daqui pra frente,
se não haverá mais romance na tela da gente?

E o que, enfim, iremos escrever
pôr no papel ou no micro e deixar viver
os personagens que queremos dar vida,
se dos mesmos só fica a saudade dorida?

Pois é, amiguinhas a quem quero bem,
vou terminando aqui minhas fantasias também
Um beijo pra todas da Lista e de outros meios
pois todas nós vivemos em eternos devaneios...!

EPÍLOGO

Eis o meu terceiro livro Devaneios.

Nele coloco as pequenas, mas sensíveis histórias sobre a vida pessoal de Mulder e Scully.

Como fico feliz em poder tê-lo elaborado! Fico mais feliz ainda, por saber que, à medida que esse Folhetim vai sendo publicado através do nosso site na Internet, mais leitores ainda, eu vou conseguindo angariar.

É gratificante podermos fazer o que nos agrada o coração. E é isso o que, exatamente, gosto de fazer. Criar, com esses personagens, os quais aprecio como se fossem seres de verdade, cenas que possam transmitir emoções. Que nos arrebatam a mente e nossa sensibilidade.

Mulder e Scully são, exatamente, personagens fictícios tão reais para nós, eXcers shippers, que nós podemos sentir o desejo de acompanhá-los, passo a passo, em seu caminhar, através do Arquivo-X.

Como eu já havia adiantado no livro anterior, Devaneios 2, muita coisa está acontecendo e, com a chegada da nona temporada, aproxima-se o fim da famosa Série, que tanta inspiração nos traz.

É um final complicado e totalmente contrário às nossas esperanças.

Sómente resta-nos esperar.

Na verdade, não sei se este será o último livro que faço para meus Devaneios, mas, certamente, que as minhas escritas continuarão, até o dia em que não haja mais leitores para elas.

E é por isso que aqui estou, para agradecer-lhes ter lido este Folhetim e me incentivarem, a cada semana, acompanhando os meus devaneios...

Wanilda Vale

Rio de Janeiro

26.09.2001

E-mail wanshipper@yahoo.com.br

Site – wan.shipper.nom.br